



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

MARIA ADRIANA LEITE ALVES

**A SOCIOLINGUÍSTICA E AS NARRATIVAS POPULARES: A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA DO CONTO AO RECONTO**

CAJAZEIRAS-PB

2016

MARIA ADRIANA LEITE ALVES

**A SOCIOLINGUÍSTICA E AS NARRATIVAS POPULARES: A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA DO CONTO AO RECONTO**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras, na área de concentração *Linguagens e Letramentos*, linha de pesquisa *Leitura e Produção textual: diversidade social e práticas docentes*, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

A474s Alves, Maria Adriana Leite.
A sociolinguística e as narrativas populares: a variação linguística do conto ao reconto / Maria Adriana Leite Alves. - Cajazeiras, 2016.
144p.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.
Dissertação (Mestrado profissional em Letras) UFCG/CFP, 2016.

1. Sociolinguística. 2. Conto popular. 3. Variação linguística I. Arrais, Maria Nazareth de Lima. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

MARIA ADRIANA LEITE ALVES

**A SOCIOLINGUÍSTICA E AS NARRATIVAS POPULARES: A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA DO CONTO AO RECONTO**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras, na área de concentração *Linguagens e Letramentos*, linha de pesquisa *Leitura e Produção textual: diversidade social e práticas docentes*, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: ___/___/_____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais
(UAL/UFCG - Orientadora)

Prof. Dr. Josivaldo Custódio da Silva
(UPE – Examinador 1)

Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva
(UAL/UFCG– Examinador 2)

Prof.^a Dr.^a Rose Maria Leite Pereira
(UAL/UFCG – Suplente)

À minha pequena **Isabela**, presente que Deus me enviou durante o Mestrado. Meu amor, minha inspiração e minha mais perfeita obra.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ser o meu guia e está sempre ao meu lado. Sem Ele, não teria dado nem o primeiro passo.

A todos os meus familiares, especialmente a minha avó, Maria das Dores, à minha mãe, Francisca Nilza, a meu pai, Raimundo Alves, e irmãos, Tassiano, Ernando e Carlos, por todo o apoio e incentivo dados.

Ao meu amado esposo, Márcio, por ser o meu cúmplice e incentivador.

À minha filha Isabela, por ser luz impulsionadora.

Aos queridos professores do Profletras, que contribuíram com orientações adequadas para a minha formação.

Às professoras Rose Maria Leite de Oliveira e Maria da Luz Olegário, pelas contribuições feitas na ocasião do Exame de Qualificação.

Aos colegas de profissão e do Profletras, pela partilha de conhecimentos que muito engradeceram a minha prática, especialmente, às amigas Wilka e Maria Vanda, pela amizade e parceria construídas durante o curso.

Aos contadores de histórias, por me conceder tão belos momentos ao ouvi-los, os quais foram valiosos para a minha pesquisa.

A todos os meus alunos, por serem meus incentivadores e construtores do conhecimento coletivo, fazendo com que eu esteja em constante aperfeiçoamento.

À CAPES pela ajuda financeira concedida durante a pesquisa.

Às secretárias da Coordenação do Profletras pela presteza no atendimento aos alunos.

Aos coordenadores Onireves e Jorgevaldo pela luta constante em melhorar a nossa caminhada.

Enfim, a todos que durante esta curta, mas intensa caminhada estiveram comigo.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha orientadora

Professora Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais,

Por ser essa pessoa encantadora, simples, competente, capacitada, dedicada, que tão bem me acolheu, sendo eu apenas uma iniciante, conduzindo-me, majestosamente, pelo caminho da pesquisa científica. Tenho e terei o enorme orgulho de dizer que fui orientada por uma professora responsável, que ama o que faz e se compromete a fazer tudo com perfeição.

À senhora, minha eterna gratidão e reconhecimento.

*Para não ficar jogado
No meio do anonimato
Aquele conto contado
Agora se torna um fato
Adriana Leite tem
Condição de fazer bem
A divulgação q'eu combino
Para ficar na memória
O que faz parte da história
Do folclore nordestino*

*O que minha vó contava
Como conto continua
Eu lembro quando escutava
Naquelas noites de lua
A Lenda do Boqueirão
Pra muitos não é lenda não
É verdade pra criançada
Que nasce na nossa terra
Acredita que na serra
Tem a princesa encantada*

(Raimundo Custódio Neto, Mundoquinha)

RESUMO

A literatura popular tão rica em cultura, conhecimento e saber vem sendo disseminada através das gerações. Tal área do conhecimento faz comunhão com a Sociolinguística, uma vez que ambas referem-se à língua em uso, língua falada por todos. Nesse direcionamento, este trabalho propôs analisar a variação linguística, especificamente os processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias, nas narrativas populares. Os seguintes objetivos específicos foram: coletar contos na comunidade de Lavras da Mangabeira – CE; selecionar os contos a serem recontados em sala de aula; promover momentos de reconto em sala de aula; selecionar versões recontadas para análise; descrever os processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias do *corpus*; e comparar os processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias entre o conto e o reconto. Assim, as categorias de análise são os processos fonológicos: a monotongação e o alçamento das vogais médias. Usamos como base teórica a Sociolinguística Laboviana ou variacionista, tendo como principal teórico William Labov. Os contos como primeira parte do *corpus* foram levantados na cidade de Lavras da Mangabeira-CE, e os textos do reconto dos contos, como segunda parte do *corpus*, foram levantados numa turma de 9º ano, modalidade EJA, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra. Os três contos foram: *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-CE*, *A Lenda do Boqueirão* e *A imagem de São Vicente Férrer*. Ao todo, o *corpus* constituiu-se de 06 textos: 03 contos e 03 frutos do reconto. Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa. Inicialmente verificamos a variação nos contos e nos recontos, quantificamos em tabelas, posteriormente, demonstramos os percentuais em gráficos, em seguida fizemos o resumo das quantidades e percentuais para, em seguida desenvolvermos uma compressão do fenômeno. Das análises, evidenciou-se que, tanto os moradores quanto os alunos da comunidade de Lavras da Mangabeira-CE fazem uso, em abundância, desses processos fonológicos. Dessa forma, os processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias são muito comuns na fala espontânea dos contadores, pois as palavras proferidas propícias ao processo, assim foram monotongadas e alçadas. As ocorrências de variáveis tanto no conto quanto no reconto, ora obtiveram resultados semelhantes, ora diferentes.

Palavras-chave: Conto popular. Sociolinguística. Variação linguística.

RESUMEN

Popular literatura tan rica en cultura, el conocimiento y el conocimiento ha sido difundida a través de las generaciones. Tal campo del conocimiento hace comunión con la sociolingüística, ya que se refieren a la lengua en uso, idioma hablado por todos. En este sentido, este trabajo propone analizar la variación lingüística, específicamente procesos phonological de monophthongization y aumento de la Media vocal, en narraciones populares. Los siguientes objetivos específicos fueron: a recoger cuentos en Lavras da Mangabeira-CE; Seleccionar los cuentos para ser contados en el aula; promover momentos de volver a contar en el aula; Seleccione versiones contadas a análisis; describir los procesos fonológicos de monophthongization y vocal media creciente corpus; y comparar los procesos fonológicos de vocal media monophthongization y levantamiento entre el cuento y volver a contar. Así, las categorías de análisis son procesos fonológicos: el monophthongization y el aumento de las vocales. Uso como base teórica la sociolingüística Laboviana o variacionista, teniendo como principal teórico William Labov. Los cuentos como la primera parte del corpus se han planteado en la ciudad de Lavras da Mangabeira-CE, y los textos de volver a contar las historias, como la segunda parte del corpus, fueron levantados en una clase de noveno grado, EJA, en primaria y secundaria Alda Ferrer Augusto Dutra. Las historias de tres: el escape de Lampião en Lavras da Mangabeira, Boqueirão leyenda y la imagen de Santo Vincent Ferrer. En total, el corpus de textos era 6:03 y 03 frutas cuentos de volver a contar. Es una investigación cuantitativa y cualitativa. Inicialmente verificar la variación en las historias y en las cuentas de cuerpo civiles, hemos cuantificamos en tablas más adelante demuestran los porcentajes en los gráficos, a continuación, hizo el Resumen de cantidades y porcentajes para luego desarrollar una comprensión del fenómeno. Los análisis mostraron que tanto los residentes como los estudiantes de la comunidad de Lavras da Mangabeira-CE hacen uso, en abundancia, estos procesos fonológicos. De esta manera, los procesos phonological de la vocal media monophthongization y levantamiento son muy comunes en el discurso espontáneo de los contadores, hacer lo conducentes al proceso, así que fueron monotongadas y jurisdicción. Ocurrencias de las variables en el cuento y la narración, a veces obtienen resultados similares, sin embargo diferentes.

Palabras claves: **cuento popular. Sociolingüística. Variación lingüística.**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS:

Figura 01: Variação e variantes	42
Figura 02: Tipos de variação (dentro da língua)	43
Figura 03: Tipos de variação (fora da língua)	44
Figura 04: Cidade de Lavras da Mangabeira- CE	54
Figura 05: Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra.....	57
Figura 06: Gruta do Boqueirão, Lavras da Mangabeira-CE, 2015	66
Figura 07: Primeira imagem de São Vicente, 2015	67

QUADROS:

Quadro 01: Contexto de aplicação da monotongação	47
Quadro 02: Aspectos físicos da Escola Alda Férrer	58
Quadro 03: Caracterização dos contadores	61
Quadro 04: Codificação dos contos.....	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Quantificação de monotongação no conto FLLM	81
Gráfico 02: Quantificação de monotongação no conto LB	82
Gráfico 03: Quantificação de monotongação no conto ISVF	82
Gráfico 04: Quantificação de alçamento das vogais médias no conto FLLM	83
Gráfico 05: Quantificação de alçamento das vogais médias no conto LB	83
Gráfico 06: Quantificação de alçamento das vogais médias no conto ISVF	84
Gráfico 07: Quantificação de monotongação no texto do reconto FLLM	91
Gráfico 08: Quantificação de monotongação no texto do reconto LB	92
Gráfico 09: Quantificação de monotongação no texto do reconto ISVF	92
Gráfico 10: Quantificação de alçamento das vogais médias no texto do reconto FLLM	93
Gráfico 11: Quantificação de alçamento das vogais médias no texto do reconto LB	93
Gráfico 12: Quantificação de alçamento das vogais médias no texto do reconto ISVF	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Monotongação no conto FLLM.....	73
Tabela 02: Monotongação no conto LB	74
Tabela 03: Monotongação no conto ISVF	75
Tabela 04: Alçamento das vogais médias no conto FLLM.....	76
Tabela 05: Alçamento das vogais médias no conto LB	78
Tabela 06: Alçamento das vogais médias no conto ISVF	80
Tabela 07: Monotongação no texto do reconto FLLM.....	86
Tabela 08: Monotongação no texto do reconto LB	87
Tabela 09: Monotongação no texto do reconto ISVF	87
Tabela 10: Alçamento das vogais médias no texto do reconto FLLM.....	88
Tabela 11: Alçamento das vogais médias no texto do reconto LB.....	89
Tabela 12: Alçamento das vogais médias no texto do reconto ISVF	90
Tabela 13: Síntese dos resultados quantitativos do processo fonológico de monotongação entre contos e textos dos recontos	95
Tabela 14: Síntese dos resultados quantitativos do processo fonológico de alçamento das vogais médias entre contos e textos dos recontos.....	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALIB	Atlas Linguístico Brasileiro
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CD	Compact Disc
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
NURC	Norma Linguística Urbana Culta
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
VARSUL	Varição Linguística no Sul do Brasil
VALPB	Varição Linguística da Paraíba
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO	23
2.1	ORIGEM E CONCEITOS.....	23
2.1.1	<i>SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA</i>	28
2.1.2	<i>SOCIOLINGUÍSTICA ETNOGRÁFICA</i>	29
2.1.3	<i>SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL</i>	30
2.2	LÍNGUA E SOCIEDADE	33
2.2.1	<i>HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA</i>	37
2.2.2	<i>MUDANÇA LINGUÍSTICA</i>	39
2.2.3	<i>VARIAÇÃO LINGUÍSTICA</i>	40
2.2.4	<i>MONOTONGAÇÃO E ALÇAMENTO DA VOGAL MÉDIA</i>	46
2.2.5	<i>A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA</i>	48
3	ESPAÇO, COLABORADORES E CORPUS EM DIÁLOGO COM A TEORIA	54
3.1	LAVRAS DA MANGABEIRA: ENTRE UM CONTAR E OUTRO	54
3.2	QUEM CONTA UM CONTO	58
3.3	OS CONTOS: MEMÓRIAS (RE) CONSTRUÍDAS	62
4	ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS CONTOS POPULARES	72
4.1	ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DOS CONTOS	72
4.2	ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DOS RECONTOS	85
4.3	ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE CONTO E RECONTO	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS	108
	ANEXOS	114
	ANEXO 01 - A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira- Ceará.....	115
	ANEXO 02- A lenda do Boqueirão	122
	ANEXO 03 - A imagem de São Vicente Férrer	125
	ANEXO 04 - PROPOSTA DE RECONTO: agora é sua vez... ..	128
	ANEXO 01A - A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira- Ceará.....	139
	ANEXO 02A - A lenda do Boqueirão.....	141
	ANEXO 03A – A imagem de São Vicente Férrer	142
	APÊNDICES	143

APÊNDICE A – Autorização da Instituição de ensino	144
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido	145

1 INTRODUÇÃO

Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular. O conto é um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação.

(Câmara Cascudo)

A literatura popular é tão rica e valiosa que vem ganhando maior espaço com o surgimento das novas tecnologias, as quais contribuem para uma maior divulgação, em todas as camadas sociais, das inúmeras manifestações artísticas que a compõem. Dentre essas manifestações estão às narrativas populares, que representam a memória social de uma comunidade, guardadas e transmitidas, com alterações, pelo povo, como verdades universais. Fazem parte da tradição popular, servem para rir ou para chorar, transmitem lições de vida para as pessoas.

O conto popular, transmitido oralmente há séculos, passa por mudanças no cenário atual, pois antigamente ouvíamos as histórias nas casas dos nossos avós, contadas por eles ou amigos da família, geralmente à noite, como forma de entretenimento; atualmente as contações de histórias continuam, no entanto, através daquele e de outros meios de veiculação, como as mídias sociais.

O importante e o que prevalece é, a memória e a imaginação das pessoas que continuam cada vez mais aguçadas e criativas, pois não perdemos, nem perderemos o prazer de contar, ouvir/ler textos que marcam a nossa cultura, os nossos costumes; histórias contadas que veiculam saberes da condição humana, o saber popular. Refletem sentimentos típicos do ser humano, que vêm à tona ao ouvirmos as narrativas populares. São crenças compartilhadas, valores do imaginário coletivo que mostram uma visão do mundo, sendo significativos para a cultura de qualquer comunidade.

Ainda mais que o conto popular está presente em todas as culturas e a sua origem está associada à modalidade oral da língua, pois esta era, antigamente, a única modalidade usada nas comunidades para estabelecer a comunicação entre os seus interlocutores. Tais narrativas eram, e ainda hoje são transmitidas de geração em geração por meio da oralidade, fazendo com que tais histórias não se percam no tempo e possam ser contempladas por todos, dos mais velhos aos mais novos, pois fazem parte da memória coletiva e permeiam o seu modo de ser e viver.

Não há uma única e correta forma de transmitir as histórias, a cada fala vai se acrescentando as visões de mundo do seu contador e isso torna os contos ainda mais ricos em detalhes e emoção ao serem repassados, mas, se nós, enquanto compartilhadores do conhecimento, não abriremos espaços em sala de aula para essas narrativas, o legado das narrativas transmitidas pela oralidade estará fadada ao fracasso, uma vez que, na escola, a literatura proveniente da oralidade é ignorada se comparada à importância que dar-se à literatura dita oficial.

Percebemos que os integrantes com mais idade das comunidades sentem prazer em contar as histórias e é muito prazeroso ouvi-los, na sua simplicidade, humildade que transborda em seus gestos e comunicação. Muitos dos contadores e contadoras de histórias não tiveram acesso à educação formal, pouco lhes convêm transcrever tais contos, o que lhes interessa e certamente maravilhoso é continuar contando as narrativas, em conversas noturnas nas calçadas ou nos terreiros da zona rural, para entreter as crianças, adultos ou pessoas interessadas em pesquisar tais histórias.

É muito importante que o professor de Língua Portuguesa seja/esteja interessado pela cultura local e identifique os eventos de contação de histórias, bem como os leve à sala de aula. Por meio da prática do contar, se comprova que a língua não é abstrata e muito menos homogênea, ela é viva e heterogênea, pois, por exemplo, dentro de uma pequena comunidade como Lavras da Mangabeira- CE, onde levantamos vários contos, há pessoas de diferentes espaços, zona rural ou urbana, com formações escolares diferentes que têm muito a acrescentar a formação dos educandos.

A escolha por Lavras da Mangabeira- CE, como espaço para levantamento do *corpus* se justifica por duas razões: a primeira porque se trata da terra natal da pesquisadora que, além disso, atua como docente em uma escola estadual na mesma cidade; a segunda porque o município possui muitas histórias populares.

As comunidades possuem histórias que podem e devem ser levadas à escola. E esta é uma adequada oportunidade para ressaltar a importância de se conhecer a variação linguística. Sabemos que, na maioria das vezes, o estudo com a variação linguística em sala de aula é ignorado, pois o que a sociedade prega é que a escola deve ensinar o aluno a falar e escrever corretamente, afirmando que o aluno ao adentrar na escola deve obter apenas o conhecimento da “variedade padrão” ou “cultura”, a qual é de maior prestígio social. No entanto, é preciso ter consciência e

aceitar que há muitas maneiras de se dizer uma única coisa, o que vai ser fator de diferença é o ambiente e o interlocutor, fatores que influenciam a monitoração de uma conversa. Quando se fala da fala espontânea, todas as pessoas, indiferentes de grau de instrução, meio social, sexo e espaço, podem transmitir os conhecimentos adquiridos ao longo de várias gerações, da forma que melhor lhe convir.

Embora a temática da variação linguística seja vista com certo preconceito por parte de muitos, inclusive pelos próprios pais, além de o assunto ser reduzido e mal interpretado em muitos livros didáticos, não sendo reconhecido como fundamental no processo de ensino e aprendizagem, são necessárias reflexão e atitude em sala de aula. De acordo com Bagno (2007b), enquanto professores de língua portuguesa, precisamos desenvolver um trabalho de reeducação sociolinguística dos nossos alunos. O autor nos conduz a uma reflexão da seguinte forma:

O que significa isso? Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo o momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem. Por que reeducação? Porque a educação linguística primária, primeira, primordial se dá logo no início da vida de qualquer pessoa, quando ela entra num mundo rodeado de outras pessoas que não param de falar ao seu redor. Quando (ou se) essa pessoa vai para a escola, tudo o que ela aprendeu espontaneamente até então em seu convívio familiar, comunitário, social vai se transformar em saber formalizado [...] (BAGNO, 2007b, p. 82).

Diante do exposto por Bagno, o trabalho que devemos desenvolver em sala de aula com os nossos alunos, além do proposto pelos documentos que regem a educação brasileira, é fazer com que eles reconheçam a sua língua como dinâmica e heterogênea, sabendo adequá-las as suas diversas situações de uso. O aluno, ao adentrar no universo escolar, já tem uma gramática internalizada; passará a contrastá-la com a gramática escolar ou normativa. Então, cabe a nós mostrar-lhes, por exemplo, que o conhecimento dos contos populares que eles trazem para a escola é importante, e nada melhor do que ir além, coletar junto à comunidade tais histórias e levá-las para sala de aula, como elemento da cultura do seu local de origem. Para tanto, estamos propondo estudar estas narrativas.

Com base nessas reflexões, nosso questionamento de pesquisa é: como ocorre a variação linguística, especificamente através dos processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias, no conto coletado na comunidade

de Lavras da Mangabeira – CE e no reconto em sala de aula do 9º ano do ensino fundamental, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra?

Para responder a este questionamento, elaboramos como objetivo geral: analisar a variação linguística, especificamente os processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias, nas narrativas populares. E como objetivos específicos: coletar contos na comunidade de Lavras da Mangabeira – CE; selecionar os contos a serem recontados em sala de aula; promover momentos de reconto em sala de aula; selecionar versões recontadas para análise; descrever os processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias no *corpus*; e comparar os processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias entre o conto e o reconto.

Partimos da hipótese de que a variação linguística, particularmente através dos processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias, nos contos coletados na comunidade de Lavras da Mangabeira-CE e também no reconto em sala de aula do 9º ano, na modalidade EJA, é diversificada. Isto porque são realidades compostas por diferentes sujeitos, com suas diferenças particulares de espaços, contexto social, sexo, idade e experiências. Há diferentes gerações conhecedoras das narrativas populares envolvidas nesta pesquisa, sendo essas conhecedoras de seus enredos, enriquecendo tais histórias com as suas vivências, os seus saberes, e léxico diversificado.

A pesquisa em curso é quanti-qualitativa. Envolve, de um lado, a história da cultura local que não pode ser mensurada ou quantificada por se tratar de suas particularidades, subjetividades que podem ser diferentes de pessoa a pessoa e, por outro lado, também pesquisamos as características variacionistas da linguagem, as quais podem ser quantificadas.

Como qualitativa, conforme Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), a pesquisa “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. [...] O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam”.

Por outro lado, como atestam os pesquisadores da Sociolinguística variacionista, como quantitativa, estabelece a “[...] a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou outra variante das formas em competição” (MOLLICA, 2015, p. 16). Dentro de uma determinada

variação, os pesquisadores buscam estabelecer dados estatísticos em suas análises, quantificando os resultados, por isso esta vertente da Sociolinguística, a variacionista, também ser analítico-descritiva.

A pesquisa apresenta dois momentos: o primeiro é o do conto, cujos colaboradores são os contadores, e o *corpus*, os três contos selecionados: *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira- Ceará*, *A lenda do Boqueirão* e *a imagem de São Vicente Férrer* que, durante a análise serão codificadas, respectivamente, pelos grafemas FLLM, LB e ISVF. Estas narrativas foram selecionadas de um total de 41 (quarenta e uma), levantadas na cidade de Lavras da Mangabeira – CE; o segundo momento, é o do reconto, cujos colaboradores são os alunos do 9º ano do ensino fundamental, na modalidade EJA, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra, situada na cidade de Lavras da Mangabeira- Ceará.

Usamos como instrumento para o levantamento dos contos na comunidade uma conversa informal, sem sistematização, que foi gravada no celular e arquivada em *compact disc* (CD). No primeiro contato, estabelecemos o melhor lugar e horário para ser realizada a conversa, que aconteceu tanto nas casas de alguns enunciadorees quanto em locais de trabalho de outros. Tivemos encontros na zona rural e na urbana.

No que respeita a transcrição dos contos, esta foi filtrada da conversa que tivemos com os contadores de modo que ficasse apenas a narrativa. Isso aconteceu porque o momento da contação foi interativo e, portanto, as pessoas, antes e depois de ouvir a história, fizeram perguntas, pontuaram afirmações, testemunhando a veracidade ou não do que estava sendo contado. Escolhemos registrar apenas a história contada, uma vez que as histórias registradas seriam levadas para a sala de aula. A transcrição foi elaborada na forma tradicional, tendo em vista que o propósito desta pesquisa não era fazer uma análise de conversação.

Embora o conto popular seja de domínio público, uma vez não possuir autor, mas contador (qualquer pessoa pode contar a história, mas ninguém tem o poder de propriedade sobre ela), não precisou de autorização para usar o conto na pesquisa, porém o desejo de publicar a foto do colaborador nos destinou à elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹ para que eles assinassem nos autorizando a utilização de suas fotos. Vale aqui ressaltar que estamos usando

¹ Ver modelo do Termo no Apêndice B.

apenas as fotos dos três colaboradores selecionados, uma vez que, não estamos identificando nominalmente todos os outros contadores.

Para o reconto, pedimos autorização aos próprios alunos para usar as histórias contadas por eles. Isto porque são adultos, alunos da modalidade EJA. Na sala, seguimos o roteiro da *PROPOSTA DE RECONTO: agora é sua vez*², instrumento de pesquisa elaborado para aplicação em sala de aula. Está estruturado em três módulos, a saber: *Reavivando a memória; Re/Descobrimo as narrativas populares na cultura local; e como contaram o que ouviram*. A proposta didática foi realizada na Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra, com a participação dos alunos do 9º ano do ensino fundamental, na modalidade EJA.

Levantamos, nesse espaço, um total de 28 (vinte e oito) narrativas, a partir do reconto dos três contos selecionados na comunidade. Dos 28 textos levantados em sala de aula, selecionamos três para completar o *corpus* da pesquisa, que se caracteriza por 03 contos e 06 textos.

Nesse caso, o universo consta de 69 (sessenta e nove) textos, que totalizam todos os contos e recontos, dos quais escolhemos apenas 06 (seis) textos que correspondem a três contos. Sendo assim, o *corpus* está formado por seis textos, ou seja, seis concretizações do discurso, no entanto, são apenas três contos, os outros três textos são variantes dessas três narrativas.

A escolha das três narrativas para comporem o *corpus* do reconto, deu-se por elas serem, dentre as outras, as que foram recontadas com mais detalhes, com acréscimos e subtrações das narrativas que ouviram. São textos em que os alunos fizeram modificações conforme os seus entendimentos, como já se esperava, uma vez que são recontos orais.

As categorias de análise são a monotongação e o alçamento das vogais médias. A escolha dessas categorias se justifica pelo fato de trabalharmos com discursos que têm origem na oralidade, onde estas categorias são frequentes.

Como critérios, primeiramente, verificamos a existência da monotongação e o alçamento das vogais médias; em seguida, relacionamos as categorias, quantificando-as em tabelas para cada conto; posteriormente, fizemos a quantificação em gráficos, acrescida da comparação de ocorrência entre as

² Ver Anexo 04, que contém a sequência didática na íntegra.

narrativas, na intenção de concluir a descrição da variação proposta e compreendê-la como característica da fala dos lavrenses.

Nesse sentido, esta pesquisa se justifica por desenvolver um estudo que visa descrever, estimular e valorizar o conhecimento do aluno, sua cultura, saberes que este vem adquirindo desde a tenra idade e que muitas vezes não é considerado ao chegar à escola. Além disso, estamos fazendo uso da cultura local e indo além, apropriando-se dela para realizar uma aprendizagem em língua materna real, estaremos, pois, preservando para gerações futuras, dados até então não discutidos e estudados em sala, servindo de orientação para que outros professores, especialmente, os do ensino fundamental, até mesmo de disciplinas diferentes, possam também utilizar as mesmas narrativas populares para desenvolver outros projetos nas suas áreas de atuação, proporcionando assim, a interdisciplinaridade.

Outro ponto é que destacamos os usos da produção oral, com a sua gama de variação que, para muitos, é motivo de preconceito, mas que é a partir da oralidade que o aluno vai conseguindo agregar as palavras e transferi-las para a modalidade escrita, além de vermos que graças à oralidade, os contos populares perduram através de várias gerações que deixam este legado histórico para a posteridade.

Esta pesquisa está organizada em cinco partes: a primeira parte constitui a introdução onde estão: questionamento, hipótese, objetivos (geral e específico), caracterização da pesquisa, indicação do apoio teórico, categorias, critérios de análise e justificativa da pesquisa.

Na segunda parte, destaca-se o embasamento teórico na Sociolinguística Laboviana, desde a sua origem nos anos 60, a relação que essa área da Linguística tem com outras ciências e o seu conceito. Ainda na parte teórica demonstramos o elo inseparável que existe entre língua e sociedade, fizemos um percurso do conceito de língua, passando pelo estruturalismo, gerativismo até chegar à Teoria da variação linguística de William Labov. Confirmamos a heterogeneidade linguística, a mudança linguística e a variação. Neste último ponto, elencamos os tipos de variação que ocorrem na língua, tanto interno quanto externo. Para complementar, elaboramos um subtópico explicando, teoricamente, os dois processos fonológicos pesquisados: a monotongação e o alçamento das vogais médias, e relacionamos outro subtópico da teoria à prática, falando sobre a variação linguística nas aulas de língua portuguesa, embasada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

A terceira parte delinea aspectos do levantamento e organização do *corpus*, indicando o espaço de levantamento, a quantidade, a seleção e os sujeitos colaboradores do levantamento. Destacamos um macro e um microespaço: a cidade de Lavras da Mangabeira-CE e a Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra, respectivamente; especificamos quem são os enunciadores das narrativas populares: José Teles da Silva, Raimundo Custódio Neto e Vicente Ferrier Tomaz Férrer; por fim, descrevemos, de forma resumida, o nosso trajeto na busca pelos contos até a seleção do *corpus*. Entre as narrativas levantadas, selecionamos três para fazer parte do *corpus* da pesquisa. A escolha destes três foi a riqueza de detalhes, além de ser narrativas que retratam parte da história do município. O primeiro conto, *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-CE*, retrata a passagem do rei do cangaço, Lampião, juntamente com o seu bando pela cidade de Lavras e o combate que não aconteceu e os motivos para isto. O segundo é o da famosa *Lenda do Boqueirão*, na qual uma princesa é vista no Boqueirão de Lavras cercada por um carneiro de ouro e também muito ouro, o terceiro e último conto é o do aparecimento da *imagem de São Vicente Férrer*, padroeiro da cidade, fato que motiva a construção da igreja local. Detalhamos ainda, como ocorreu o momento do reconto em sala de aula, a aplicação da sequência didática e a seleção dos três *corpus* do reconto.

A quarta parte é composta da análise do *corpus* para atender a dois dos objetivos específicos, que são: descrever a variação empregada no conto *corpus* e no reconto; e comparar a variação linguística entre o conto e o reconto. Sendo esta parte, constituída de três subtópicos, em que o primeiro, descreve a variação dos contos selecionados dos levantados na comunidade; o segundo a análise dos recontos levantados em sala de aula e o terceiro da comparação entre a variação do conto e do reconto, este último abordando o viés qualitativo da pesquisa, uma vez que os outros dois demonstram o aspecto quantitativo.

A quinta e última parte é composta pelas considerações finais, onde tecemos as considerações sobre os resultados observados, retomando alguns dados estatísticos elencados nas análises do conto e dos textos do reconto, além de demonstrarmos o nosso posicionamento sobre a temática, a metodologia e a bibliografia utilizadas no percurso da pesquisa.

Além das partes especificadas acima, temos os anexos e apêndices: nos anexos temos os textos transcritos do conto e do reconto, pois segundo Köche

(2011, p. 148) o anexo é o “documento não elaborado pelo autor, acrescentado para provar, para ilustrar ou fundamentar o texto”. E como na dissertação utilizamos partes do conto e do reconto, bem como a sequência didática, faz-se necessário tê-los na íntegra para leitura e comprovação do que está sendo dito; no apêndice temos o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como a autorização da instituição de ensino, pois conforme o autor citado, o apêndice “é utilizado para colocar textos ou informações complementares elaborados pelo autor, [...] como modelos de instrumentos”, e tal termo ilustra um documento criado para coleta de assinatura dos colaboradores da pesquisa.

2 SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

2.1 ORIGEM E CONCEITOS

Pensava que eu tinha sido levado à cultura popular pela erudição. Mentira. A cultura popular é que me levou a esta.

(Câmara Cascudo)

Convivemos em meio a uma sociedade multifacetada, no que concerne à economia, política, história, cultura e diversidade linguística. Não há em nosso país, assim como também em outros, um estilo homogêneo no plano econômico, pois há diferentes fontes de recursos no Brasil e diferentes visões. No plano político, há diferentes pensamentos e ideias, a história vai sendo composta no decorrer do tempo, sendo feito um intercâmbio entre passado e presente. No tópico cultura, somos um país pluricultural, composto por uma variedade de estilos culturais e, por fim, somos ainda um país com uma heterogeneidade linguística admirável e passível de ser observada e estudada. E para que haja o elo entre a sociedade e seus campos diversos, como a economia, política, história, cultura e diversidade linguística, são necessários propor uma interação e uma comunicação entre as áreas, e isto é dado através da linguagem, elemento indispensável quando pensamos em comunicação e essencial à interação.

A diversidade linguística merece ponto de destaque nos estudos linguísticos e uma área específica que aborde a sua temática, através da correspondência entre a língua e a sociedade. A Sociolinguística, disciplina considerada nova no meio acadêmico, se considerarmos a sua origem, recebe contribuições de outras áreas para estudar o funcionamento da língua no seio da sociedade. Esta disciplina dialoga, conforme Monteiro (2000, p. 27), com disciplinas afins, tais como a dialetologia, a sociologia da linguagem, a etnografia da comunicação, a pragmática e a geografia linguística, no entanto, apesar de todas possuírem em comum o mesmo conteúdo material, elas se diferem em algum aspecto. Cada disciplina possui o seu enfoque ao analisar a língua.

A Sociolinguística, como ciência, surge em meados da década de 1960 nos Estados Unidos. Muitos cientistas decidiram unir língua e sociedade, vendo-as como indissociáveis para compreender a variação e a mudança que ocorre no seu interior

(BAGNO, 2007b, p. 28). O precursor foi o sociolinguista William Labov, um dos pioneiros, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014, p. 12-13), a desenvolver um trabalho que visava analisar a variedade linguística, sendo reconhecido como o nome mais importante da área.

Para Bortoni-Ricardo (2014), a origem da sociolinguística remonta, portanto, ao século XX, no entanto, antes desta data já havia alguns autores que abordavam em seus trabalhos a concepção social da língua, tais como o linguista francês Meillet (1866-1936), além dos linguistas russos Marr (1865-1934), Bakhtin (1895-1975) e membros do Círculo Linguístico de Praga. Estes, segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 11),

[...] levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante – pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida.

Porém, o passo inicial para o surgimento desta disciplina interdisciplinar foi dado por William Labov, o qual liderou um grupo de sociolinguistas, que desenvolveram pesquisas contrastivas entre a variedade do inglês, que era a língua materna dos alunos que pertenciam a um grupo linguístico minoritário, e o inglês padrão, ensinado nas escolas. Por esse viés “essa ciência voltou-se prioritariamente para a descrição da variação e dos fenômenos em processo de mudança, inerentes à língua, expandindo-se depois para outras dimensões da linguagem humana” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 13).

Enquanto disciplina, conforme cita Bortoni-Ricardo (2014), a ciência supracitada possui três vertentes mais conhecidas, que são: a Sociolinguística Variacionista (William Labov), a Etnográfica (Dell Hymes) e a Interacional (John Gumperz e Erving Goffman). A última vertente, a Sociolinguística interacional, ainda se desdobra e atende à Sociolinguística escolar. Mollica (2015, p. 10) acrescenta que “são muitas as áreas de interesse da Sociolinguística: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança constituem temas de investigação na área”.

Mollica (2015) ainda destaca que “a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores”, não denegrindo falares e comunidades, com preconceito ou estereótipos, mas estabelecendo um olhar com o intuito de conhecer a diversidade comunicativa de uma comunidade, ou mesmo de um indivíduo.

Nesse sentido, salientamos a importância de conhecer os pressupostos sociolinguistas para desenvolver trabalhos em sala de aula, por esta não distinguir as linguagens em maior ou menor prestígio e sim apresentar as suas variações de acordo com os seus *status*.

Conforme definição estabelecida pelo Dicionário de Linguística (DUBOIS, 1999, p. 561),

A sociolinguística é uma parte da linguística cujo domínio se divide com o da etnolinguística, da sociologia, da linguagem, da geografia linguística e da dialetologia. Tem como tarefa revelar, na medida do possível, a covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais e, eventualmente, estabelecer uma relação de causa e efeito. [...] a sociolinguística engloba praticamente toda a linguística que procede a partir de um corpus, já que estes são sempre produzidos num tempo, num lugar, num meio determinados.

Reiteramos com esta citação que a sociolinguística divide o seu domínio com outras ciências que possuem o mesmo conteúdo material, mas analisam a língua através de olhares diferenciados. A particularidade da sociolinguística é que ela observa o real uso da língua, isto através de um *corpus*, num tempo e lugar específicos, para com os dados obtidos procurar responder o porquê de determinados usos.

Romaine (1994) citado por Monteiro (2000, p.25):

Informa que o termo sociolinguística foi cunhado em 1950 para referir-se às perspectivas conjuntas que os linguistas e sociólogos mantinham face às questões sobre as influências da linguagem na sociedade e, especialmente, sobre o contexto social da diversidade linguística.

William Labov, pioneiro da Teoria da Variação Linguística, considerava redundante o termo Sociolinguística, assim como cita na introdução de sua obra: “por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008, p.13). A linguística, portanto, é social, não havendo uma nova disciplina; para o sociolinguista variacionista, foi dado apenas o verdadeiro enfoque, “uma linguística socialmente realista”.

Coube a Bright³ o esforço inicial de explicitar o conteúdo da sociolinguística; “insistindo no caráter inovador, ele formula uma série de vagas ideias sobre a

³ William Bright foi o idealizador da conferência sobre sociolinguística, ocorrida entre os dias 11 a 13 de maio de 1964, em Los Angeles, a qual reuniu 25 pesquisadores, entre eles William Labov. Sendo esta conferência de fundamental importância para os avanços dos estudos na área (CALVET, 2002, p. 08).

relação entre língua e sociedade, termina afirmando que o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística” (MONTEIRO, 2000, p.15).

Esta disciplina nasceu, reiteramos, da preocupação de analisar desempenhos escolares de crianças pertencentes a grupos sociais de menor poder econômico, de descrever as variedades existentes dentro de uma comunidade de fala e, atualmente ela já engloba quase tudo que relaciona o estudo da linguagem com o seu contexto sociocultural, e por incorporar “terreno” tão vasto, dificulta-se a delimitação da sua área de estudo, tendo que a dividir em Micro e Macrossociolinguística (MONTEIRO, 2000, p. 26).

Conforme mostra Monteiro (2000, p.26), a macrossociolinguística “trata das relações entre a sociedade e as línguas como um todo”, enquanto a microssociolinguística “analisa os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, utilizando-se para tanto de testes estatísticos. Na realidade, inclui tudo o que diz respeito à teoria da variação [...]”. Os estudiosos do Círculo Linguístico de Praga preocupavam-se com os aspectos da macrossociolinguística. Um exemplo citado por Bortoni-Ricardo (2014, p. 39-40) “é a postulação de uma escola de três níveis quanto à intelectualização e à complexidade nas línguas [...]”. Outro componente da macrossociolinguística citado pela autora “[...] é a própria descrição do domínio e da história externa de uma língua, bem como do grau de letramento em uma comunidade de fala [...]”.

A aceção estabelecida por Mollica (2015, p. 09) resume o que está sendo posto até o momento sobre a sociolinguística:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos.

Aqui no Brasil, tal disciplina, explica Bortoni-Ricardo (2014), aportou na década de 1970, no Rio de Janeiro, através da sua vertente Variacionista, a pioneira dentre as demais. Porém, em alguns estados já havia o interesse em se estudar gramática, não só no seu modelo tradicional, mas por meio da Dialeto⁴. As pesquisas sociolinguísticas, na vertente variacionista, tiveram início na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), encabeçadas por Anthony Naro e atualmente se

⁴ “O termo dialeto⁴ designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites”. (DUBOIS, 1998, p. 561)

espalhou pelo país, há um grande interesse em se pesquisar e estudar as variações linguísticas do país, através de coletas de falas para posterior catalogação das variantes.

Conforme Araújo⁵ (2011), um dos projetos pioneiros é o Norma Linguística Urbana Culta (NURC). Com o advento da sociolinguística, sentiu-se a necessidade de coletar dados reais da fala, ou seja, da língua em uso, para tanto se fez necessário juntar um *corpus* para a pesquisa e posterior análise do português brasileiro. No entanto, o primeiro projeto NURC visava coletar apenas a “norma culta”, descrever o falar culto brasileiro, neste caso só fazia parte do *corpus* a fala de pessoas com alto *status* de escolaridade e função social, ficava à parte o falar “não padrão”.

Mas, ainda segundo Araújo (2011), da década de 70 para cá, após a criação do projeto pioneiro, já é de conhecimento outros projetos desenvolvidos Brasil afora, como a Variação Linguística no Sul do Brasil (VARSUL) e o Variação Linguística da Paraíba (VALPB), criados em 1982 e 1993 respectivamente, os quais contam com um banco de dados contendo a fala dos informantes para a pesquisa sociolinguística.

No entanto, no que concerne à divulgação da Sociolinguística em nosso país, segundo Bortoni-Ricardo (2014, p.07), os estudos nesta área expandiram-se muito no século XX, mas, conforme aponta Bagno (2007b, p. 18), ainda tem divulgação restrita. Segundo Bagno (2007b, p. 22),

[...] se a sociolinguística tem um papel a desempenhar na educação linguística dos cidadãos brasileiros, esse papel é *de reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira* e, portanto, da inescapável heterogeneidade da nossa realidade linguística.

Significa dizer que vivemos num país permeado por diferenças linguísticas e, ao aprofundarmos o nosso conhecimento na área da sociolinguística, poderemos reconhecer tais diferenças e entendê-las. Às vezes distanciamos o nosso olhar para estas particularidades da língua e procuramos compreendê-la apenas através do seu aspecto gramatical. Isto porque já está entranhada na nossa mente a “superioridade” do ensino de regras gramaticais e, por isso, automaticamente, achamos que precisamos focar a nossa atenção apenas neste aspecto da língua. Então, é apropriado trabalhar com o embasamento da sociolinguística na sala de

⁵ Autora do artigo intitulado “O projeto norma oral do português popular de Fortaleza”. Cadernos do CNFL, Rio de Janeiro: CiFEFiL, Vol. XV, Nº 05, t. 1.,p. 835-845, 2011

aula, uma vez que esta é um ambiente repleto de pensamentos diferentes e com culturas variadas.

Após essa viagem pela origem e conceitos da Sociolinguística, veremos, a seguir, sobre cada vertente sociolinguística, a saber: a variacionista, a etnográfica e a interacionista com seu alargamento na sociolinguística escolar.

2.1.1 *SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA*

A sociolinguística variacionista tem como seu fundador William Labov, o qual passa a associar língua e sociedade, sendo passível de análise tal ligação, tendo como foco principal a variação e a mudança linguística. “A Sociolinguística laboviana é também conhecida como correlacional, por admitir que o contexto social e a fala sejam duas entidades distintas que podem ser correlacionadas” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 53).

A Sociolinguística variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov tem como estudo primordial a mudança linguística, sendo também considerada Sociolinguística quantitativa, por desenvolver pesquisas e análises que resultam em resultados estatísticos, com o intuito de analisar e descrever os dados da fala espontânea. Mollica (2015, p. 09-10) assinala que a “Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”.

Na pesquisa variacionista, o pesquisador para melhor compreender a língua e o seu processo de mudança, utiliza-se de conhecimentos de outras ciências, como a Antropologia, Sociologia, História, ressaltando assim a multidisciplinaridade da sociolinguística.

Labov critica a concepção de língua adotada por Saussure, pois se este considera a língua homogênea, na qual todos os indivíduos possuem o conhecimento de sua estrutura, bastaria analisar apenas um indivíduo ou observar a si mesmo para estudar o aspecto social da língua. Assim, segundo o autor temos o paradoxo saussureano: “[...] o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua no seu contexto social [...]” (LABOV, 2008, p. 217-218).

Labov (2008), em contrapartida aos trabalhos postulados pelos estruturalistas e gerativistas, aborda como o principal de seu estudo o componente social aliado à análise linguística. Para este autor, bem como os demais sociolinguistas, “[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (p. 21), então é impossível desenvolver uma análise linguística sem a presença da comunidade, do social, devendo haver a comunhão entre língua e sociedade para, dentro deste contexto, se estudar a estrutura e evolução da linguagem, não aleatoriamente, mas dentro de uma comunidade de fala.

Tendo escolhido seu objeto de estudo, a estrutura e evolução da linguagem, evolução no sentido próprio da mudança linguística sem estar envolta de nenhum preconceito, a análise verificará apenas que a língua é dinâmica e não estável, passível, pois, de mudanças; Labov teve como guia, nesta nova empreitada linguística Uriel Weinreich que propôs a construção de um ensaio em conjunto com Marvin Herzog, cujo título *Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística (Empirical foundations for a theory of language change)* veio consolidar o trabalho de Labov na ilha de Martha’s Vineyard em Massachusetts, o qual estudava a variação dos ditongos [ay] e [aw]; além do seu estudo sobre a estratificação do [r] pós-vocálico na fala de moradores da cidade de Nova York (LABOV, 2008). Através da metodologia de coleta e análise de dados, o sociolinguista variacionista, analisa probabilisticamente a comunidade de fala, analisando a variação e a mudança, de acordo com critérios internos e externos a língua.

2.1.2 SOCIOLINGUÍSTICA ETNOGRÁFICA

Coube ao sociolinguista Dell Hathaway Hymes (1927-2009) desenvolver trabalhos com a Linguística, Sociolinguística, Antropologia e Folclore. Fazendo a comunhão de tais trabalhos, compôs a base da vertente etnográfica ou Etnografia da comunicação. Nesta área, “os participantes são, naturalmente, o componente mais importante, se considerarmos que estamos trabalhando com uma teoria voltada para a comunicação humana” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 85-86). A autora ainda acrescenta que, para Hymes, “a humanidade não poderia ser compreendida sem levar-se em conta a forma como evolui e se mantém sua diversidade etnográfica”.

A vertente etnográfica se preocupa mais com os detalhes da língua em uso. Dentro de uma cultura específica, os etnógrafos passam longos períodos estudando a vida diária das comunidades, onde observa sua evolução cultural, através de perguntas informativas. Como o foco principal desta vertente é a cultura aliada à linguagem, assim ela é definida: “cultura consiste de tudo aquilo que as pessoas têm de conhecer e tudo em que têm de acreditar a fim de operarem de uma maneira aceitável pelos membros dessa sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2015, p. 88).

Assim como as outras vertentes, a etnográfica é multidisciplinar e recorreu à antropologia para iniciar os seus trabalhos, fez comunhão com tal disciplina, também chamada de etnolinguística ou antropologia linguística, em que análise e descrição linguística incluem características da cultura de seu contexto social (BORTONI-RICARDO, 2015).

2.1.3 *SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL*

Diferentemente da sociolinguística laboviana, que analisa a comunidade de fala, no geral, a disciplina na sua vertente interacional, a qual tem como contribuintes os pesquisadores John Gumperz (1922-2013) e Erving Goffman (1922-1982), os quais “enfazaram a natureza sistemática e normatizada das interações face a face” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 145), propõe analisar qualitativamente eventos de interação humana, os seus papéis sociais, no momento de conversação.

A sociolinguística interacional, vertente mais tardia da sociolinguística, se considerada as outras duas vertentes: a variacionista e a etnográfica, considera a relação entre os interagentes num dado contexto sociocultural.

[...] a Sociolinguística interacional rejeita a separação entre língua e contexto social e focaliza diretamente as estratégias que governam o uso lexical, gramatical, sociolinguístico e aquele decorrente de outros conhecimentos, na produção e contextualização das mensagens (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 147).

Nesta vertente há o olhar sobre a organização comunicativa, como se dá tal evento, pois através da conversa interativa, do diálogo, é que entendemos que usamos a língua não aleatoriamente, sem seguir regras, pois sabemos que fazemos usos das regras categóricas e variáveis, usamo-la com um propósito comunicativo que dá certo. Há, então, a ênfase por Gumperz e Goffman a respeito da natureza

“normatizada e sistemática” das interações face a face, ou seja, até mesmo no momento real de uso da língua, no qual estabelecemos a comunicação, estamos seguindo algumas normas. Este processo é dinâmico e só acontece no próprio momento de interação pelos interactantes, havendo a coerência discursiva (BORTONI-RICARDO, 2014).

Bortoni-Ricardo (2014, p. 146), refletindo sobre a posição de Goffman (2002) afirma que “a fala é socialmente organizada não apenas em termos de quem fala para quem, em que língua, mas também como um pequeno sistema”. Mesmo a fala sendo de caráter individual, ela por si só não estabelece a interação, faz-se necessário à figura do interlocutor, além da organização do discurso pelo falante(s) para que atinja(m) o seu propósito comunicativo.

Surge nas pesquisas da área da sociolinguística, um produtivo conceito que vai explicar a mudança que fazemos durante o evento de comunicação, tal conceito avançado é o de *footing*, termo alcunhado no idioma inglês pelo sociolinguista Goffman. Para este autor, o *footing* é definido como uma mudança em nosso enquadre de eventos, um alinhamento tanto físico quanto contextual, pois tanto a fala como também o próprio corpo transmitem mensagens e são ajustados para determinadas finalidades (BORTONI-RICARDO, 2014).

A disciplina, que estamos descrevendo, refuta a separação entre língua e contexto social e, conforme Bortoni-Ricardo (2014, p. 147), “[...] focaliza diretamente as estratégias que governam o uso lexical, gramatical, sociolinguístico e aquele decorrente de outros conhecimentos, na produção e contextualização das mensagens”. E por falar em contextualização, Gumperz assinalou o termo pistas de contextualização⁶, com o objetivo de identificar nos contextos interativos se as estratégias de comunicação foram bem estabelecidas, se há a interpretação correta da mensagem.

No evento de comunicação há uma negociação dialógica pelos participantes, negociação no sentido que pode ocorrer alterações no próprio ato de conversação, as alterações vão acontecendo à medida que a interação acontece, nos turnos de fala. Nesse sentido, a interação por meio da oralidade, essa não vai ser pensada,

⁶ “Traços ou constelações de traços presentes na estrutura das mensagens mediante os quais os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam, entre outros, qual a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada elocução se relaciona ao que a precede ou sucede” (GARCEZ; OSTERMANN, 2002, p. 263).

preparada e corrigida quantas vezes possível for, mas vai sendo moldada pelos atuantes de acordo com os seus desígnios (BORTONI-RICARDO, 2014).

Conforme pontuamos no início deste tópico, enquanto a sociolinguística laboviana tem o seu enfoque em comunidades de fala, a interacional busca analisar o comportamento individual, o momento de conversação real, face a face. Assim, a interação é vista por Gumperz como constitutiva da realidade social, não há modos, ordem, estruturas já determinadas; tudo se desenrola a partir da interação, das vivências dos agentes desse processo comunicativo (BORTONI-RICARDO, 2014).

A Teoria sociolinguística faz aporte no Princípio de Cooperação, proposto pelo filósofo Paul Grice (1975), baseadas na filosofia de Kant, para explicar as normas que regem o comportamento comunicativo num processo interacional. Salienta-se que este processo obedece a princípios de coerência interna. As conhecidas máximas conversacionais de Grice são divididas em quatro tipos: Máxima da quantidade, da qualidade, da relevância e do modo.

Vejamos a explicação dada por Bortoni-Ricardo para as Máximas de Grice:

A primeira dessas máximas, denominada máxima de quantidade, prevê que toda contribuição verbal seja tão informativa quanto for exigido para os propósitos interativos, nem mais nem menos. A segunda, de qualidade, prescreve que só seja dito o que o falante acreditar que seja verdadeiro; a terceira, de relação, recomenda que o falante seja relevante; e a última, que ele seja claro, evitando obscuridade, ambiguidades e prolixidade (2014, p. 148).

Mesmo sem ter a noção destes conceitos, muitos de nós fazemos uso dessas máximas no momento de comunicação. Já estão arraigados em nossa mente aspectos de comunicação que não permitem que toleremos certos tipos de discursos, por exemplo, perguntas prolixas ou respostas muito longas, “arrodeios” que não dizem nada.

A Sociolinguística, principalmente na sua vertente interacional, muito tem colaborado com o contexto escolar, pois já de início ela nasceu, como citado anteriormente, da preocupação de analisar desempenhos escolares de crianças pertencentes a grupos sociais de menor poder econômico e atualmente ela engloba quase tudo que relaciona o estudo da linguagem com o seu contexto sociocultural. E consoante denominação de Bortoni-Ricardo (2014, p. 158), a Sociolinguística voltada para o setor educacional faz-se do “esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas”. Se trouxermos os saberes dessa vertente

para a sala de aula, assim como os dos demais vertentes, poderemos propor atividades mediadas pelo professor. Através da conversação, os indivíduos poderão partilhar o conhecimento e conseqüentemente atuar criticamente na sociedade.

Acontecem, diariamente, em sala de aula, episódios comunicativos, por meio do gênero discursivo oral; o professor leciona conteúdos e através da interação os alunos vão aprender e comungar os seus saberes com os colegas. O professor, mesmo sem ter noção do que seja, lança mão de *footings* para atingir o seu propósito comunicativo; há uma negociação, muitas vezes, de poder entre aluno e professor.

2.2 LÍNGUA E SOCIEDADE

A língua está presente nas culturas como forma de estabelecer contato entre as pessoas, construir vínculos afetivos ou não, romper com o silêncio e propor a interação. Se analisarmos o quão importante é esta habilidade da linguagem, perceberemos que somos dotados de um mecanismo que nos permite interagir com os nossos semelhantes, percebemos que não somos seres isolados, e que por meio da linguagem poderemos compartilhar as nossas ideias e reciprocamente conhecer as de outras pessoas.

A sociedade faz uso da língua de acordo com as suas necessidades, seja para benefício próprio ou coletivo. É através desses usos que as pessoas vão estabelecer a melhor forma de comunicação, pois este é o propósito maior da língua, propor a interação através da linguagem. Monteiro (2000, p. 13) propõe que “[...] a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte”.

Conectado à ideia de Monteiro (2000), acrescentamos que as pessoas utilizam a língua da forma que lhe convêm, com isso há a atribuição de valores aos usos da língua. Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 65), muitos associam língua à gramática tradicional: são aqueles que dominam os seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e discursivos, seguindo a gramática normativa, ou seja, que possuem um conhecimento aprofundado das regras gramaticais, regras do “bom” uso da língua; e há, ainda, a associação do uso da língua a um estrato da

sociedade, então quanto maior o estrato social, melhor uso faz da língua os seus participantes.

Outro ponto importante é que fazemos uso da linguagem através das modalidades oral e escrita, variando entre menos e mais formal, cada qual com suas particularidades e importâncias. Para alguns estudiosos, a escrita é considerada a forma mais “correta” de uso da língua, por ter um monitoramento maior e ser institucionalizada, pois a adquirimos a partir do letramento escolar. Imaginemos, entretanto, comunidades ou pessoas que nunca tiveram acesso à escola e, por conseguinte, não aprenderam a ler e nem escrever, no entanto, tais comunidades ou pessoas fazem uso da língua, na sua modalidade oral, transmitindo conhecimento e cultura aos outros, repassando valores para gerações futuras. Percebemos o valor da língua na simples forma de se expressar de um membro de uma comunidade sem letramento, como percebemos através de uma pessoa com maior *status* na pirâmide social (COELHO *et al.*, 2015).

Dessa forma, se a função da língua é servir como meio de comunicação, basta que essa cumpra a sua finalidade, promova a comunicação e interação por parte de seus interactantes, mesmo que estes não dominem regras gramaticais, mas que elaborem frases compreensivas, gramaticais (BAGNO, 2007b).

Para que entendamos melhor a conexão entre língua e sociedade, torna-se imperativo realizarmos um trajeto que descreva o conceito de língua diacronicamente, ou seja, por meio de análise de acordo com a sua evolução na história, desde o momento em que esta passa a constituir o foco de estudos teóricos até seu enfoque na corrente sociolinguística.

A língua passa a ser estudada como objeto principal da Linguística, enquanto ciência, a partir da publicação do Curso de Linguística Geral em 1916, elaborado por meio de anotações feitas por Charles Baily e A. Sechehaye das aulas do suíço Ferdinand de Saussure, com a colaboração de Albert Riedlinger. Saussure torna-se, portanto, o “pai” da linguística contemporânea, conforme nos mostram Carvalho (2003) e Bagno (2007c). Saussure outorgou à ciência da língua seu verdadeiro lugar no conjunto do estudo da linguagem. Para o mestre genebrino, a língua não se confunde com a linguagem, aquela é, portanto, usada através desta:

É somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Conforme Orlandi (2009, p. 20), Saussure “deu à linguagem uma ciência autônoma, independente”, no caso a Linguística. O precursor da Linguística moderna deu-lhe como objeto de estudo a língua. Mas afinal qual era aceção de língua para o mestre genebrino? Há no Curso três concepções para língua: como acervo linguístico, como instituição social e como realidade sistemática e funcional (CARVALHO, 2003). Para ele “enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos, onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSURRE, 2006, p. 23).

O autor ainda acrescenta que a língua é “uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (SAUSURRE, 2006, p. 27), então para ele todos nós utilizávamos a língua da mesma maneira, pois todos comungavam do mesmo “dicionário”, não deveria, portanto, haver divergência, daí a língua como homogênea. Já analisando a concepção de língua enquanto instituição social, ele postula que a língua é “ao mesmo tempo um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSURRE, 2006, p. 17), a língua neste viés social é convencional, nada é criado isoladamente, nada na língua pode ser abolido, tanto é que na Revolução Francesa foi derrubada a monarquia, mas a língua francesa permaneceu rica e forte (CARVALHO, 2003). Para Carvalho, embasado nos estudos de Saussure:

Nenhum indivíduo tem a faculdade de criar a língua, nem de modificá-la conscientemente. Ela é uma armadura dentro da qual nos movimentamos no dia-a-dia da interação humana. Como qualquer outra instituição social, a língua se impõe ao indivíduo coercitivamente. Por isso, ela constitui um elemento de coesão e organização social (2003, p. 60).

Saussure, através das famosas dicotomias distingue língua e fala (*langue e parole*), “[...] para ele, a língua é antes de tudo “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSURRE, 2006, p. 18), e a vê como um objeto de “natureza homogênea (SAUSURRE, 2006, p. 23). Nesta concepção a língua é homogênea e como tal não é passível de análise por não haver diferenças, deixando de lado a preocupação com os aspectos de natureza social. Assim assinala Monteiro (2000, p.14):

[...] embora Saussure tenha definido a língua como *fait* social, excluiu das tarefas da linguística a preocupação com os elementos de ordem social e

pressupôs a homogeneidade como um requisito básico para a descrição. Este princípio foi seguido pelo estruturalismo, intensificado pelos adeptos da glossemática e levado às últimas consequências pelo gerativismo.

Na concepção estruturalista, a língua deve ser vista por si mesma, sem levar em conta de que ela faz parte de fatores externos, concebendo-a como totalmente independente. Vale destacar que mesmo Saussure conceituando língua como um fato social, nos seus estudos é dada ênfase à homogeneidade, enquanto o social é deixado de lado. Em seus estudos, a fala, ao contrário da língua, é que é um ato individual, heterogêneo e multifacetado (SAUSSURE, 2006).

Surge, posterior à corrente estruturalista, a corrente gerativista, encabeçada por Noam Chomsky, o qual propõe uma teoria a qual denomina gramática universal e centra seu estudo na sintaxe, para ele “a finalidade dessa gramática não é ditar normas, mas dar conta de todas (e apenas) as frases gramaticais, isto é, que pertencem à língua” (ORLANDI, 2009, p. 37). Tratou, portanto, a língua como geradora de um conjunto infinito de frases a partir de um número limitado de regras, daí decorre o termo gerativo.

Para Chomsky, “a tarefa do linguista é descrever a competência do falante” (ORLANDI, 2009, p. 38), propondo o conceito de competência comunicativa, na qual há um falante ideal capaz de produzir e compreender uma infinidade de frases da língua, não importa o desempenho, apenas a capacidade governada pelas regras, e deixa de lado mais uma vez a heterogeneidade linguística. Nessa concepção chomskyana, a língua é um conjunto infinito de frases, possíveis de serem criadas a partir das regras existentes. O homem já nasce dotado da linguagem humana, fazendo parte de sua natureza, a língua é inata ao ser humano.

Tanto a corrente estruturalista quanto a gerativista concebe a língua como um sistema abstrato, desvinculada de fatores históricos e sociais.

A língua conforme aceção do Dicionário de Linguística (DUBOIS, 1999, p. 378-384) “[...] é ser um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade”. Ao termo língua são acrescentados vários sufixos como língua materna, língua viva e morta. No contexto da variação são acrescentados ainda mais sufixos como: língua familiar, erudita, popular, própria, elevada, técnica. De acordo com a necessidade e o contexto, utilizamos a modalidade da língua apropriada, não aleatoriamente, mas com um propósito comunicativo.

Há uma relação de interdependência entre a língua e a sociedade. Como propõe a sociolinguística, para se compreender o funcionamento da língua deve-se atrelá-la à sociedade. Segundo Aurélio Buarque de Holanda (1999, p. 212) a cultura “é o conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos”. Sendo assim, a língua revela modos de vida, as crenças das pessoas, os seus valores, as suas identidades, pois ao estudarmos a língua e os seus contextos socioculturais, percebemos os elementos determinantes de suas variações, que explicam os fatos que linguisticamente seriam difíceis e até impossíveis de serem determinados (ARAGÃO, 1983).

2.2.1 HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA

Comunicamo-nos diariamente com outras pessoas e esta comunicação acontece através da linguagem que é inerente a nós, seres humanos, e emerge nos diferentes falares. Temos conhecimento de que existem várias línguas mundo afora, as quais são conhecidas popularmente como idiomas, ou melhor, dentro do nosso próprio país convivemos com diferentes línguas. E por haver tão vasta gama de línguas reconhecemos a pluralidade linguística. Para Bagno (2007b), a Sociolinguística possui um objetivo central que é fazer a junção entre heterogeneidade linguística e heterogeneidade social, haja vista que língua e sociedade estão entrelaçadas, há a contribuição de uma sobre a outra, há neste meio as relações entre os indivíduos e seus grupos, relações estas que acontecem através da linguagem.

No entanto, não é porque fazemos parte do idioma português, que todos falamos este idioma igualmente, assim como propunha o conceito de língua saussuriano. Sabemos que existem várias línguas, mas dentro da nossa própria língua nos deparamos com as diferenças de falares. Não é preciso que viajemos a outros países para reconhecermos esta heterogeneidade, dentro da nossa própria comunidade, ou ainda mais, dentro do nosso ambiente de trabalho, da nossa casa, da nossa escola, há uma diferença significativa na forma de estabelecer a comunicação, devido a fatores internos e externos à língua (COELHO *et al.*, 2015).

A heterogeneidade linguística é uma das premissas básicas da Linguística Estruturalista, juntamente com o relativismo cultural, que “aplainaram o caminho para a emergência da Sociolinguística como um campo interdisciplinar” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 11). Se este não fosse o pensamento, da diversidade linguística, talvez hoje não tivéssemos noção da gama de variação que nos rodeia.

O que torna essa heterogeneidade ainda mais interessante, é que mesmo havendo esta “amplidão” de línguas, não vivemos em nenhum caos linguístico, ao contrário, mesmo com as variações dentro da nossa comunidade, conseguimos nos comunicar perfeitamente, e atingir o propósito primordial da linguagem, que é estabelecer a comunicação entre os interlocutores (BAGNO, 2007b). Há, portanto uma sistematização, uma organização na língua que permite a comunicação e a compreensão do dito. “[...] em se tratando de língua, tudo o que acontece tem uma explicação, que encontramos dentro ou fora dela – existem forças que agem sobre a língua e a influenciam continuamente” (COELHO *et al.*, 2015, p. 14).

Não é porque existe a heterogeneidade linguística que cada um vai falar da maneira que quiser, há regras linguísticas que devem ser seguidas, não só as categóricas da língua homogênea propostas por Chomsky, as que hoje fazem parte da reconhecida gramática tradicional, mas também as que tangem à variação, esta passa a ser reconhecida no sentido de haver diferentes formas de se dizer uma única coisa, há palavras distintas que remetem ao mesmo significado. Há, pois, uma estrutura e organização na heterogeneidade linguística (BAGNO, 2007b).

Analisando o cenário brasileiro, no quesito linguístico, segundo publicação eletrônica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de edição 80, em 23/06/2014:

O Brasil figura entre os países de maior diversidade linguística. Estima-se que, atualmente, são faladas mais de 200 línguas. A partir dos dados levantados pelo Censo IBGE de 2010, especialistas calculam a existência de pelo menos 170 línguas ainda faladas por populações indígenas. Embora não contabilizadas pelo Censo, pesquisas na área de linguística também apontam para outras línguas historicamente “situadas” e amplamente utilizadas no Brasil, além das indígenas: línguas de imigração, de sinais, de comunidades afro-brasileiras e línguas crioulas. Esse patrimônio cultural é desconhecido ou mesmo ignorado por grande parte da população brasileira.

De acordo com a citação, o nosso país é rico em diversidade linguística, haja vista a quantidade de falares diferenciados, o que comprova a heterogeneidade linguística. Contudo, estas línguas, as mais de duzentas, mesmo não fazendo parte

de todas as comunidades brasileiras, possibilita a comunicação ordenada entre todos que habitam tal território.

2.2.2 MUDANÇA LINGUÍSTICA

A língua, por seu caráter social, faz com que as pessoas se comuniquem e que seja estabelecida uma compreensão. Para que isto ocorra todos devem conhecer as palavras que compõem tal evento de comunicação. No entanto, no momento da interação, cada pessoa pode optar por termos de sua escolha, o que não pode acontecer é criar de repente um novo termo e impor que os outros o acatem e passem a usá-lo. Claro que uma pessoa pode criar uma nova expressão, embora o aceite ou não pela comunidade vá depender muitas vezes da influência de quem a criou. Exemplo disso é a fala de governantes que criam novos termos e tais expressões passam a fazer parte do léxico de todos os membros da comunidade.

Algumas palavras vão se perdendo no tempo e abrindo espaço para novas; ocorre, neste caso, a mudança linguística que acontece por haver a necessidade imposta não só por um indivíduo, mas por um grupo de pessoas que passam a usar um termo ou uma forma fonológica substituindo outra já existente. Pensemos então na origem da nossa Língua Portuguesa no Latim e imaginemos se não houvesse o fenômeno da mudança linguística, ainda hoje estaríamos falando a Língua Latina, porém, como ocorre a mudança, as palavras e expressões foram modificadas/adaptadas ao longo do tempo de acordo com a necessidade social de comunicação (BAGNO, 2007c).

No entanto, para que haja a troca permanente, tais termos passam por um processo de concorrência de usos por certo período de tempo. Este processo parece imperceptível aos nossos leigos olhos, pois acontece lentamente. A língua, portanto, por ser dinâmica e heterogênea, se permite modificar e variar. E antes que ocorra a mudança, há a variação, a concorrência de uso. O que vai definir a mudança pela variação são os usos pelas pessoas, muitas palavras não mudam, apenas “convivem” com as suas variantes (BAGNO, 2007c).

Portanto, somente através do uso é que as pessoas vão escolhendo a melhor maneira de utilizar certos termos. Egon de Oliveira Rangel, em prefácio do livro

Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística, de autoria de Marcos Bagno (2007b, p. 13), explicita que:

A mudança linguística não se explica apenas porque estava prevista no sistema, mas também porque o uso fez as suas escolhas entre as variantes existentes, estabeleceu valores, “forçou a barra” numa determinada direção, tornou gramaticais recursos que eram pura expressão individual, transformou em agramaticais usos até pouco tempo canônicos [...].

E esta mudança “[...] pode dar-se em qualquer nível, na fonologia, na morfossintaxe, no léxico etc. É justamente no léxico que ela se torna mais perceptível pelos usuários. Um bom exemplo são as gírias [...]” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 61). Se observarmos, principalmente, o falar das pessoas com idade mais avançada, perceberemos no seu léxico, palavras que para muitos jovens atualmente são desconhecidas. Isto se dá pela mudança linguística, ou seja, certos termos ou palavras tornaram-se obsoletas e se perderam no tempo, dando espaço a novas formas conhecidas pela sociolinguística como variantes.

A depender dos usos, as pessoas vão adequando as expressões utilizadas de acordo com o momento histórico, os interagentes e o contexto de comunicação. Assim como veremos no processo de variação linguística.

2.2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua possui um leque de expressões que se adequam em todos os contextos de comunicação. As construções gramaticais propostas por diferentes pessoas, com *status* social diversificado, são construções passíveis de entendimento e, por isso, são consideradas inteligíveis e adequadas para efeito de comunicação. Partilhando deste pensamento, os observadores sociolinguísticos veem recursos na língua que explicam o porquê de certas construções serem do jeito que o são, por exemplo, a falta de concordância verbal, que muitos gramáticos tradicionais consideram erros descabidos, é vista como outra forma de uso pelos sociolinguistas. Os olhares sociolinguistas veem a lógica, é claro que dentro de orações gramaticais, de diferentes representações na construção de sentenças (BAGNO, 2007b).

O sociolinguista, durante o seu ofício de observação e análise, não concebe a ideia de que uma forma é mais adequada ou inferior à outra, pelo contrário, há diferentes opções de se dizer a mesma coisa. O que vai influenciar nessa escolha são os fatores internos, pois, assim como na mudança linguística, a variação

também pode ocorrer no nível fonológico, sintático, morfológico, semântico-lexical e discursivo, além de receber influência dos fatores externos à língua, tais como origem social, sexo, escolaridade, idade e formação social (BAGNO, 2007b).

Para muitas pessoas, termos são vistos como equivalentes à variação linguística, os quais podem parecer confusos, pois muitos não sabem se são termos sinônimos ou não, tais como: variedade, variação, variável e variante. Merecendo, pois, uma breve distinção, ressalta-se que são termos complementares, com diferentes noções. “Damos o nome de **variedade** à fala característica de determinado grupo” (COELHO *et al.*, 2015, p. 14). No Brasil, temos vinte e seis estados, além do Distrito Federal, compostos por vários municípios. Então, temos, por exemplo, a variedade cearense, a variedade lavrense; variedade linguística é um modo de falar uma língua, todos falamos o português brasileiro, no entanto, este se segmenta em vários critérios: geográfico, social, profissional, dentre outros. Há características que diferenciam a fala de um grupo social de outro, por exemplo, a fala dos advogados é diferente da fala dos padres, por isso existe a variedade.

Para o conceito de **variação**, achamos coerente a metáfora proposta por Bagno (2007b, p. 39): “[...] debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes.” Significa dizer que a variação linguística ocorre porque dentro de um mesmo contexto linguístico, há termos ou expressões com o mesmo sentido, o mesmo referencial. Ela permite que uma expressão possua termos equivalentes, sendo seu uso condicionado pelo momento de interação. Ela vai confirmar a visão da língua como um sistema heterogêneo.

No entanto, quando não se tem o conhecimento e embasamento na variação linguística, as pessoas costumam classificar as palavras ou expressões em mais “adequadas” e “corretas” do que outras, fazendo com que surja o famoso preconceito linguístico, estereotipam-se o falar em “culto” ou “coloquial”. Uma forma linguística passa a ter maior prestígio enquanto outras são estigmatizadas. Costumamos ouvir, seja na sala de aula ou até mesmo por alguns membros da sociedade, a famosa expressão “é preciso saber gramática para falar e escrever bem” (BAGNO, 2007a, p. 62), então quem nunca frequentou a escola e não teve acesso aos compêndios normativos, na maioria das vezes, é taxado como não conhecedor do “bem falar e escrever” e passa a ser visto à margem da sociedade. Porém, não devemos esquecer que cada grupo social possui características que

lhes são peculiares, pois tais características são condicionadas por diversos fatores, como: origem, idade, escolaridade, sexo, dentre outros. Quando passamos a conhecer a variação linguística que nos permeiam, passamos a aceitar que há falares diferentes, não temos mais que classificar falares em certo ou errado, devemos ter a consciência de que o mais importante é estabelecer a comunicação e não ficarmos atrelados a certos mitos (BAGNO, 2007a).

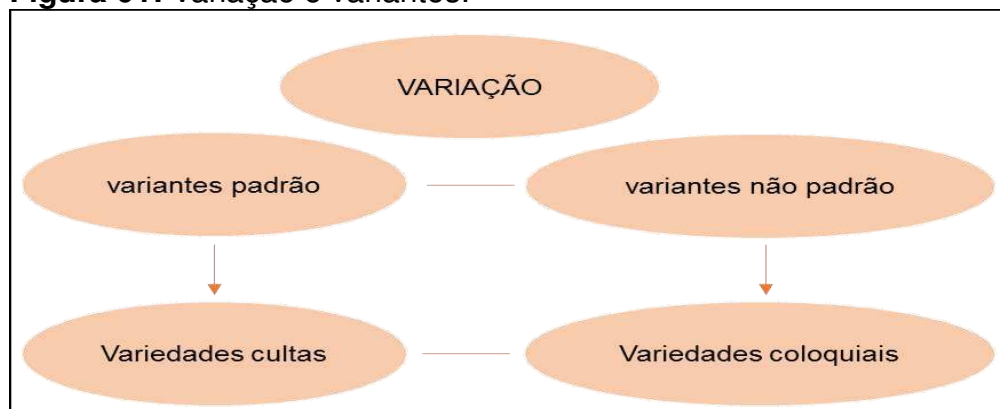
E ainda não há uma pessoa que fale de único modo, a variação acontece até mesmo no nível individual; ocorre a adaptação do discurso de acordo com os seus componentes: interlocutores, contexto social, situação em que ocorre a comunicação; há motivações que nos impulsionam a adotar a forma de falar em dado momento. Exemplo disso acontece quando falamos com um amigo, posicionamo-nos informalmente, falamos sem monitoração, já quando conversamos com o chefe, adotamos um estilo linguístico mais monitorado. Adequamo-nos o nosso falar, o nosso comportamento à situação a qual fomos expostos (COELHO *et al.*, 2015).

Para os termos **variável** e **variante**, assim Bagno pontua:

Uma **variável** sociolinguística, portanto, é algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada. Cada uma das realizações possíveis de uma variável é chamada de **variante**. A definição mais simples de variante é a de “cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa” (2007b, p. 50).

As variantes, na maioria das vezes, costumam ser taxadas com valores diferentes pela comunidade. Nesse caso, entra a famosa divisão do “culto” e do “coloquial”, uma associada ao prestígio e a outra geradora de estigma, preconceito.

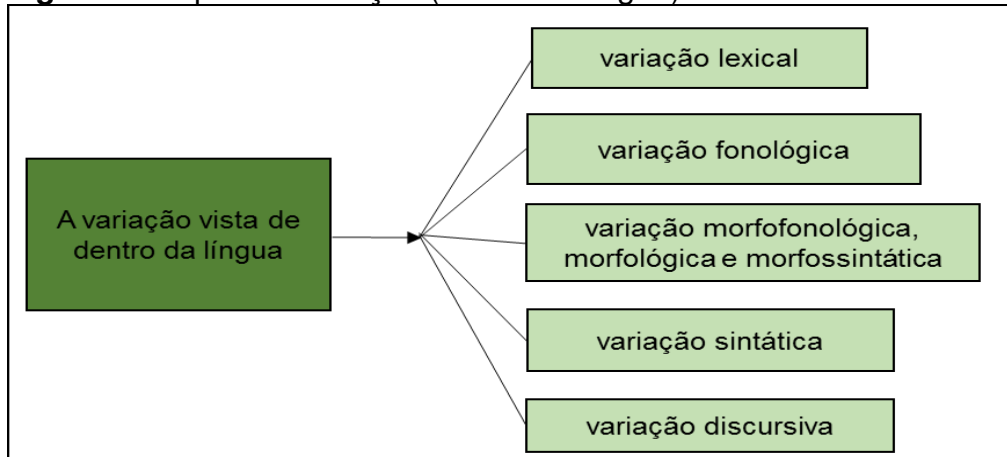
Figura 01: Variação e variantes.



Fonte: Coelho *et al.*, 2015.

Conforme já citado, a variação acontece porque é condicionada por fatores internos e externos à língua. Veremos, abaixo, um quadro que sintetiza a variação, vista de dentro da língua, ou seja, os tipos de variação interna à língua:

Figura 02: Tipos de variação (dentro da língua).



Fonte: Coelho *et al.*, 2015.

Há, portanto, cinco divisões da variação, em função dos diferentes níveis linguísticos, conforme aponta a figura ⁷.

No que concerne à **variação lexical**, segundo Coelho *et al.* (2015, p. 23) “em geral, apresenta fenômenos bastante perceptíveis e muitas vezes até divertidos de serem observados”, como o próprio nome sugere é a variação do léxico, das palavras em uso. Para uma mesma palavra, podem coexistir termos com significados equivalentes; sabemos que cada região do nosso país tem a sua variação, então muitas vezes a variação lexical é associada à variação regional. Exemplificando tal variação, a autora faz uso de “mandioca, aipim, macaxeira”; outro exemplo é da palavra vaso sanitário, que correlacionam em determinados contextos as palavras: latrina, bojo, bidê, trono, privada, cloaca, retrete, sentina, reservado, sanita etc. Uma palavra possui várias variantes a serem escolhidas e usadas de acordo com a situação comunicativa.

A **variação fonológica**, uma das precursoras a ser analisada, se lembrarmos da pesquisa de William Labov na ilha de Martha Vyneard, consiste nas diferentes pronúncias que costumamos ouvir de uma única palavra, condicionada, na maioria

⁷ Quadro construído a partir de classificação proposta no livro *Para Conhecer Sociolinguística* (2015, p. 23), Coelho *et al.* Vale salientar que muitos autores de Linguística propõem a divisão da variação, no entanto, resolvemos aderir a esta classificação por ser uma das mais abrangentes.

das vezes, por fatores geográficos, por exemplo, o R da palavra torta, que é pronunciado de diferentes formas.

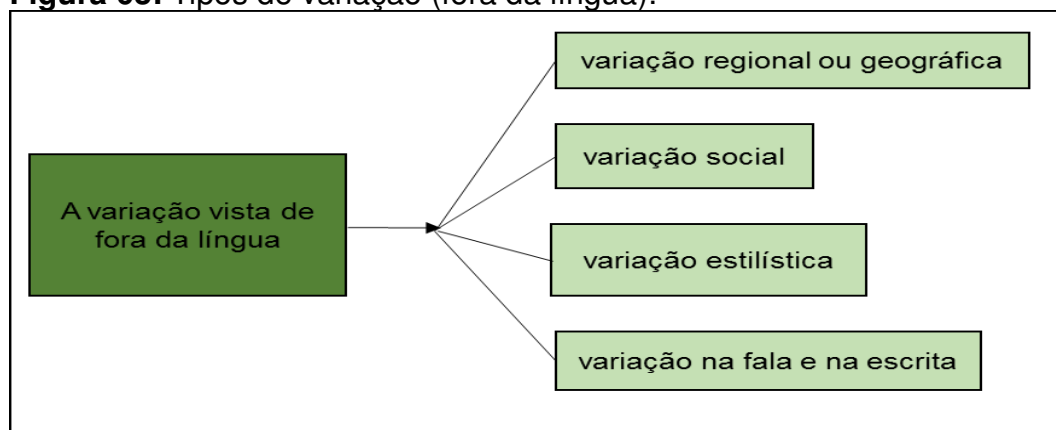
Já a **variação morfológica** acontece quando há alteração num morfema da palavra, lembrando que morfema é uma unidade mínima significativa, por exemplo, quando acontece a supressão do *r* em final de palavras como em *vendê*, *cantá*, *andá* e muitas outras. Há ainda a interface de variação, quando em único termo, podemos observar a variação fonológica e morfológica, que passa a ser visto como variação morfofonológica, o mesmo acontece quando envolve a variação morfológica e sintática, morfossintática (COELHO *et al.*, 2015).

A **variação sintática**, conforme definição abordada por Bagno, indica que “[...] o sentido geral é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes” (2007b, p. 40). Não que seja esta desorganização aleatória, mas gramatical e, portanto, compreensível, como no exemplo: *A festa que fui tinha muita gente* ou *A festa a qual fui tinha muita gente*.

Por fim, a **variação discursiva** é a estabelecida através de marcadores discursivos que “[...] são elementos que servem não apenas à organização da fala e à manutenção da interação entre falante e ouvinte, mas também que atuam no encadeamento coesivo das partes de um texto” (COELHO *et al.*, 2015, p. 31).

Após breve revisão da variação linguística, no seu viés interno, percorreremos o caminho inverso, a externalidade da variação. Conforme figura abaixo, a variação vista de fora da língua, elemento que foi desprezado por estudiosos como Saussure e Chomsky, tido como fator chave na pesquisa de William Labov, além de outros sociolinguistas, é dividida da seguinte forma:

Figura 03: Tipos de variação (fora da língua).



Fonte: Coelho *et al.*, 2015.

A **variação regional ou geográfica** também conhecida como variação *diatópica* é a “[...] responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala” (COELHO *et al.*, 2015, p. 38). Não é preciso que sejamos um atento observador sociolinguista para percebemos as diferenças nos falares, por exemplo, um morador da capital Fortaleza fala diferente de um morador da cidade de Lavras da Mangabeira, cidade interiorana. No entanto, apenas observamos a forma caricata com que a pessoa fala, pois só através de um aparato teórico-metodológico da sociolinguística é que vai nos possibilitar saber exatamente as marcas linguísticas de uma ou outra região.

A **variação social** ou *diastrática* é relacionada ao *status* social de um indivíduo, no que diz respeito a sua formação escolar, idade, sexo, origem social e nível econômico. Partilhando do pensamento de Coelho *et al.* (2015, p. 40) “[...] da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes”. Sabemos, por exemplo, que o discurso de um advogado é diferente do discurso de um padre, por ambos viverem em esferas sociais diferentes; e que o discurso de uma pessoa sem escolaridade é diferente de uma pessoa que concluiu o nível superior.

Outro tópico relacionado à variação social, segundo Coelho *et al.* (2015), é do sexo/gênero do indivíduo; pesquisas apontam que as mulheres possuem uma fala conservadora e, portanto, mais rebuscada que os homens. Elas fazem uso das variantes valorizadas socialmente, no entanto, salienta-se que isto não ocorre em todas as culturas. A faixa etária é um fator visível de variação, chamada de *variação diageracional*, pois se observarmos a fala de um idoso para a de um jovem, perceberemos que estes utilizam expressões diferenciadas, para muitos jovens termos usados por pessoas mais velhas não fazem parte do seu léxico.

Enquanto que a **variação estilística** ou *diafásica* provém do estilo utilizado pelo falante, o qual adequa a sua comunicação de acordo com o contexto, o mesmo falante pode ser “culto” quando faz uso de um estilo mais monitorado e “coloquial”, menos monitorado, comprovando através dessa variação que não há um falante de estilo único, há a variação até mesmo no nível individual. Atuamos de acordo com o papel social que desenvolvemos no domínio social (COELHO *et al.*, 2015).

Há ainda a **variação na fala e na escrita** ou *diamésica*; como sabemos a oralidade, na maioria das vezes, requer um uso espontâneo, improvisado, enquanto a escrita já requer um uso monitorado e elaborado. Há nesta variação, mais uma vez

com a colaboração de Coelho *et al.* (2015, p. 48), a atuação sobre o código, os outros tipos de variação elencados condizem à modalidade oral, e esta última refere-se às duas modalidades, que pontua característica de cada uma delas.

A variação linguística aqui no Brasil, diferentemente de outros países em que a variação está associada a diferenças étnicas, está ligada a desigualdades sociais, sendo assim quanto menor for a classificação das pessoas na pirâmide social, mais sua língua será vista como inferior. Vejamos o que diz Bortoni-Ricardo sobre esse aspecto:

No Brasil, a variação está ligada à estratificação social e à dicotomia rural-urbano. Pode-se dizer que o principal fator de variação linguística no Brasil é a secular má distribuição de bens materiais e o conseqüente acesso restrito da população pobre aos bens da cultura dominante. Diferentemente de outros países, como os Estados Unidos, por exemplo, a variação linguística não é um índice sociossimbólico de etnicidade, exceto nas comunidades bilingües, sejam as de colonização européia ou asiática, sejam as das nações indígenas (2005, p. 131).

Se voltarmos para o início da história do Brasil e refletirmos sobre ela, iremos perceber essa má distribuição de renda e, em consequência disso, a restrição do acesso aos bens materiais e culturais, indo além e vendo que essa desigualdade social ultrapassou todos esses séculos e ainda se faz presente no momento atual.

Atualmente, no Brasil, conforme Coelho *et al.* (2015) está sendo organizado o Atlas Linguístico Brasileiro (ALIB) que comunga Linguística com outras áreas como a geografia e dialetologia, com o intuito de mapear e descrever a realidade linguística brasileira, no que tange à diversidade linguística. Através de coleta de dados, por meio de questionários, as pessoas vão responder perguntas com campos semânticos diferentes, identificam-se assim as regiões do Brasil, a sua diversidade linguística, por meio de fatores como: economia, trabalho, história, cultura etc. Há, portanto, um avanço e um novo olhar sobre as questões relativas à diversidade linguística em nosso país. Torcemos para que tal trabalho obtenha êxito e seja motivo de exaltação e não marcado por estigmas ou estereótipos.

2.2.4 MONOTONGAÇÃO E ALÇAMENTO DA VOGAL MÉDIA

Para que entendamos melhor o processo de monotongação, precisamos, de antemão, lembrarmos o que seja ditongo, assunto este que aprendemos ainda no ensino fundamental. Da forma como muitos de nós aprendemos, o ditongo é a

junção de duas vogais que não se separam; no entanto, nas palavras de Cristóvão-Silva (2010, p. 73), “ditongo é uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica”, o que muda a ideia de serem duas vogais. Como mostra a autora, ao pronunciarmos uma palavra que contenha ditongos, iremos ouvir a sequência de segmentos, um sendo a vogal e o outro a semivogal ou glide, como na palavra “pai”. No entanto, quando as vogais não apresentam mudança de qualidade ao pronunciá-las, estaremos diante do processo de monotongação.

A monotongação, a primeira categoria analisada nesta pesquisa, é um processo fonológico que consiste na passagem de ditongos /ei/, /ai/, /ou/, por exemplo, à situação de vogais simples, /e/, /a/, /o/ e que são cada vez mais frequentes, sobretudo, quando ocorrem na sequência [ow] e [ey]. Câmara Jr. explica o processo como:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiante (1977, p.170).

O processo descrito é muito comum na oralidade, uma vez que ao pronunciarmos as palavras, não temos total controle sobre elas e falamos muitas vezes sem perceber que nos esquecemos de uma semivogal, não interrompendo, contanto, o processo de comunicação. Esse processo é comum na fala de qualquer pessoa, letrada ou não.

Mesmo sendo um processo comum da oralidade, há ainda contextos que propiciam o processo fonológico de monotongação, contextos favorecedores (QUADRO 01).

Quadro 01: Contexto de aplicação da monotongação.

Ditongos	Contexto propício à monotongação
[aj]	/j/ → caixa
[ej]	/r/ → cadeira /j/ → deixo /ʒ/ → beijo
[ow]	→ Todos os contextos fonológicos → Desinência verbal

Fonte: Martins *et al.*, 2014.

O processo fonológico de alçamento das vogais médias, muito evidente também na oralidade, é a mudança fonética das vogais /e/ e /o/ por /i/ e /u/, respectivamente. Tal processo é decorrente das transformações das palavras de origem latinas. Conforme Bagno (2007c), na língua medieval palavras como “livro” que advém de “libru” era pronunciada com o som de /o/, a partir do período clássico da língua, muitas palavras sofreram alçamento e passaram a ser pronunciadas como conhecemos no português brasileiro. No entanto, esse traço de variação já era percebido por estudiosos da época medieval, assim como relata Fernão de Oliveira:

Das vogais, entre **u** e **o** pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns sorrir e outros surrir e dormir ou durmir e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto entre **i** e **e** pequeno, como memória ou memórea, glória ou glórea. (1975 [1536], p. 64).

Como vemos, era notório, na época medieval, a variação da língua. No decorrer do tempo, deparamo-nos com inúmeras pesquisas, nesse contexto do alçamento das vogais médias, como a de Bisol (1981) que pesquisa a elevação no dialeto gaúcho e Abaurre-Gnerre (1980), que tem seu estudo baseado nos "Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil". Outro exemplo é Passos, Passos e Araújo (1980) que fizeram um estudo sobre a relação entre levantamento da vogal média pretônica no dialeto baiano e tantos outros pesquisadores, não menos importante, que têm interesse por saber mais sobre este processo fonológico, principalmente no contexto atual.

Há estudos, como o de Bisol & Collischonn (2009), que demarcam contextos favorecedores ao alçamento das vogais médias, condicionadores linguísticos e sociais, tais como: contexto vocálico da tônica, tipo de sílaba, contexto precedente, classe gramatical, sexo e escolaridade.

Em todos os espaços e tempos, deparamo-nos com os processos fonológicos, especificamente estes dois que aqui elencamos, reafirmando que a língua varia, é plural e que, mesmo através destas variações, ainda há a interação.

2.2.5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A variação linguística, como foco de estudo da Sociolinguística, deve ser de interesse dos educadores que lidam em sala com as diversidades linguísticas

trazidas pelos alunos e, para tanto, devem estar a par de como desenvolver uma aula, embasada neste assunto. Vejamos o que nos diz Silva:

Se o professor tiver uma formação sociolingüística adequada, o que acontecerá com uma minoria, terá de trabalhar com a variação da sintaxe nas suas aulas e saber, na maioria das vezes de maneira intuitiva e tentativa, já que não há materiais prontos para isso, definir o que será o uso lingüístico socialmente aceitável para que seus alunos não fracassem no curso de sua futura vida profissional em nossa sociedade. [...]. Aí está a grande contribuição que a sociolingüística sobre o português brasileiro poderá dar para uma efetiva virada no ensino da língua portuguesa no Brasil. Seria este talvez, um dever patriótico: o conhecimento e o reconhecimento, na escola, da realidade do português brasileiro (2004, p.114-115).

Cabe, assim, ao professor, estar em constante atualização para conhecer os novos paradigmas educacionais, além de propor ao aluno a reflexão sobre a própria linguagem, a dele e a da sua comunidade, a fazer uso crítico da língua, pois a educação linguística deve também fazer parte da vida dos educandos.

Tem tornado-se quase imprescindível para estudantes e professores de língua materna fazer a associação do ensino de Língua Portuguesa com o ensino de normas gramaticais, ensinar português nesta concepção é ensinar as regras prescritas pela gramática normativa, pois se presume que o aluno ao ser inserido no âmbito escolar precisa ser “normatizado”, deixando de lado a língua aprendida em sua casa, com os seus familiares e vizinhos e pretende-se substituir tal língua, errada e informal, por uma língua correta e formal.

E assim, ao final da educação básica, entende-se que o aluno estará pronto para atuar em sociedade, como se este já não atuasse, de alguma forma, na sociedade em que vive. Tal ensino perpetua-se de tempos antigos à modernidade. Ensina-se da mesma forma que se aprendeu e pouco, ou nada, se altera na metodologia e conteúdo a lecionar. Prega-se, nos documentos que regem o ensino brasileiro, que o aluno é um sujeito com direito à educação e isto está posto na Constituição Federal. Então, imbuídos deste propósito maior, nós professores devemos compreender o nosso aluno como um sujeito que almeja, que deseja, que sonha e realizarmos o nosso trabalho docente, promovendo o direito à educação que a eles cabem.

Sempre nos deparamos com muitos desafios, por exemplo: o estudante, ao iniciar o curso de formação de professores, especificamente o de Letras, espera desvendar todas as regras gramaticais e poder assim explicar as suas finalidades e funcionalidades quando estiver exercendo o magistério. Mas, depara-se com

disciplinas como a Linguística e a Sociolinguística, indo por terra a concepção de que iria aprimorar e tornar-se um excelente gramático, criando-se um conflito interno. Porém, ao término da graduação, quando o professor recém-formado vai preparar e organizar as suas aulas, o que encontra é a mesma ideologia do que achava antes do início do curso: estudar a norma culta.

Há, entretanto, uma parte discreta, no currículo escolar, que propõe o trabalho com a variação linguística. Todavia, o professor, sem a qualificação adequada neste campo, deixa tal assunto e segue apenas o que vem pronto nos livros didáticos, que seguem a gramática tradicional. Falta um incentivo de qualificação ao professor na área da sociolinguística, área tão importante para que seja desenvolvida uma aprendizagem verdadeiramente qualitativa, pois o ensino de normas abstratas e homogeneizadoras, nada se aproximam do uso efetivo da língua nas situações de expressão sociocultural dos nossos alunos. Repreende-se o falar do aluno e o impõe a adoção da norma, substituindo a sua variedade linguística, fruto da sua cultura, não há o desejo de ampliação, mas de ocultar e reprimir o que o aluno já aprendeu com a sua leitura de mundo.

O ensino de português, tal como vem colocado nos livros didáticos, pouco incentiva o trabalho com a variação linguística, há no máximo dois capítulos que apresentam apenas os principais tipos de variação, apenas nos seus vieses externos à língua, ou/e para fazer correspondência entre linguagem formal e informal, prejudicando, dessa forma o ensino do português brasileiro. Por trás disso, ocorre o fracasso escolar, oriundo da evasão e reprovação dos alunos que não se adequam à escola.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais propõem-se uma mudança ao ensino vigente, mudança em todas as disciplinas, inclusive em Língua Portuguesa, reconhecendo a variação linguística presente em nosso país. Conforme está posto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p.26), “a Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam”.

No entanto, em algumas escolas, ou na maioria delas, não há o reconhecimento desta variação, ou até mesmo o que está posto nos documentos oficiais, pois há muitas visões encobertas por preconceitos. Há professores que estão apregoados ao tradicionalismo, aos cânones da gramática tradicional, não se atualizam das pesquisas desenvolvidas para melhoria do ambiente escolar. Estes

professores consideram a sala de aula como um espaço homogêneo, não aceitando a individualidade dos educandos. Está posto nos próprios PCN (BRASIL, 1998, p. 26), esta visão estigmatizada da variedade linguística, cabendo, pois à escola, ou melhor, ao professor livrar-se de falsas convicções e assumir uma nova postura:

[...] há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. [...] para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Crenças como estas são repassadas em sala de aula até mesmo para o próprio aluno, que se constrange em fazer uso da sua língua. Por achar inadequado o seu falar, mutilam a sua cultura e desvalorizam o seu ambiente de convívio familiar e social. Desvalorizar a cultura de alguém é uma forma de desrespeito aos direitos humanos. A pluralidade e a alteridade no processo formativo devem ser reconhecidas pela escola, pois:

[...] a escola é o local de estruturações de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e de consolidação de valores, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, da constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas. O processo formativo pressupõe o reconhecimento da pluralidade e da alteridade, condições básicas da liberdade para o exercício da crítica, da criatividade, do debate entre idéias e para o reconhecimento, respeito, promoção e valorização da diversidade. (BRASIL, 2007, p.31)

Neste sentido, é necessário respeitar a diversidade e incentivar os alunos a se comunicarem igualmente entre si; orientá-los a se posicionarem linguisticamente de acordo com o contexto de comunicação em que estiverem inseridos, adequando ora o estilo mais monitorado ora o menos monitorado. Assim estabelece a orientação dos PCN (BRASIL, 1998, p. 26) “[...] a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas”.

O trato pedagógico a ser dado à variação linguística e o papel a ser desempenhado pela comunidade escolar é:

[...] ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala

como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (BRASIL, 1998, p. 27).

O professor deve estar em constante formação e transformação do trato pedagógico em sala de aula, principalmente no tratamento com a variação linguística. O que estamos propondo não é que o professor aceite tudo o que o aluno diga como correto, mas que mostre as diferentes formas e contextos de uso de uma mesma expressão, as convergências e divergências do conhecimento. Explícite as adequações de uso e o porquê delas em cada circunstância.

Dessa forma, não é necessário descaracterizar o aluno para ensiná-lo a ler e a escrever. Ele, por si próprio, vai perceber através da observação e passará a se automonitorar em contextos de uso da língua. Convém ter em mente que o conhecimento é construído a partir da vivência. O saber que o aluno traz para a sala de aula tem um significado em sua vida, e a escola é o espaço para a ressignificação dos conhecimentos que esses alunos têm. Devemos, antes de tudo, valorizar o outro, o saber e sua cultura.

O professor lida com pessoas diferentes que, ao adentrarem no ambiente escolar, trazem as suas marcas identitárias, as suas individualidades, então ele deve atuar como mediador desse novo espaço de vida do aluno, que é a sala de aula. Por meio do professor, os currículos construídos se materializam, ganham forma (MOREIRA; CANDAU, 2008).

Assim, precisamos lutar por um ensino mais efetivo e menos segregador, no qual as diferenças sejam vistas como contribuição, alavanca para a aprendizagem. Não basta julgar a forma de falar do aluno, taxando-a como incorreta, tem que haver uma reflexão e orientação sobre os diferentes usos da língua.

No entanto, sabemos que existem, ainda hoje, muitos profissionais da educação com pensamentos retrógrados, que têm concepções de ensino pautadas no século passado. Percebemos que muito foi modificado, mas, muito ainda necessita de mudança. Uma das portas que se abrem para que a escola valorize a pluralidade linguística e cultural é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Na primeira metade de 2016, aconteceram em todas as escolas brasileiras, discussões pautadas nesta base. A maioria de nós, educadores e comunidade escolar, requisitou mudanças no currículo escolar da educação básica, com base no argumento de que percebemos a defasagem do antigo currículo e clamamos por renovação/ inovação.

Mesmo sendo minoria, alguns professores, nestes momentos de discussão, ainda não se mostram adeptos a mudar. Afirmamos isso, pautados na experiência, por exemplo, quando um dos principais pontos abordados na área de Linguagens foi o trabalho que deve ser a partir da língua em uso, muitos perguntaram sobre o trabalho com a gramática, o que deixou evidente a sua preocupação com o ensino tradicional, baseado apenas em regras da gramática normativa, desconsiderando as demais gramáticas.

Portanto, a área de Linguagens, e assim propõe a BNCC⁸, deve tratar os conhecimentos relativos à atuação dos sujeitos em práticas de linguagem, em variadas esferas da comunicação humana, das mais cotidianas às mais formais e elaboradas. Nesse contexto, nada mais adequado do que o trabalho que a Sociolinguística evidencia, embora desconhecido de muitos professores. Seguindo os conhecimentos sociolinguísticos, estaremos propiciando ao aluno a compreensão de sua constituição enquanto sujeito social, que age no mundo através da interação.

⁸ Informações disponíveis em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 17 jan 2016, às 06h29min.

3 ESPAÇO, COLABORADORES E *CORPUS* EM DIÁLOGO COM A TEORIA

3.1 LAVRAS DA MANGABEIRA: ENTRE UM CONTAR E OUTRO

Quem não tiver debaixo dos pés da alma, a areia de sua terra, não resiste aos atritos da sua viagem da vida, acaba incolor, inodoro e insípido, parecido com todos.

(Câmara Cascudo)

O universo de pesquisa abrange um macroespaço e um microespaço: o primeiro é a comunidade de Lavras da Mangabeira onde serão coletados os contos e o segundo é a Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra, na mesma cidade, onde os contos serão recontados. Vejamos a Figura 04, representativa do macroespaço:

Figura 04: Cidade de Lavras da Mangabeira- CE.



Fonte: Extraído do site <lavrense.com.br>. Acesso em: 22 mar. 2016, às 15h50min.

Lavras da Mangabeira é uma cidade interiorana do Estado do Ceará, que segundo dados do Censo (2010), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁹, possui população estimada de 31.090 habitantes, distribuídos por seus cinco distritos: Quitaiús, Arrojado, Iborepi, Amaniutuba e Mangabeira. O município surgiu, em meados do século dezoito, por meio da mineração do vale do cariri que se instalou na região, daí a origem do seu nome “lavra” que advém do ouro e Mangabeira por ser o lugar em que se instalaram para que o trabalho de mineração

⁹ Informações disponíveis em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230750>>. Acesso em: 05 julh. 2016, às 12h47min.

fosse desenvolvido na região, o nome Mangabeira já era usado pelos primeiros habitantes do vilarejo, não sendo a sua origem revelada nos documentos do município. No entanto, o primeiro nome dado à cidade através de Resolução Régia de 30/08/1983 é o de São Vicente Férrer de Lavras da Mangabeira, padroeiro do município.

A cidade é conhecida por ser acolhedora e ter, dentre seus moradores, pessoas humildes e simples, filhos ilustres reconhecidos nacional e internacionalmente, além de possuir uma Academia Lavrense de Letras, por tão grande números de escritores nascidos aqui.

Dentre estes filhos ilustres, destacamos, conforme livro *Lavrenses Ilustres*¹⁰, do escritor Dimas Macêdo: Raimundo Pinheiro Pedrosa, popularmente conhecido como Bruno Pedrosa, monge beneditino e pintor de renome internacional. Pedrosa licenciou-se pela Escola Nacional de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aperfeiçoou a sua formação na França e na Inglaterra e reside há mais de trinta anos na Itália, onde desenvolve trabalhos com a arte; Raimundo Nonato de Oliveira, alcunhado por Nonato Luiz, considerado um dos maiores violinistas do mundo, frequentou o Instituto Villa Lobos, autor de mais de quinhentas músicas instrumentais e centenas de composições populares, tendo gravado CDs na Europa e aqui, no Brasil. Lembrando que estes dois artistas ainda se encontram em pleno gozo da vida.

Enumeremos ainda Fideralina Correia de Amora Maciel, a qual tem como nome artístico Sinhá D'Amora, artista de alto nível, tendo cursado a Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, graduou-se pela Academia de Belas Artes de Florença, na Itália. Suas obras, por suas suntuosidades, foram alvos de exposição em vários estados brasileiros e também no exterior, inclusive, a autora Rachel de Queiroz prefaciou o livro em homenagem aos quarenta anos de vida artística de Sinhá D'Amora e a aclamou pelos seus feitos artísticos. Temos ainda, para terminarmos este breve destaque de ilustres lavrenses, Ermeson Monteiro Lacerda, artista plástico, escritor e cineasta, colaborador de diversos jornais, sendo considerado um dos maiores intelectuais do Cariri; e por fim, Joaquim Lôbo de Macêdo (JOARYVAR MACÊDO), historiador no Ceará, com maior expressão no

¹⁰ Desse Livro extraímos todas as informações referentes às pessoas que se destacaram na história da cidade de Lavras da Mangabeira-CE, para maiores informações ou para conhecer outros nomes aqui não divulgados, consultar a bibliografia: MACEDO, Dimas. **Lavrenses Ilustres**. 3. ed., revista e corrigida. Fortaleza: RDS, 2012.

campo dos estudos genealógicos, sendo diversas vezes condecorado por mérito; além de fazer parte de sua bibliografia, grande produção em jornais e revistas do Ceará e de outros estados.

Com tão rica gama de intelectuais, seja no mundo artístico, religioso ou político, o município de Lavras da Mangabeira-CE está situado há 434 km da capital do estado, Fortaleza, e é considerado, também, o berço de uma das mais tradicionais famílias cearenses, a dirigida pela matriarca Fideralina Augusto Lima, mulher destemida e revolucionária para seu tempo, conforme descreve o escritor Dimas Macêdo:

[...] um espírito famanaz, uma das maiores simbologias do mandonismo e umas das grandes expressões políticas do Ceará em todos os tempos. Apesar de jamais ter vivido fora do seu município de origem, sua fama correu mundos (2012, p. 31).

O papel que esta mulher desenvolveu na sua época foi de grande importância, lembrando que naquele tempo as mulheres se dedicavam, quase que exclusivamente, aos filhos e aos afazeres domésticos. No entanto, Fideralina rompe com os paradigmas de sua geração, casa-se, tem filhos e ainda exerce domínio sobre grande parte do Nordeste. Há inúmeros historiadores e pesquisadores que relatam os fatos históricos de Fideralina, inclusive, a cearense e escritora renomada Rachel de Queiroz publicou um artigo na revista *O Cruzeiro*, onde ressaltou a fama da “dona do Nordeste”. Segundo Raquel, Fideralina era uma rainha sem coroa. A escritora vai mais além e inspirada na vida de Fideralina publica a sua obra-prima *Memorial de Maria Moura* (São Paulo, Editora Siciliano, 1992).

Voltando o olhar para o aspecto físico da cidade de Lavras, vale destacar que nela há um centro com casas do século passado e repleto por paisagens naturais, tendo como ponto principal a serra do Boqueirão. Boqueirão é o nome dado a uma serra entrecortada pelo Rio Salgado, onde tem uma gruta conhecida na região por sua famosa lenda: a da princesa encantada com seu carneiro de ouro. Em tal espaço, conforme descreve o professor Doutor João Tavares Calixto Júnior (2012), já pisou o poeta romântico Gonçalves Dias que, em 1860, esteve neste lugarejo, como etnográfico e narrador de viagem da Comissão Científica da Exploração. Antes mesmo desta data, os moradores locais já contavam suas histórias, e estas foram sendo transmitidas de geração em geração, por meio da oralidade, fazendo parte do acervo histórico local.

Neste espaço, conversamos com vinte e sete contadores, todos moradores nativos da cidade, sendo doze contadores do sexo feminino e quinze do sexo masculino, com idade entre vinte e noventa anos, com níveis de escolaridade entre analfabeto e nível superior.

Quanto à instituição de ensino¹¹, o referido microespaço, onde desenvolvemos a atividade de reconto, é a Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra, situada à Rua Coronel João Augusto, 454 no Alto da Repetidora em Lavras da Mangabeira. Criada pelo decreto 11.117/74 e marcada pela sua inauguração em 27/04/75, a instituição atua nos níveis fundamental e médio, nas modalidades de ensino regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Conforme Projeto Político Pedagógico, a Escola, localizada numa região periférica da cidade, busca a todo custo despertar o educando para que ele assuma seu papel de cidadão, construtor da sua própria escola. Vejamos a Figura 05 representativa da escola:

Figura 05: Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

¹¹ Informações extraídas do Projeto Político Pedagógico da Instituição, Ano 2015.

A Escola conta com uma estrutura física que será descrita no Quadro 02.

Quadro 02: Aspectos físicos da Escola Alda Férrer.

Aspectos Físicos	Quantidades
Salas de aula	23
Biblioteca/Sala de leitura	01
Cantina	01
Cozinha	01
Banheiros	08
Sala de direção/coordenação	02
Secretaria	01
Setor financeiro	01
Sala de professores	01
Sala Diretor de turma	01
Sala de informática	02
Laboratórios de ciências	02
Almoxarifado	01
Centro de multimídias	01
Pátio recreativo	01

Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2015.

Além disso, a Instituição conta com vinte e seis professores, sendo sete efetivos e dezenove temporários, uma secretária, uma auxiliar de secretaria, três coordenadores e ainda onze pessoas que compõem o quadro técnico administrativo da instituição, exercendo as funções de auxiliar de serviços gerais, merendeira e vigias, todos sob a direção da senhora Tereza Ivone Lôbo Pinheiro Gurgel. A Escola atende trezentos e noventa e sete alunos, sendo estes da zona rural e urbana.

A instituição supracitada foi escolhida para a pesquisa pelo fato de ser o local, onde a pesquisadora atua como docente de Língua Portuguesa e, sendo conhecedora da riqueza linguística, bem como da necessidade de motivação para estudar dos alunos que lá frequentam, sentindo ainda mais o desejo de melhor contribuir para a educação oferecida nessa instituição.

3.2 QUEM CONTA UM CONTO

Durante a contação de histórias, pudemos comprovar a importância do contador no ofício do contar: rememora histórias, compartilha com os demais a sua sabedoria, o seu conhecimento e deixa a sua marca no texto, escrito ou oral. Nesse

sentido, podemos afirmar que “a arte do contador consiste antes de tudo em produzir uma versão pessoal dos fatos que ele conta, é uma arte testemunhal” (HINDÉNOCH apud PATRINI, 2005, p.74), mesmo que se conte uma mesma história, ela vai carregar consigo as marcas individuais do contador. Assim, a cada novo contar poderá ser acrescido ou omitido alguma parte, a depender do sujeito que conta, do espaço onde circula a memorização e do tempo em que está sendo narrada a história, pois “ [...] mesmo se tratando de um contador tradicional, não podemos descartar a noção de jogo, pois no que se refere a arte de contar, algo sempre será compartilhado com um público [...]” (PATRINI, 2005, p. 108).

O jogo de que a autora fala se refere ao ato de contar oralmente, adequando-se ao propósito comunicativo do momento. A voz do contador, as impressões vivenciadas por ele, podem interferir na história e na forma de contar. Este artista do povo adequa até mesmo a sua linguagem, dependendo do espaço, palco da contação. Nas palavras de Gotlib,

A voz do contador, seja oral, ou seja, escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta – entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões -, que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório (2004, p.13).

Por meio do contar, o contador nos levar a participar de aventuras fantásticas, de histórias maravilhosas, transporta-nos para um passado distante, faz-nos personagens do seu conto, partilha conosco as suas memórias, é “convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu grupo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade” (PATRINI, 2005, p.106).

De acordo com Leal, “O conto popular é uma expressão que pertence a este contexto de sonho e fantasia, de magia e de mistério; ele é parte da fala do povo, um canto harmonioso dirigido ao mistério das coisas” (LEAL, 1985, p. 12). Bons tempos são vividos e experimentados por pessoas que tiveram esse sonho e podem compartilhar essa magia com outras pessoas, aquelas histórias ouvidas e vividas, aqueles contadores que jamais serão esquecidos, pois fazem parte do mundo de muitas crianças, de muitos adultos, das suas alegrias e frustrações.

Além disso, qualquer pessoa pode ser um contador de histórias. Aliás, “o que é preciso para ser contador? Com certeza, ‘é necessário ter tempo para sonhar os

contos', isto é, ruminá-los interiormente, mas também é preciso ter a oportunidade de praticá-los, senão podem ser esquecidos" (SIMONSEN, 1987, p. 29). E lutamos, através de nossa pesquisa, para que estes atos de encantamento não se percam no tempo.

Relacionamos teoria à prática e comprovamos como é diferente o contar de pessoa a pessoa. Algumas delas possuem uma retórica e uma desenvoltura trabalhadas por já terem contado inúmeras vezes estas histórias, e lidam com facilidade com as entrevistas, conseguindo narrar às histórias com todos os seus pormenores, enquanto outras acanham-se com a presença do gravador e do entrevistador e tentam ser outra pessoa, procuram certo "requinte" na linguagem, sentem vergonha, muitas vezes, da sua própria forma de comunicação e ficam paralisadas, não conseguem transmitir todo o texto. Mesmo assim, a identidade do contador se reafirma naquele momento.

A fala e o jeito espontâneos do contador parecem querer estar testemunhando que o que diz realmente aconteceu e não devemos duvidar. São entonações, gestos, aspectos fisionômicos que em conjunto formam uma linguagem argumentativa e atraente para quem se dispõe a ouvi-los (LIMA ARRAIS, 2011).

Mas, como "quem conta um conto aumenta um ponto", adições e subtrações são marcantes nesse tipo de arte. E foi o que comprovamos quando ouvimos os contadores que colaboraram para esta pesquisa.

Todos moradores da cidade, a maioria residindo na zona urbana, com a menor parte na zona rural, são em grande parte agricultores/agricultoras semialfabetizados: que sabem escrever os nomes e muito pouco ler e realizar cálculos simples. Outra parte, em menor quantidade, possui nível médio e superior, exercendo a profissão de professores da educação básica, tabelião ou ainda estão em formação. Observamos, através do contar, que são pessoas simples, porém com muito conhecimento de mundo e muita experiência acumulada. Alguns demonstraram necessidade de atenção, de ser ouvido, pelo prazer com que conversavam e transmitiam suas histórias.

Deste grupo de contadores, três são os enunciadores dos contos selecionados como *corpus* da pesquisa. São os que figuram no Quadro 03.

Quadro 03: Caracterização dos contadores.

Nome do contador	Foto do contador	Caracterização
José Teles da Silva		<p>Agricultor aposentado, casado, 82 anos, nascido na zona rural e reside na cidade há 46 anos. É também poeta e escritor, membro da Academia Lavrense de Letras. O contador se alfabetizou em algumas semanas de estudo. É estudioso da história lavrense.</p>
Raimundo Custódio Neto		<p>Com formação em Técnico em Agropecuária, dirige a sua propriedade localizada no Boqueirão de Lavras. Casado, tem 50 anos de idade e é também poeta da cidade, conhecido por fazer repentines.</p>
Vicente Ferrier Tomaz Férrer		<p>Nascido em 30/10/1943, com 71 anos, casado, possui ensino superior incompleto, o tabelião aposentado é uma das figuras mais conhecedoras da história da cidade. Hoje se dedica à agricultura e à leitura de obras locais.</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

O primeiro contador é o senhor José Teles da Silva. Conforme entrevista informal, o contador de oitenta e dois anos, carinhosamente chamado de Seu Zé Teles, relata que estudou muito pouco, apenas através das cartilhas de alfabetização, mas aprendeu com a vida e hoje é reconhecido como um grande escritor e poeta na sua terra e também em outros Estados, já tendo publicado um

livro de poemas de sua autoria. O contador viveu e ouviu vários fatos que marcaram a história de sua cidade e durante nossa conversa contou-nos duas delas: *A lenda do Boqueirão* e *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira- Ceará*, das quais selecionamos apenas uma.

O segundo contador, Raimundo Custódio Neto, também filho de Lavras, conhecido por Mundoquinha, recebeu-nos com grande satisfação, presenteando-nos com uma das suas obras, pois este também é poeta. Tal contador nasceu na zona rural de Lavras da Mangabeira, precisamente ao redor da serra do Boqueirão. Mundoquinha é conhecido na região por ser possuidor de um dom divino, o de criar poesias e repentes. Quando querem homenagear alguém, procuram o poeta para tal feito.

O terceiro contador é o senhor Vicente Ferrier Tomaz Férrer. Tabelião aposentado que conheceu, através dos livros do cartório, histórias reais da cidade, mas também através de conversas com amigos ouviu outras tantas. É procurado no município por muitos pesquisadores, assim como nós, por ser uma das pessoas que melhor conhece as narrativas históricas lavrenses.

Para a atividade do reconto, os participantes são os alunos do 9º ano – na modalidade EJA. A escolha deste nível é considerada por ser este o último ano de estudos antes de o aluno adentrar no ensino médio, ou seja, é um “divisor de águas” na vida estudantil de cada jovem; além de ser uma turma composta por uma gama mais variada de alunos; variada nos sentidos de idade e origem social, uns são da zona urbana e outros da zona rural. A turma conta com 34 (trinta e quatro) alunos, sendo 20 (vinte) do sexo masculino e 14 (catorze) do sexo feminino, com a média de idade de dezessete anos. Como citado, a turma divide-se em alunos da zona urbana e rural, sendo 11 (onze) residentes na zona rural e 23 (vinte e três) na urbana. Todos eles estudam no turno da tarde.

3.3 OS CONTOS: MEMÓRIAS (RE)CONSTRUÍDAS

O conto popular, como o próprio termo sugere, remete-nos às histórias do povo. Faz parte, conforme Cascudo (2006, p. 21), da literatura de tradição oral, “essa literatura, que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos [...] Sua característica é a persistência pela oralidade. A fé é pelo ouvir, ensinava São Paulo”.

Notemos, portanto quão bela se torna esta literatura que dá espaço a todos que têm a sua voz para ser proclamada e lançada aos ventos. Imaginemos quão gratificante é, pois, mesmo sem o indivíduo possuir o letramento científico, nem o conhecimento da grafia, poder compartilhar as suas histórias através do contar, por meio da oralidade. É literatura de tradição por “entregar, transmitir, passar adiante o conhecimento” (CASCUDO, 2006, p. 27). Através do contar, as pessoas vão perpetuando a memória coletiva e deixa o legado vivido para as gerações futuras, não deixando morrer a história e a cultura de suas comunidades.

A literatura oral, da qual o conto popular origina-se, também serve para entreter. Recordemos, por exemplo, os tempos de criança, principalmente para quem residiu em zona rural: uma das formas de recreação era ouvir os mais velhos contarem histórias fantásticas, maravilhosas, as quais ficaram fixadas em nossas memórias. As noites eram prazerosas e muito curtas, não havia naquela época, ressaltado na zona rural, luz elétrica e por consequência disso nenhum aparelho eletrônico como televisão e rádio, e a melhor e única forma de divertimento era esperar anoitecer e nos reunirmos nos alpendres, para ouvirmos as histórias contadas por nossos avós e vizinhos, histórias essas chamadas por eles de histórias de Trancoso, que nada mais são do que os contos populares.

O conto é uma narrativa curta. Muitas vezes é esta a definição imediata que se tem do conto. Ao longo dos anos, segundo Gotlib (2004), muitos autores/escritores conceituaram o conto como gênero de prosa de ficção, história inventada ou narrativa folclórica, porém, nenhum destes conceitos conseguem abranger a sua dimensão. Quanto a sua origem, conforme Massaud Moisés (2006), esta também não é precisa, a história do conto mergulha num remoto passado, difícil de precisar, suscitando, por isso, toda sorte de especulações.

A palavra conto tem sua origem no latim (*computare*) que primeiramente significava “enumeração”, depois, com a evolução da palavra, passou a ser acontecimento. Para Júlio Cesares, de acordo com Gotlib (2004, p. 11), o termo possui três acepções: “1. Relato de um acontecimento; 2. Narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. Fábula que se conta às crianças para diverti-las”. Em sua forma oral, o conto remonta de, aproximadamente, 4.000 anos antes de cristo, estando presente no “caso” narrado em torno de fogueiras, junto aos trabalhadores rurais dos povos primitivos. Informa Gotlib (2006, p. 6) que “embora o início do contar história seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos

leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem histórias”.

O Brasil é um país rico em cultura, pois foi construído por povos heterogêneos, pessoas que vieram de várias partes do mundo e aqui se instalaram, portanto, “a literatura oral se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para memória e uso do povo atual” (CASCUDO, 2006, p. 27), a indígena, portuguesa e a africana. E nesta cultura estão presentes os contos populares que para muitos não passam de histórias fantasiosas e para outros estas estão entrelaçadas de fatos verdadeiros, pois o conto “não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele realidade e ficção não têm limites precisos” (GOTLIB, 2004, p. 12). Cada região possui as suas próprias narrativas históricas, algumas chegam a transpor as barreiras geográficas e históricas e tornam-se conhecidas por pessoas fora do seu contexto local; quem nunca ouviu falar em nosso país, por exemplo, do Curupira, do Saci Pererê, da Iara, Caipora, Negrinho do Pastoreio entre tantos outros personagens folclóricos, mesmo sendo narrativas de diferentes regiões do país?

Foi a partir da curiosidade em conhecermos os contos que fazem parte da nossa comunidade que resolvemos ir à busca destas histórias que misturam o maravilhoso e o fantástico. Ouvimos o contar de 27 contadores, 41 histórias, algumas semelhantes e outras com conteúdos bem diferentes. Começamos a levantar os contos no dia 30 de julho do ano em curso e concluímos no dia 26 de agosto. A primeira contadora entrevistada foi a senhora Maria Das dores Nunes Alves, de 89 anos. Ao chegarmos à casa dela numa noite, fomos bem recebidos pela contadora. Dona Maria é uma pessoa humilde, nunca estudou, mas com a vida aprendeu a ler e fazer simples cálculos matemáticos.

Os demais contos foram levantados em lugares diversos, alguns na escola onde lecionamos, outros nas casas dos contadores, outros em locais de trabalho. Na maioria das visitas, fomos bem recebidos pelos entrevistados que entenderam o propósito da conversa, no entanto, em outros encontros, não aconteceu uma compreensão clara do objetivo e algumas pessoas relataram problemas políticos ou pessoais.

Tivemos que nos deslocar para a zona rural da cidade, para muitos lugares distantes e de difícil acesso, às vezes indo e não encontrando em casa os contadores. Lembramos que no dia 22 de agosto nos deslocamos para o Distrito de

Quitaiús para ouvirmos alguns contos do senhor João da Rocha Lima, de 82 anos, no entanto, ao chegarmos à sua residência, encontramos um senhor que parecia não estar bem da memória, deitado em uma rede, numa casa bem escura, e no momento da conversa, uma senhora com problema de audição costurava sem parar, ficamos constrangido com a situação, ouvimos o que senhor tinha para dizer, mas nem a transcrição pudemos fazer, pois estava inaudível.

Na maioria das vezes, fazíamos uma visita inicial para falarmos sobre a nossa pesquisa e marcávamos um dia para a contação, mas, quando chegava o dia, o contador não estava em casa, tendo que voltarmos outras vezes até encontrá-lo. Assim, havia dias proveitosos e outros nem tanto.

Na tarde do dia 19 de agosto, fomos à Escola Alda Férrer e lá entrevistamos quatro professores que quiserem contribuir para a pesquisa como contadores, pois conhecendo a pesquisadora, disseram ter prazer em ajudá-la. Neste mesmo dia, fomos à casa de mais dois contadores, já perto do anoitecer; um deles contou a história da imagem de São Vicente e, na outra visita, o senhor disse que não sabia contar, mas que possuía a imagem tão relatada na história do contador anterior, então pedimos autorização para fotografá-la.

Na manhã do dia 17 de agosto, nos dirigimos à Secretaria Municipal de Cultura para lá conversarmos com alguns contadores, entre eles, a secretária de cultura que muito bem nos recebeu e contribuiu para a pesquisa. Na noite do mesmo dia, por intervenção de uma amiga, conversarmos com mais quatro contadores; deslocamo-nos até a zona rural da cidade para ouvirmos as histórias. Recordamos que nesta noite, a lua estava clara e fomos para debaixo de uma árvore perto da casa ouvir os contadores bem simples relembrando as suas histórias.

Levantamos as seguintes histórias: *Histórias de botijas, Caipora, Vaca de bezerro novo, Corpo fechado, O jovem Sonhador, O peba descontrolado, O cavalo assombrado, O cachorro sorridente, O choro na mata, A caçadeirinha da mata, Fideralina Augusto Lima, O endemoniado, Fenômenos inexplicáveis no colégio Agrícola de Lavras, A passagem de Lampião por Lavras, Boqueirão de Lavras (Lenda e história), O filho mentiroso, O cemitério na Caixa d'água, O jovem e sua sina de morrer, A muriçoca e o peba, O Lobisomem, Cemitério antigo, Igreja de São Vicente Férrer, Alda Férrer Augusto Dutra, O beijo no trem, O menino expectador, As mil mentiras, Juiz reto, Floriano e Arranca, O médico, O menino e o burro, Tereza, A*

princesa Maria do Barro vermelho, A mulher e os cachorros, Pássaro de ouro, Peleja e O reino do vai não torna.

Dos 41 contos levantados, selecionamos como *corpus* três para análise e reconto. Os três contos selecionados narram fatos que aconteceram em Lavras da Mangabeira - Ceará, ou de eventos que marcam o cenário cultural e religioso desta cidade, embora saibamos, também, que são narrativas redimensionadas, haja vista os sujeitos contadores, o espaço e o tempo.

O primeiro conto selecionado, *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-Ceará*, cujo enunciador é o senhor José Teles da Silva, narra a passagem do famoso rei do cangaço, Lampião, pela cidade de Lavras da Mangabeira. Lampião, destemido cangaceiro, chega à cidade de Lavras sem saber, pois já havia sido advertido por Padre Cícero que não deveria passar nas terras do Coronel Raimundo Augusto. Um olheiro, vendo a chegada de Lampião, avisa ao coronel que prepara um combate ao bando. No entanto, no meio do caminho o bando do coronel se depara com a polícia de Cajazeiras-PB e entra em confronto, pois ambos os lados pensavam que se tratava do bando de Lampião. Quando Lampião escuta os tiros do combate, sai correndo com seus cangaceiros, deixando para trás todos os seus pertences.

Em *A Lenda do Boqueirão*, contado por Raimundo Custódio Neto, a narrativa centra-se no Boqueirão de Lavras, chapada entrecortada por um rio, onde conta-se que uma linda moça, na companhia de um carneiro de ouro e uma galinha com pintos, apareceu para um morador, que ficou encantado com tanta beleza. A moça lhe fez um pedido e este não foi cumprido. O homem ficou doente, querendo “desencantar” a moça, fixou o pensamento nisso e de tanto procurar, no local, pela moça, desapareceu e dias depois foi encontrado morto.

Figura 06: Gruta do Boqueirão, Lavras da Mangabeira-CE, 2015.



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2015.

O terceiro conto selecionado, narrado por Vicente Ferrier Tomaz Férrer, faz alusão à lenda que envolve a imagem de São Vicente Férrer. A narrativa diz que a cidade de Lavras só foi construída porque um vaqueiro, em sua lida diária, encontrou debaixo de um juazeiro uma imagem de São Vicente Férrer, levou-a para o seu patrão e, no dia seguinte, a imagem retornou ao seu lugar de origem sem que alguém o fizesse. Este fenômeno se repetiu e então resolveram construir uma capela para abrigar a pequena imagem. Com isso, formou-se um vilarejo e foi sendo construída, em consequência disso, a cidade de Lavras.

Figura 07: Primeira imagem de São Vicente, 2015.



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2015.

Quanto à atividade do reconto em sala aula de aula, esta aconteceu nos dias 18 e 20 de abril de 2016. A sequência didática¹² assim como planejada, foi desenvolvida em três aulas. No dia 18 de abril, aconteceram duas aulas consecutivas e no dia 20, apenas uma. Lembrando que cada módulo da sequência tinha dois momentos, e a turma é composta por 34 (trinta e quatro) alunos, sendo 20 (vinte) do sexo masculino e 14 (catorze) do sexo feminino, com a média de idade de dezessete anos. A turma divide-se em alunos da zona urbana e zona rural, sendo 11 (onze) residentes na zona rural e 23 (vinte e três) na urbana. Todos eles estudantes do turno da tarde.

O primeiro módulo, intitulado “*Reavivando a memória*”, serviu para estabelecer o contato inicial entre pesquisadora e alunos e teve como objetivo compreender a importância dos contos populares como elemento da cultura de uma comunidade, fazendo com que os alunos percebessem que os contos fazem parte

¹² Ver Anexo 04.

do seu dia a dia, e a partir daí socializaram as histórias que já ouviram, foi um momento de interação.

Na tarde do dia 18 de abril, entramos na sala do 9º ano com uma grande expectativa de realizarmos a sequência, havíamos, anteriormente, preparado o material e torcíamos para que todos os objetivos fossem alcançados. De início, realizamos algumas indagações sobre o gênero conto, as quais foram respondidas, pois já havia sido trabalhada em sala uma produção textual com esse gênero. Relembramos o conceito, a estrutura, o enredo e a ideia de quem é o contador.

Em seguida, introduzimos a palavra conto popular, e eles, pela inferência das palavras, disseram que se tratava de “conto do povo”. Fomos dando pistas para que eles conseguissem atingir com propriedade a definição de conto popular. Explicamos que o este não possui autoria, uma vez que são histórias repassadas de geração a geração pela oralidade. Evidenciando que a cada história contada são acrescentadas as marcas subjetivas dos enunciadorees. E começamos a contar as histórias que ouvíamos quando criança e à medida que contávamos, os alunos também iam lembrando de histórias parecidas ou até outras completamente diferentes e queriam contar também. Nesse momento, a turma se agitou demais (o que achamos positivo, pois era demonstração de interesse), mas fomos controlando os ânimos e colocando ordem nas falas.

Uma das alunas, que tem 30 anos de idade, quis ter o domínio constante da fala, enquanto contadora, pois pela experiência conhecia várias narrativas, mas os outros alunos também ficaram ansiosos por contar as histórias que conheciam, e assim fomos abrindo espaço para todos. Entre as histórias ouvidas estão: *Histórias de caipora ou Caçadeirinha do mato*; *Histórias de fenômenos sobrenaturais*; *Histórias de rezadeira/benedeira*; *Histórias de botija* e *Histórias de cobras*. Ouvimos atentamente o contar de cada um, claro que tiveram aqueles que tinham algo para contar, mas pela timidez não conseguiram compartilhar as histórias que sabiam.

No segundo módulo, *Re/descobrimdo os contos populares na cultura local*, foi o momento dos alunos conhecerem os contos selecionados que fazem parte da pesquisa, bem como seus contadores, com o objetivo de compreender as narrativas populares como manifestações da cultura de um povo.

Ao escrever no quadro o nome dos três contos e pedir para que os alunos falassem se já os conheciam ou inferissem a respeito, dos três contos a turma só conhecia o conto *Lenda do Boqueirão*. No entanto, não conheciam o enunciadoree de

quem ouvimos. Os demais contos, os alunos não conheciam, apenas pela exposição dos títulos. Apresentamos os contadores e começamos a ouvir os áudios dos contos. Neste momento, o silêncio reinava na sala: ouvíamos apenas a reprodução dos contos, todos atentos, prestando atenção em cada detalhe da história. Tinha aqueles momentos em que a escuta da narrativa provocava um pouco de riso ou admiração, mas todos muito contidos ao expressarem as emoções para não atrapalhar a audição das narrativas.

Terminado a escuta, os alunos começaram a falar entre si sobre as histórias e foram fazendo alguns acréscimos a cada uma delas. Neste momento de empolgação, pedimos que se dividissem em três grupos para que realizassem a leitura dos contos, para posterior reconto. Aqui, eles ficaram um pouco assustados, principalmente pela extensão do conto *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira - Ceará*, que é o mais extenso dos três. No entanto, explicamos que eles não iriam decorar a história para contá-la tal qual os contadores haviam contado, mas conhecer mais para criar suas próprias versões. Tranquilizados, eles, após a orientação, dividiram-se em grupos para realizarem as leituras. As duas aulas terminaram no momento dessa leitura.

No terceiro e último módulo, *Como contaram o que ouviram*, foi o ponto chave da sequência, os alunos contaram o que escutaram, as mesmas histórias, mas em versões diferentes das ouvidas. A cada contar, as impressões pessoais eram acrescentadas às narrativas. No início da aula, relembramos as aulas anteriores, percebemos certo receio dos alunos em compartilhar as suas versões, mas fomos tranquilizando-os e ao mesmo tempo os motivando. Fizemos um círculo na sala e o primeiro contador apareceu. E assim outros foram se disponibilizando a contar. A cada narrativa proferida, os colegas ouviam atentamente e aplaudiam ao final. No entanto, alguns alunos, por não conseguirem transpor a barreira da timidez, não conseguiram falar.

Ao término da atividade desenvolvida, parabenizamos a todos pelas excelentes histórias e recebemos depoimentos de que eles já tinham contado aquelas histórias em casa para os pais e que os pais haviam dito que já as conheciam e contaram outras. Conseguimos, assim, atingir o objetivo da sequência: os alunos, motivados, compartilharam as histórias que já conheciam, ouviram as histórias da cultura local, recontaram-na e foram além: já as levaram para as suas

casas, ou seja, pela boca desses jovens, as histórias se renovaram e serão transmitidas, certamente.

Percebemos com essa proposta que os alunos sentiram-se parte da aula, com participação ativa, pois o conhecimento foi construído a partir da vivência. Por meio da mediação, os alunos conseguiram interagir uns com os outros e ressignificaram conhecimentos; indo além do esperado, transmitindo o aprendizado da sala para além dela. Parafraseando Paulo Freire (1982, p.11) “o conhecimento de mundo dos alunos precede o conhecimento formal proposto pela escola”, fazer emergir valores culturais e transformá-los em saber institucionalizado abre caminho para a aprendizagem significativa.

Coletamos 28 textos, a partir da atividade de reconto, variantes de três contos: de *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-CE* resultaram 08 textos, uma vez que a sala estava dividida em três grupos e para essa narrativa, 04 alunos não se dispuseram a colaborar com a contação; do conto *A lenda do Boqueirão* resultaram 12 narrativas e de *A imagem de São Vicente Férrer* resultaram mais 08 histórias. Caso toda a turma estivesse disposta a colaborar teriam sido coletadas 34 narrativas, porém, alguns alunos não se mostraram disponíveis ao momento.

Percebemos que eles conseguiram captar o essencial de cada conto, mas, em versão bem resumida, realizaram o reconto. Como diz o ditado “quem conta um conto aumenta um ponto”, em cada nova história, houve acréscimos e subtrações da narrativa ouvida, novas invenções, novos fatos. Dos 28 textos, selecionamos três, um de cada conto selecionado, para completar o *corpus* da pesquisa.

O conto *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-Ceará*, foi recontado por A1¹³, de 19 anos de idade, residente na zona rural. A1, tranquilo e estudioso, mas por ser bastante tímido, não participa muito das discussões em sala de aula, por isso sua ativa participação nos surpreendeu. A1 resume em poucas palavras à narrativa, dando-lhe acréscimos e subtrações. Na história, A1 diz a idade em que Lampião começou a matar gente, o que não é dito pelo contador José Teles da Silva. Os números e nomes são modificados e até mesmo o desfecho da história. A1 diz que Lampião foi morto e sua cabeça foi pendurada na cidade de Lavras da Mangabeira, como fruto de sua criação.

¹³ Codificamos o nome, na intenção de manter o sigilo da identidade dos alunos.

O segundo texto, *Lenda do Boqueirão*, foi realizado por A2, de 18 anos de idade, residente na zona urbana. A2 também muito tímido, mas na hora de participar, costuma dá sua parcela de contribuição, tanto é que foi o primeiro a começar a contar a narrativa em sala. E o interessante é que começou a contar a história com o verbo dizer, “dizem”, dando a indeterminação do enunciador do conto. Também muito sintético, A2 resume a história, não perdendo o enredo primário.

A última narrativa, *A imagem de São Vicente Férrer*, foi recontada por A3, de 18 anos, residente também na zona urbana. Ao contrário dos outros participantes, A3 gosta de conversar. Muito atento, consegue aprender com facilidade. A3, na sua maneira, conseguiu contar a narrativa em detalhes, no entanto, das três narrativas anteriores esta foi a mais resumida.

Durante a análise, os contos estão identificados por grafemas, conforme o Quadro 04:

Quadro 04: Codificação dos contos.

Conto	Grafema
<i>A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-Ceará</i>	FLLM
<i>A lenda do Boqueirão</i>	LB
<i>A imagem de São Vicente Férrer</i>	ISVF

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2015.

Os contos foram assim codificados para simplificar o processo de análise, tendo em vista que analisamos cada processo (monotongação e alçamento das vogais médias) nos três contos simultaneamente, assim não precisamos de subtópicos para cada conto, neste caso, elaboramos os grafemas expostos no quadro acima para que facilite a exposição de cada conto na análise, não sendo necessário mostrar a nomenclatura por extenso destas narrativas.

4 ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS CONTOS POPULARES

Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa.

(Carvalho)

Este capítulo atende aos objetivos de descrever a variação linguística empregada no conto *corpus* e no reconto e de comparar a variação linguística entre o conto e o reconto. Nesta primeira parte, a descrição analítica da variação linguística é apenas dos contos selecionados entre os coletados na comunidade. Na segunda parte, a descrição é dos recontos selecionados entre os ouvidos na sala de aula. E a terceira parte a comparação da variação entre o conto e o reconto. Da variação linguística, optamos por um aspecto interno à língua: o fonológico. Seguiremos os critérios: existência do processo fonológico de monotongação e do alçamento das vogais médias; quantificação das categorias; comparação de ocorrência entre as narrativas. Estes processos são identificados à luz da Teoria da Variação linguística de William Labov, tendo em vista a seleção do *corpus*, direto na comunidade de fala.

4.1 ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DOS CONTOS

Neste primeiro momento, realizamos uma leitura minuciosa das narrativas populares que fazem parte do *corpus* para identificarmos a existência dos processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias. Descreveremos nas três primeiras tabelas o achado de monotongação e, nas três seguintes, o que encontramos de alçamento das vogais médias. Trata-se de um termo variável utilizado pelo enunciador. Para tanto, utilizamos o termo variável para se referir à palavra na sua forma padrão e variante para a forma dita pelo contador.

Tabela 01: Monotongação no conto FLLM.

Variável	Variante
Carneiro	Carnêro
Dinheiro	Dinhêro
Houve	Hôve
Criou	Criô
Começou	Começô
Desesperou	Desesperô
Ficou	Ficô
Pouco	Pôco
Baixo	Baxo
Agradou	Agradô
Botou	Botô
Limoeiro	Limoêro
Juazeiro	Juazêro
Ribeira	Ribêra
Pegou	Pegô
Chegou	Chegô
Passou	Passô
Vou	Vô
Arranchou	Arranchô
Deparou	Deparô
Selou	Selô
Chamou	Chamô
Escapou	Escapô
Perguntou	Perguntô
Levou	Levô
Mandou	Mandô
Lembrou	Lembrô
Entregou	Entregô
Apresentou	Apresentô
Matou	Matô
Terminou	Terminô
Ponteiro	Pontêro
Deixado	Dexado
Gritou	Gritô
Sobrou	Sobrô
Trabalhou	Trabalhô
Comprou	Comprô
Almoçou	Almoçô

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No conto FLLM fica evidente o processo da mudança fonética, pois observamos a passagem dos ditongos /ei/, /ai/, /ou/, conforme destacado em negrito, à situação de vogais simples, /e/, /a/, /o/. Percebemos ainda que isto é mais frequente, sobretudo, quando ocorre na sequência [ej] e [ow], como em *dinheiro* e *carneiro*, que passam a /dinhêro/ e /carnêro/. No entanto, a presença da sequência [aj], na narrativa, é pouca, há apenas na palavra *baixo*, que é proferido pelo enunciador como /baxo/. Nesse caso o processo se deu devido ao contexto fonológico, ou seja, de o fonema seguinte [j] ao ditongo ser uma palatal, caso muito comum ao favorecimento da monotongação. Outro caso bastante comum para acontecer o apagamento da semivogal é quando o ditongo é uma desinência verbal, como em *comprou* e *sobrou* que passam a /comprô/ e /sobrô/, este último caso é o mais comum dentre os demais, conforme tabela acima.

Tabela 02: Monotongação no conto LB.

Variável	Variante
Pitombeira	Pitombêra
Chegou	Chegô
Carneiro	Carnêro
Dourado	Dôrado
Ficou	Ficô
Trouxe	Trôxe
Voltou	Voltô
Tentou	Tentô
Ouro	Ôro
Boqueirão	Boquêrão
Entrou	Entrô
Pouca	Pôca
Sobreira	Sobrêra
Mergulhou	Mergulhô
Debaixo	Debaxo
Enganchou	Enganchô
Clareou	Clariô

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No segundo conto, LB, os ditongos passam a ser produzidos como uma única vogal, há o apagamento da semivogal, principalmente nas sequências [ej] e [ow], como em *Sobreira*, *ouro* e *clareou*, que passam a /Sobrêra/, /ôro/ e /clariô/. Nestes

dois últimos casos, tanto quando o ditongo está no meio da palavra quanto no final. Uma pesquisa realizada por Silva (2004) revela que a maioria dos contextos, no caso do ditongo [ow], é propícia a monotongação, a frequência gira em torno de 90%¹⁴, como nas palavras *pouca*, *dourado* e *trouxe*, que passam a /pôca/, /dôrado/ e /trôxe/.

Tabela 03: Monotongação no conto ISVF

Variável	Variante
Primeiro	Primêro
Mangabeira	Mangabêra
Vaqueiro	Vaquêro
Debaixo	Debaxo
Achou	Achô
Pegou	Pegô
Levou	Levô
Vou	Vô
Juazeiro	Juazêro
Começou	Começô
Ouro	Ôro
Pouco	Pôco
Mandou	Mandô
Ficou	Ficô
Passou	Passo
Outro	Ôtro
Pintou	Pintô
Grosseira	Grossêra

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Mas uma vez, agora no conto ISVF, fica evidente o processo fonológico que estamos observando. Os ditongos decrescentes, [ej] e [ow], sofreram a aplicação da regra variável de monotongação, com a redução do glide ou semivogal. Vale salientar que muitos estudiosos aplicam a regra da redução da semivogal apenas nos ditongos [aj], [ej] e [ow].

Tal processo tem sido estudado por diferentes vieses, alguns estudam o processo de monotongação como variação fonética de facilidade de articulação, já outros como uma marca da sociolinguística. No caso da nossa pesquisa, a teoria base é a Sociolinguística. Ao transcrevermos as falas, assim como foram proferidas,

¹⁴ Para maiores informações, sugerimos a leitura da obra: SILVA, F. **O processo de monotongação em João Pessoa**. In: HORA, D. (org.) *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, 2004.

estamos analisando aspectos da oralidade e não da escrita, neste caso não podemos dizer que é uma variação fonética que se dá na fala e também na escrita, uma vez que não abrimos espaço para que o contador também escrevesse a sua versão do conto, o que nos interessa é somente a língua em uso, ou seja, a fala, na sua forma espontânea, e conforme Jesus, Santos & Santos (2010), este é um dos fatores que favorece a monotongação.

Vale salientar que tal processo, que ocorre sistematicamente na oralidade, não gera consequências como a do preconceito linguístico para o falante, pois a depender do contexto fonológico, qualquer pessoa com *status* social diferente pode preferir palavras monotongadas. No entanto, quando o processo é transposto para a escrita, conforme estudo na área¹⁵, tal processo pode ser motivo de estigmatização.

Esclarecido o processo de monotongação nos três contos selecionados, passaremos a analisar outro processo fonológico encontrado nas narrativas populares, o alçamento das vogais médias. Para melhor entendimento, o alçamento das vogais médias nada mais é do que a troca da vogal /e/ por /i/ e da vogal /o/ por /u/, muito comum na fala. Vejamos:

Tabela 04: Alçamento das vogais médias no conto FLLM.

Variável	Variante
Gente	Genti
Que	Qui
Combate	Combati
Pequeno	Piquenu
Parte	Parti
Desfalcado	Disfalcadu
Homem	Homi
Muito	Muitu
Recebido	Ricebidu
Alto	Altu
Rumo	Rumu
Grande	Grandi
Sobe	Sobi
Frente	Frenti
Onde	Ondi
Poço	Poçu
Desde	Desdi
Defronte	Difronti

Continua....

¹⁵ Indicamos, como referencial, o estudo abordado na seguinte Dissertação: SILVA, Karine Melo e. **Da fala para a escrita: Uma abordagem da monotongação e ditongação na escrita**. São Cristóvão/SE, 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Sergipe.

Continuação...

Chegue	Chegui
Fique	Fiqui
Bocado	Bucadu
Senhor	Sinhor
Benício	Binício
Leandro	Liandro
Brigue	Brigui
Coragem	Coragi
Vestida	Vestida
Cinco	Cincu
No	Nu
Quando	Quando
Povo	Povu
Sabe	Sabi
Com	Cum
Podia	Pudia
Canto	Cantu
Menos	Menus
Devia	Divia
Governador	Guvernador
Quatrocentos	Quatrocentus
Governo	Guvernu
Pediu	Pediu
Espada	Ispada
Selado	Seladu
Fome	Fomi
Levando	Levando
Descia	Dicia
Amigo	Amigu
Palmo	Palmu
Costume	Custumi
Tempo	Tempu
Bonita	Bunita
Conheço	Cunheço
Memorizado	Mimorizado
Memorizo	Mimorizo
Estou	Istou

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No conto FLLM podemos ver, em destaque, o processo de alçamento das vogais médias, tanto pretônicas quanto átonas finais. A diferença que existe entre uma e a outra, é que no primeiro caso, pretônicas, ocorre à perda da distinção entre vogais médias na primeira sílaba, como em *descia*, por /dicia/, ou *começo* por /cumeço/. Já no caso das átonas finais, o processo ocorre no final de palavras, como na variável *tempo* que passa a /tempu/ ou *menos* por /menus/. Há a elevação, por isso o processo é chamado de alçamento, de /e/ e de /o/ por /i/ e /u/.

Notamos em nossa pesquisa, além de outras pesquisas também já terem apontado, que um dos fatores que contribuem para a elevação da vogal é o arquifonema /S/, como nas palavras *espada*, *estou*, *costume*, *vestida* que passam, respectivamente a /ispada/, /istou/, /custume/ e /vistida/.

Tabela 05: Alçamento das vogais médias no conto LB.

Variável	Variante
Hoje	Hoji
Existe	Existi
Dentro	Dentru
Belo	Belu
Senhor	Sinhor
Frente	Frenti
Almofada	Almufada
Pedido	Pedidu
Podia	Pudia
Metade	Metade
Cidade	Cidadi
Pente	Penti
Suave	Suavi
Esquecendo	Esquecendo
Dele	Deli
Doente	Duenti
Fosse	Fossi
Caso	Casu
Verdade	Verdade
Inteligente	Intiligenti
Corria	Curria
Cinco	Cincu
Quebrado	Quebradu
Forte	Forti
Criando	Criando
Corrente	Correnti
Vicente	Vicenti
Gente	Genti
Menino	Mininu
Vamos	Vamus
Alpendre	Alpendri

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No segundo conto, LB, há também o fenômeno fonológico que consiste na troca das vogais médias /e/ e /o/ por vogais altas /i/ e /u/, neste caso também ocorre o chamado alçamento vocálico. Percebemos que palavras como *inteligente*, *vamos cinco*, *Vicente* que fazem parte de classes gramaticais diferentes, pois são,

respectivamente, adjetivo, verbo, numeral e substantivo, estão neste processo, fazendo com que percebamos que tal processo pode acontecer com palavras pertencentes a estas, além de outras classes gramaticais. Essas palavras foram enunciadas das seguintes formas, conforme variantes da tabela acima: /intiligenti/, /vamus/, /cincu/ e /Vicenti/. Percebemos ainda que, em um dos casos, o processo deu-se na vogal média pretônica, como em /intiligenti/ e os demais nas vogais médias átonas finais, fazendo-nos concluir que este caso é o mais comum.

Algumas pesquisas, como a de Bisol (1981), apontam que o processo de alçamento pode resultar da harmonia entre a vogal pretônica e a vogal alta da sílaba seguinte, por exemplo, na palavra do quadro acima, *menino*, ocorre o alçamento para /minino/, pelo fato de a vogal /e/ ter recebido a influência da segunda vogal /i/, em menino. No entanto, este é apenas um dos contextos, o mais evidente, em que pode ocorrer o processo fonológico em questão, mas nem todos os casos se explicam pela motivação da harmonia vocálica.

Tabela 06: Alçamento das vogais médias no conto ISVF.

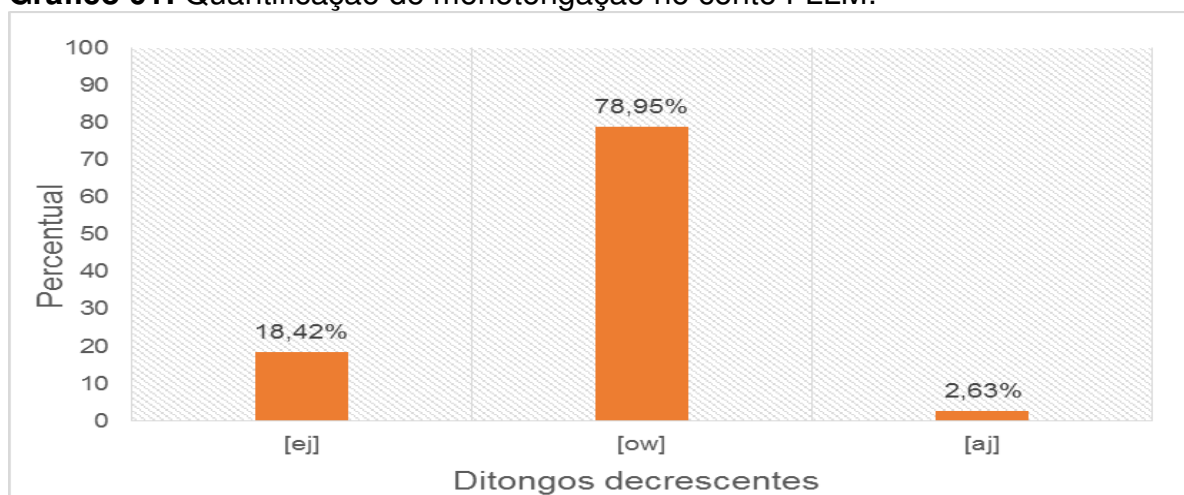
Variável	Variante
Sabe	Sabi
Pequena	Pequena
Procurar	Procurar
Vicente	Vicenti
Desapareceu	Disapareceu
Descansar	Descansar
Novamente	Novamente
Danado	Danadu
Sítio	Sítiu
Tronco	Troncu
Disse	Dissi
Doação	Duação
Dano	Danu
Filho	Filhu
Vigário	Vigáriu
Destacava	Destacava
Começo	Cumeçu
Gente	Genti
Melhorou	Melhorou
Porquê	Purquê
Recife	Ricife
Suspendesse	Suspendesse
Lucrativos	Lucrativus
Povo	Povu
Misturado	Misturadu
Se	Si
Retiraram	Ritiraram
Parte	Parti
Jeito	Jeito
Sendo	Sendu
Padre	Padri
Pouco	Poucu
Crescia	Crescia
Melhorava	Melhorava
Conhecido	Conhecido
Doente	Duenti
Sinto	Sintu
Corpo	Corpu
Mosaico	Mosaicu
Piso	Pisu
Reboco	Rebocu
Ano	Anu

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Por fim, no conto ISVF, constatamos também a troca das vogais médias (e, o) pelas vogais altas (i, u), o que reforça o chamado alçamento vocálico, por elevar o traço da altura das vogais médias e produzir formas alternantes, como em *pequena* e *doente*, que passa a /piqueña/ e /duenti/. É importante observarmos que mesmo havendo a permuta das vogais, há uma similaridade, fazendo com que haja o completo entendimento entre os interagentes que comungam de tais variantes, tendo em vista que este processo pode acontecer com qualquer indivíduo, ressaltando a heterogeneidade linguística.

Quantificando, veremos a seguir alguns gráficos sobre os dois processos fonológicos em cada conto. Vejamos, de início a quantificação do processo de monotongação, em seguida o de alçamento das vogais médias.

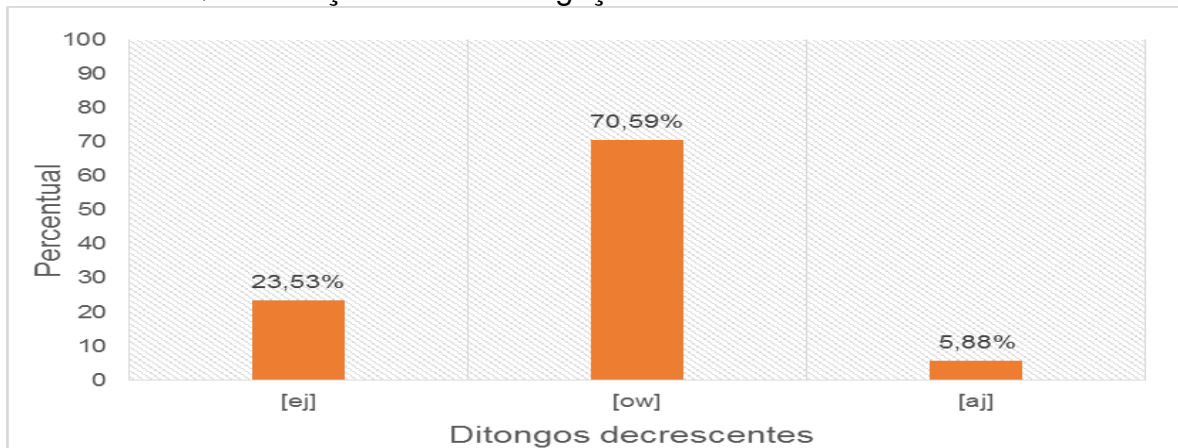
Gráfico 01: Quantificação de monotongação no conto FLLM.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

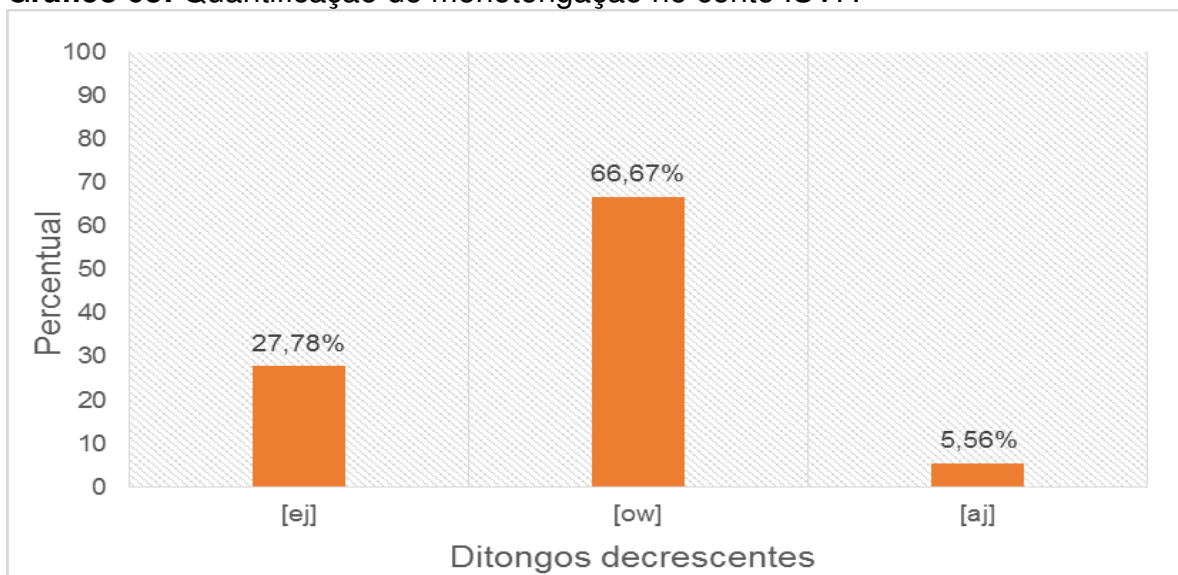
Constatamos que, no Gráfico 01, há um maior número de ocorrência de palavras com a monotongação do ditongo [ow], com um percentual de 78,95%, seguido pela monotongação do ditongo [ej] com 18,42% e apenas 2,63% para a monotongação do ditongo [aj]. Dos três contos selecionados, este foi o mais completo, isto pela riqueza de detalhes e, conseqüentemente de expressão, além da linearidade enunciada. Comprovamos que, realmente, conforme pesquisa¹⁶ já divulgada, que o maior número de ocorrências ocorre com o ditongo [ow] e quando este é desinência verbal.

¹⁶ Sugerimos, para maiores informações, a seguinte Dissertação, que aborda a pesquisa supracitada: SILVA, F. **O processo de monotongação em João Pessoa**. João Pessoa, 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba.

Gráfico 02: Quantificação de monotongação no conto LB.

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No segundo conto, podemos perceber, através do gráfico, que mais uma vez houve maior número de ocorrências do processo fonológico com o ditongo [ow], pois atingiu o percentual de 70,59% das ocorrências, seguidos pelos ditongos [ej] com 23,53% e [aj] com 5,88%. Acreditamos que seja pelas mesmas razões referidas.

Gráfico 03: Quantificação de monotongação no conto ISVF.

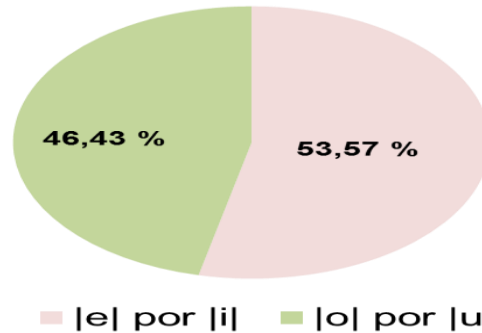
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

O contador, Vicente Ferrier Tomaz Férrer, proferiu dezoito palavras que foram selecionadas para representar como se dá o processo fonológico de monotongação no conto ISVF, destas demonstramos no gráfico acima que 66,67% equivalem a monotongação do ditongo [ow], maior número de ocorrências, assim como nos demais casos analisados, seguidos por 27,78% da monotongação do ditongo [ej] e 5,56% do ditongo [aj], menor número de ocorrência.

Veremos agora a quantificação do processo de alçamento das vogais médias nos contos selecionados.

Gráfico 04: Quantificação de alçamento das vogais médias no conto FLLM.

Alçamento das vogais médias

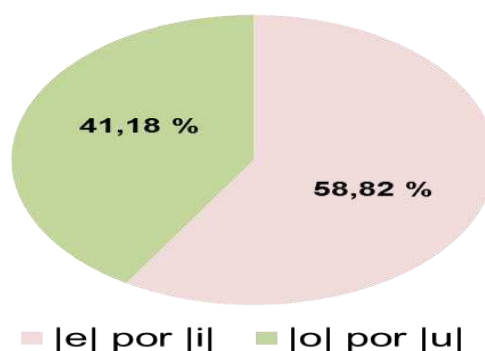


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No conto FLLM, das 56 variantes coletadas, 30 eram em contextos de /e/, apresentando um percentual de 53,57% de alçamento, e 26 contextos de /o/, com um percentual de 46,43% de alçamento. Neste caso, foi maior o processo de troca do /e/ por /i/.

Gráfico 05: Quantificação de alçamento das vogais médias no conto LB.

Alçamento das vogais médias

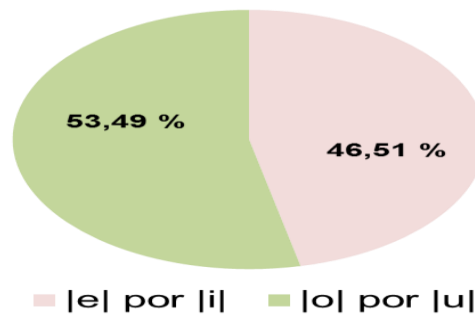


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Já no conto LB, das 34 variantes coletadas, 20 eram em contextos de /e/, apresentando um percentual de 58,82% de alçamento, e 14 contextos de /o/, com um percentual de 41,18% de alçamento. Aqui, o maior número de ocorrências deu-se no processo de alçamento de /e/ por /i/.

Gráfico 06: Quantificação de alçamento das vogais médias no conto ISVF.

Alçamento das vogais médias



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No último conto analisado, ISVF, das 43 ocorrências, 20 são do contexto de /e/ por /i/, perfazendo o percentual de 46,51% e 23 contextos de /o/ por /u/, com um percentual de 53,49%.

Os resultados das análises dos dois processos fonológicos fazem-nos concluir que no processo de monotongação, os casos mais frequentes ocorrem com o ditongo [ow], este enquanto desinência verbal. Já para o processo de alçamento das vogais médias, os resultados permitem-nos concluir que no dialeto lavrense o alçamento do /e/ por /i/ é mais frequente do que o alçamento do /o/ por /u/.

Comparando os dois processos fonológicos entre os três contos, percebemos que no conto FLLM há maior número de variantes com o processo fonológico de monotongação e também de alçamento das vogais médias, podemos ressaltar que este conto é o mais extenso em detalhes, além de que fatores sociais também podem ter interferido para que ocorresse essa maior incidência, por exemplo, a idade do falante, pois o contador José Teles da Silva tem 82 anos de idade, enquanto os outros dois têm 50 e 71 anos, e também há a interferência da escolaridade, pois esse contador pouco frequentou a escola. Já o conto LB possui o menor número de ocorrências, o que podemos aqui associar também ao fator social, o enunciador além de ensino médio completo, possui curso técnico adicional e também menos idade do que o enunciador do conto FLLM, pois tem apenas 50 anos de idade.

No entanto, quando analisamos o percentual de uso de cada ditongo decrescente nos três contos, percebemos que o contador que mais fez uso de variantes com o ditongo [ei] foi o do conto ISVF (27,78%), seguido pelo enunciador

do conto LB (23,53 %) e, por fim, o conto com menor ocorrência dessa variável foi o conto FLLM, com apenas 18,42%. Já para o ditongo [ow], o enunciador com maior número de variantes encontradas foi o senhor José Teles da Silva, que nos contou a FLLM (78,85%), o que faz com que juntando com as demais variantes lhe outorgue o maior número de ocorrências do processo fonológico de monotongação. Enquanto o contador do conto LB tem 70,59 % das ocorrências, ficando por último nesta modalidade, o conto ISVF com 66,67%. Há pouquíssimas variantes com o ditongo [aj] nos contos analisados, o maior número é do conto LB com 5,88%, seguido pelo conto ISFV com 5,56 %, restando apenas 2,63% para o conto ISVF.

Quanto ao processo de alçamento das vogais médias, comparando tal processo nos três contos, percebemos que o de maior número de ocorrência, no total geral, é novamente o do senhor José Teles da Silva, seguido pelo conto ISVF e LB. Constatamos que em nossa pesquisa aconteceu o inverso de muitas outras, nas quais o maior número de ocorrência era na troca do /o/ por /u/, na nossa o maior número de casos deu-se no alçamento de /e/ por /i/.

Voltar o olhar para estes aspectos da linguagem, no Ensino Fundamental, é de extrema importância, tanto pelo fato de possibilitar ao professor um direcionamento do seu trabalho, reconhecendo que há diferentes modos de falar uma língua, pela ideia da existência de variantes disponíveis ao uso do falante, mas, lembrando que a escrita deve seguir determinadas convenções.

Vejamos a seguir a análise da monotongação e do alçamento da vogal média nos contos, frutos do reconto.

4.2 ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DOS RECONTOS

A partir do prefixo da palavra, *re-*, já temos uma noção do que se trata, recontar é contar novamente alguma coisa a alguém. E, sempre que recontamos uma narrativa, deixamos nela as nossas marcas subjetivas, seja com acréscimos ou supressões.

Neste tópico, realizamos a análise dos textos do reconto, assim como efetuamos com os contos, tendo em vista a presença dos processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias.

Tabela 07: Monotongação no texto do reconto FLLM.

Variável	Variante
Primeiro	Primêro
Avistou	Avistô
Parou	Parô
Criou	Criô
Começou	Começô
Escutou	Iscutô
Entregou	Entregô
Vaqueiro	Vaquêro
Outro	ôtro
Virou	Virô
Cruzeiro	Cruzêro
Pouquinho	Pôquinho
Juazeiro	Juazêro
Pegou	Pegô
Passou	Passô
Vou	Vô
Voltou	Voltô
Chamou	Chamô
Perguntou	Perguntô
Encontrou	Encontrô
Comprou	Comprô
Mandou	Mandô

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No texto do reconto da FLLM, percebemos que os enunciadores, neste caso os alunos, também fazem uso dos processos fonológicos de monotongação. Mesmo estando em sala de aula, não há uma monitoração quanto a este aspecto da língua. Notamos o processo da variação fonética, ao analisarmos as palavras do reconto, conforme tabela acima, por exemplo, nas palavras: *vaqueiro*, *outro* e *cruzeiro*, que passam, respectivamente, no ato da fala a /vaquêro/, /ôtro/ e /cruzêro/; percebemos a passagem dos ditongos /ei/, e /ou/, conforme evidenciado em negrito, a vogais simples, /e/ e /o/. Sendo mais comum a ocorrência na sequência [ow], seguido por [ej]. Não observamos, neste texto, nenhuma monotongação na sequência [aj].

Tabela 08: Monotongação no texto do reconto LB.

Variável	Variante
Boqueirão	Buquêrão
Carneiro	Carnêro
Ouvido	Ôvido
Abestalh <u>ou</u>	Abestalhô
Cheg <u>ou</u>	Chegô
Trou <u>x</u> e	Trôxe
Começ <u>ou</u>	Começô
Fic <u>ou</u>	Ficô
Out <u>ra</u>	Ôta
Cham <u>ou</u>	Chamô
Compr <u>ou</u>	Comprô

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No segundo texto do reconto, LB, evidenciamos a passagem dos ditongos que passam a ser produzidos como uma única vogal, por meio do apagamento da semivogal, principalmente nas sequências [ej] e [ow], como em *ouvido*, *trouxe* e *comprou*, que passam a /ôvido/, /trôxe/ e /comprô/. São mais evidentes os casos com a sequência [ow], principalmente no final da palavra, quando o ditongo é uma desinência verbal. Mais uma vez, durante a narração, não foi proferida nenhuma palavra que fosse vulnerável a monotongação, por meio do ditongo [aj].

Tabela 09: Monotongação no texto do reconto ISVF.

Variável	Variante
Primeira	Primêra
Mangabeira	Mangabêra
Debaixo	Dibaxo
Levou	Levô
Entregou	Entregô
Vaqueiro	Vaquêro
Pegou	Pegô
Passou	Passô

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No terceiro e último texto do reconto, ISVF, fica também evidente o processo fonológico que estamos observando, a monotongação. Os ditongos decrescentes, [ej], [ow] e [aj], sofreram a aplicação da regra variável de monotongação, com a redução do glide ou semivogal. Dentre os três textos analisados, apenas neste

último se fez presente um caso de monotongação na sequência [aj], na palavra *debaixo*, que passou a /dibaxo/, sendo propiciado pelo contexto fonológico, devido ao fonema seguinte [j], ao ditongo ser uma palatal, caso muito comum ao favorecimento da monotongação. No entanto, como percebemos, é a forma menos comum desse processo.

Concluída a análise do processo fonológico da monotongação, passaremos a ver, a partir da análise das próximas tabelas, o processo fonológico de alçamento das vogais médias nos três textos do reconto.

Tabela 10: Alçamento das vogais médias no texto do reconto FLLM.

Variável	Variante
Tudo	Tudu
Mato	Matu
Estrada	Istrada
Caminho	Caminhu
Árvore	Ávori
Cidade	Cidadi
Açude	Açudi
Indo	Indu
Descansar	Discansar
Policiais	Puliciais
Espada	Ispada
Cavalos	Cavalus
Frente	Frenti
Morto	Mortu
Pronto	Prontu
Dos	Dus
Integrante	Integranti
Cavalos	Cavalus
Chegando	Chegandu
Passado	Passadu
Podia	Pudia
Perto	Pertu
Disse	Dissi
Escutou	Iscutô
Pico	Picu

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No texto do reconto FLLM, podemos ver, em destaque, as palavras ditas pelos enunciadores que estão classificadas no processo fonológico de alçamento das vogais médias, tanto pretônicas quanto átonas finais, por exemplo, nas palavras *estrada*, *podia* e *pico*, as quais passam a /istrada/, /pudia/ e /picu/. A elevação é notória, por isso este processo chama-se alçamento, de /e/ e de /o/ por /i/ e /u/, respectivamente.

Percebemos que nos dois processos que estamos analisando, a maior ocorrência se dá com o processo de alçamento. Tais processos atingem todas as pessoas, independente do seu *status* social. Inclusive, nesse caso, que estamos analisando a fala de alunos que já possuem certo grau de formação, há a ocorrência dos processos, assim como pode haver em níveis mais ou menos elevados de formação.

Tabela 11: Alçamento das vogais médias no texto do reconto LB.

Variável	Variante
Estiagem	Istiagem
Patos	Patus
Estrada	Istrada
Boqueirão	Buquêrão
Hoje	Hoji
Pintos	Pintus
Moço	Moçu
Pedido	Pidido
Espelho	Ispelhu
Pente	Penti
Outro	Outru
Metade	Metadi
Pedi	Pidi
Doido	Doidu
Coragem	Coragi
Certo	Certu
Morto	Mortu
Podia	Pudia
Disse	Dissi
Senhor	Sinhor
Pico	Picu

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

O processo fonológico de alçamento de vogais médias, muito comum na oralidade, é perceptível no texto do reconto LB. O enunciador, no seu discurso, faz uso de várias palavras que estão propensas ou vulneráveis a tal processo, sendo muito comum as suas ocorrências, tais como *espelho*, *moço*, *metade*, *doido*, as quais foram proferidas nas seguintes formas: /ispelhu/, /moçu/, /metadi/ e /doidu/.

Mais uma vez, podemos comprovar que o arquifonema /S/ propicia a elevação da vogal, pois foram proferidas, tanto nesse quanto nos outros textos dos recontos. Algumas palavras que se enquadram nesse aspecto, foram as seguintes: *estiagem*, *estrada* e *espelho* que passam a /istiagem/, /istrada/ e /ispelho/.

Tabela 12: Alçamento das vogais médias no texto do reconto ISVF.

Variável	Variante
Menos	MenuS
Vicente	Vicenti
Procurando	Procuranu
Hoje	Hoji
Gado	Gadu
Estátua	Istátua
Imagem	Imagi
Cidade	Cidadi
Sítio	Sítiu
Bocado	Bucadu
Quando	Quandu
Debaixo	Dibaxo
No	Nu
Tempo	Tempu
Crescendo	Crescenu
Pronto	Prontu

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

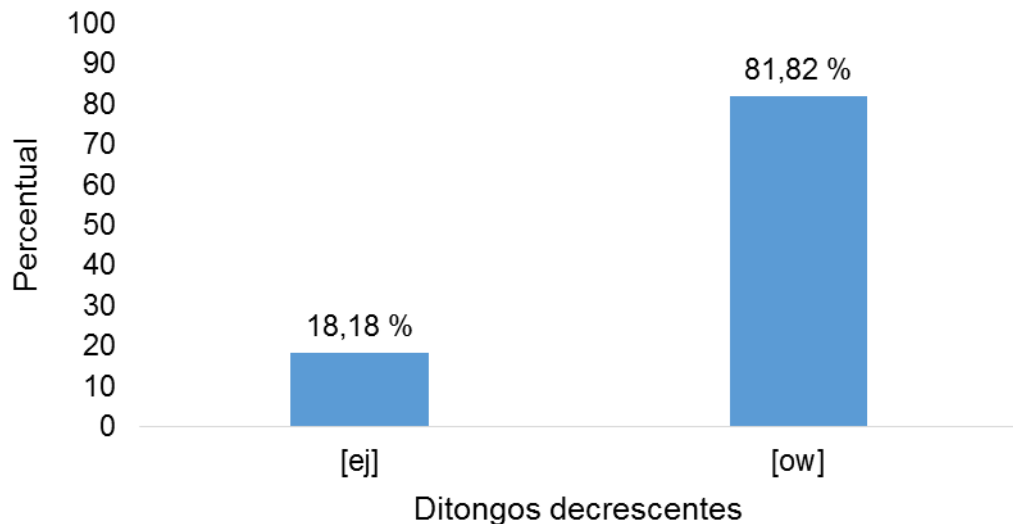
Por fim, no texto do reconto ISVF, evidenciamos, mais uma vez, a troca das vogais médias (e, o) pelas vogais altas (i, u), como nas palavras *bocado*, *tempo*, *no* e *quando*, ditas, respectivamente, /bucadu/, /tempu/, /nu/ e /quandu/.

Constatamos que, nas três narrativas selecionadas, proferidas por pessoas diferentes, mas com o mesmo grau de formação, foi apresentado o processo fonológico de alçamento das vogais médias, ficando claro que na oralidade este processo é bastante comum. Tal processo ocorre, principalmente, no final das

palavras, ou seja, quanto a vogal é átona final, como nas palavras *pronto*, *cidade* e *gado* que foram ditas /prontu/, /cidadi/ e /gadu/.

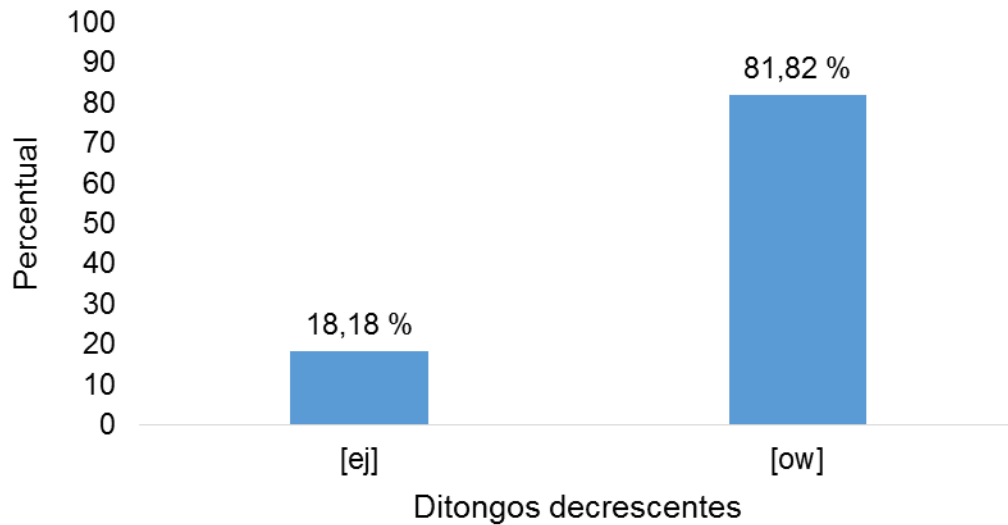
Vejamos a quantificação, através de gráficos, dos dois processos fonológicos analisados, primeiro será o da monotongação e, logo em seguida, o do alçamento das vogais médias.

Gráfico 07: Quantificação de monotongação no texto do reconto FLLM.



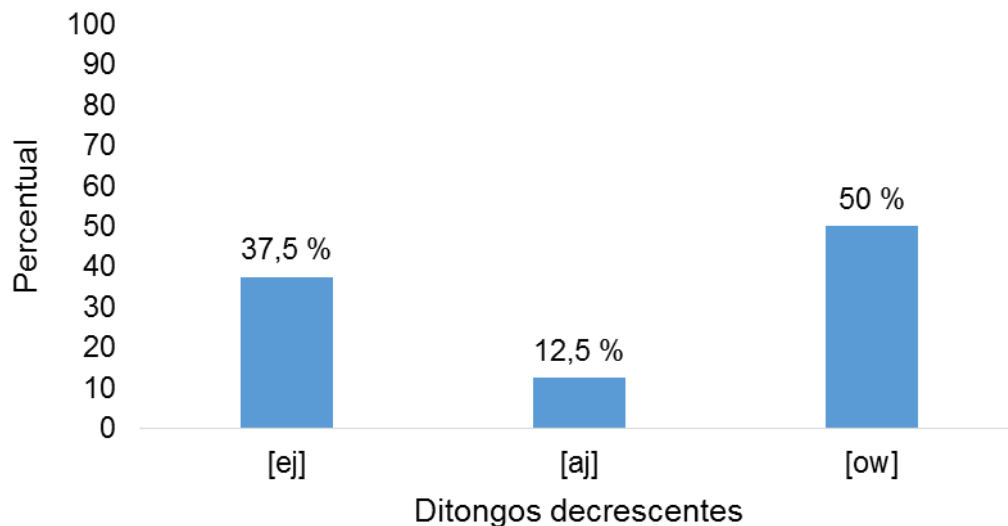
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No Gráfico 07, do texto do reconto FLLM, evidenciamos que há um maior número de palavras identificadas no processo fonológico de monotongação na sequência [ow], sendo 81,82% dos casos analisados, enquanto na sequência [ej], o percentual foi de apenas 18,18%, e não foi constatada nenhuma ocorrência com a sequência [aj]. Lembrando que das três narrativas do reconto analisadas, esta foi a mais detalhada, sendo proferidas 22 palavras que foram monotongadas.

Gráfico 08: Quantificação de monotongação no texto do reconto LB

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Através do gráfico 08, referente à análise do segundo conto, LB, pudemos constatar que mais uma vez prevaleceu a ocorrência da monotongação na sequência [ow], com 81,82 %, sendo o restante analisado na sequência [ej], um total de 18,18%. E mais uma vez, nenhuma palavra foi computada na sequência [aj].

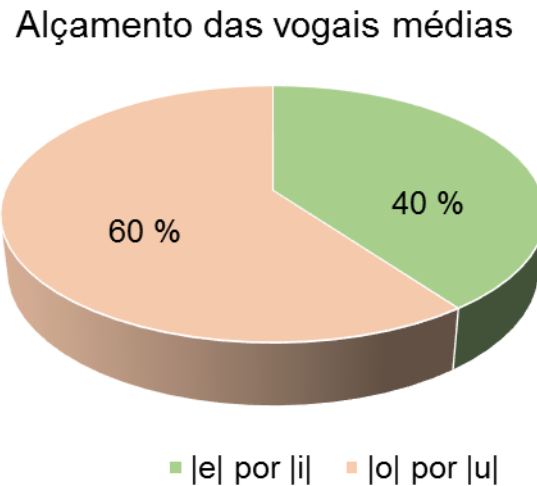
Gráfico 09: Quantificação de monotongação no texto do reconto ISVF

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Assim como nos demais casos analisados, no texto do reconto ISVF, o maior número de ocorrência do processo fonológico de monotongação deu-se na sequência [ow], com 50%, seguido pelo percentual de 37,5% na sequência [ej] e,

neste último texto, constatamos também a presença de palavra na sequência [aj], a qual perfaz o percentual de menor ocorrência, com apenas 12,5%.

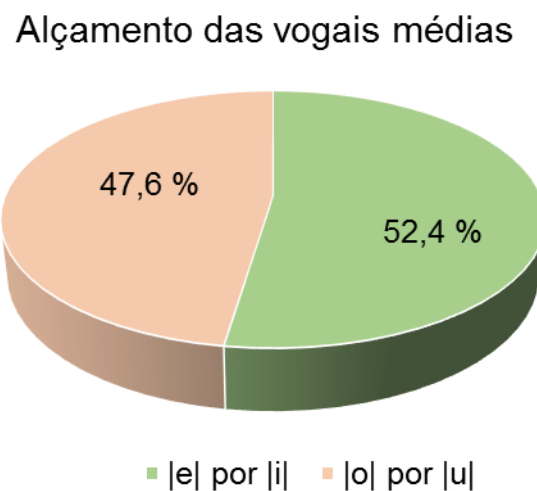
Gráfico 10: Quantificação de alçamento das vogais médias no texto do reconto FLLM.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No reconto FLLM, das 25 variantes coletadas, 10 são do contexto de /e/, com um percentual de 40% de alçamento e 15 no contexto de /o/, contabilizando 60% dos casos. Sendo maior o alçamento de /o/ por /u/.

Gráfico 11: Quantificação de alçamento das vogais médias no texto do reconto LB.

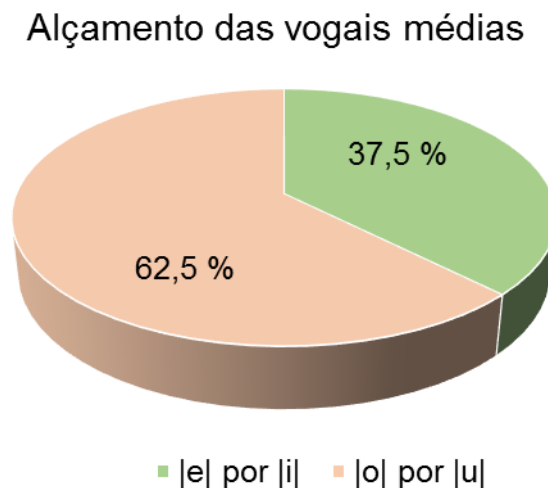


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No texto do reconto LB, das 21 variantes selecionadas, 11 são de contextos de /e/, apresentando um percentual de 52,4% das ocorrências, enquanto foram

observadas 10 variáveis no contexto de /o/, com percentual de 47,6%. Neste texto ocorreu o inverso do primeiro, a ocorrência foi maior no processo de alçamento de /e/ por /i/.

Gráfico 12: Quantificação de alçamento das vogais médias no texto do reconto ISVF.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Já no último texto do reconto, ISVF, das 16 ocorrências, 06 são do contexto de /e/ por /i/, perfazendo o percentual de 37,5% e 10 contextos de /o/ por /u/, com um percentual de 62,5%. Foi observado o maior número de ocorrências no alçamento de /o/ por /u/.

Constatamos, pela análise dos dois processos fonológicos nos recontos que, no processo de monotongação, os casos mais frequentes ocorrem com o ditongo [ow] enquanto desinência verbal. Já para o processo de alçamento das vogais médias, os resultados mostram o maior número de incidência do alçamento de /o/ por /u/, do que o alçamento do /e/ por /i/, indo ao encontro do que estabelece algumas pesquisas, as quais já foram indicadas neste trabalho.

Comparando os dois processos fonológicos nos três recontos, percebemos que no texto do reconto FLLM há maior número de variantes com o processo fonológico de monotongação e também de alçamento das vogais médias. Ressaltamos que mesmo sendo texto do reconto, esta narrativa ainda foi a mais extensa em detalhes. Já o texto do reconto ISVF possui o menor número de ocorrências, uma vez que foi o mais resumido dentre os outros.

No entanto, quando analisamos o percentual de uso de cada ditongo decrescente nos três textos do reconto, percebemos que há uma igualdade de percentuais nas narrativas FLLM e LB, pois ambas perfazem o total de 18,18 % com o ditongo [ej] e 81,82% na sequência [ow]. Enquanto há pouquíssimas variantes com o ditongo [aj], sua presença é marcada apenas em um dos textos do reconto, no ISVF com 12,5%.

Quanto ao processo de alçamento das vogais médias, comparando tal processo nos três recontos, percebemos que o de maior número de ocorrências, no total geral, é novamente o do texto do reconto FLLM, seguido pelos contos LB e ISVF. Constatamos que no texto do reconto, o maior número de ocorrências deu-se na troca do /o/ por /u/.

Vejamos o quadro a seguir com a síntese dos resultados entre o conto e o reconto do processo fonológico de monotongação.

Tabela 13: Síntese dos resultados quantitativos do processo fonológico de monotongação entre contos e textos dos recontos.

		CONTOS		RECONTOS	
Processo fonológico		Monotongação		Monotongação	
		Quantidade	Percentual (%)	Quantidade	Percentual (%)
FLLM	[aj]	01	2,63	-	-
	[ej]	07	18,42	04	18,18
	[ow]	30	78,95	18	81,82
LB	[aj]	01	5,88	-	-
	[ej]	04	23,53	02	18,18
	[ow]	12	70,59	09	81,82
ISVF	[aj]	01	5,56	01	12,50
	[ej]	05	27,78	03	37,50
	[ow]	12	66,67	04	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Observando a síntese na Tabela 13, percebemos que: no conto e reconto FLLM, há uma igualdade no que diz respeito a maior incidência de variantes dentre os demais contos e recontos, inclusive até percentuais semelhantes. No conto a sequência [ej] foi de 18,42% e no reconto de 18,18%, na sequência [ow] no conto foi 78,95% e no reconto 81,82%. A diferença maior é que no conto evidenciamos

variantes na sequência [aj] 2,63 %, enquanto não foi encontrada no reconto nenhuma variante com esse ditongo.

Analisando o conto e reconto LB, percebemos que o reconto atingiu maiores percentuais do que o conto na sequência [ow], com 81,82% contra 70,59%, no entanto, na sequência [ej] foram 18,18% equivalentes às palavras proferidas sem o ditongo [ej] para o reconto, já para o conto o percentual foi de 23,53%. E mais uma vez, apenas no conto apresentaram-se palavras na sequência [aj], totalizando 5,88% da análise.

Para o conto e reconto ISVF, evidenciamos diferenças nos percentuais de ambos, na sequência [ow] o reconto foi 50% enquanto o conto foi maior com 66,67%, na sequência [ej] o conto foi menor com 27,78% enquanto o reconto obteve 37,5%. Este foi o único *corpus* que nos dois contextos de narrativas, conto e reconto, foram proferidas palavras na sequência [aj], no conto o percentual é de 12,5% e no reconto 5,56%.

Tabela 14: Síntese dos resultados quantitativos do processo fonológico de alçamento das vogais médias entre contos e textos dos recontos.

Processo fonológico		CONTOS		RECONTOS	
		Alçamento das vogais médias		Alçamento das vogais médias	
		Quantidade	Percentual (%)	Quantidade	Percentual (%)
FLLM	e por i	30	53,57	10	40
	o por u	26	46,43	15	60
LB	e por i	19	58,82	11	52,4
	o por u	14	41,18	10	47,6
ISVF	e por i	19	46,51	06	37,5
	o por u	24	53,49	10	62,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Conforme a Tabela 14, constatamos que no conto FLLM e no seu reconto a análise foi inversa, enquanto no conto prevaleceu a maior incidência de casos na troca do /e/ por /i/ com 53,57%, no reconto o número foi menor com 40%, enquanto na troca de /o/ por /u/ o conto obteve 46,43% e o reconto 60%.

Já no conto e reconto LB houve similaridade no resultado, a maior incidência foi na permuta do /e/ por /i/, tanto no conto quanto no reconto. Para o conto tal

ocorrência atingiu um percentual de 58,82% e no reconto 52,4%, já a alteração do /o/ por /u/ deu-se da seguinte forma: o conto foi 41,18% e o reconto 47,61%.

Para finalizar, o conto e reconto ISVF tiveram suas maiores ocorrências na permuta do /o/ por /u/, o primeiro obteve 53,49% e o segundo 62,5%, já na troca de /e/ por /i/, o conto atingiu 46,51% e o reconto 37,5%.

4.3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE CONTO E RECONTO

Ao analisarmos o conto e os textos do reconto, percebemos que, mesmo se tratando de histórias com a mesma temática, os enunciadores, por possuírem léxicos diversificados, ao recontarem as narrativas ouvidas e lidas, fazem uso de vocabulários próprios e, portanto, diferentes.

O que nos chamou a atenção foi o fato de poucas palavras serem repetidas quando elencadas nas tabelas, equivalentes tanto aos contos como aos textos dos recontos, só vindo a comprovar que, mesmo ouvindo e lendo as narrativas, os alunos se apropriaram delas e as enunciaram a seu modo. Para exemplificar, se analisarmos as palavras selecionadas na tabela 01 e na Tabela 07, ambas referentes ao processo fonológico de monotongação no conto FLLM, perceberemos que há a repetição de apenas 10 palavras em um universo de 60, ou seja, os alunos, também moradores da mesma comunidade que os contadores, possuem léxico diversificado, e comprovaram isso quando ao ouvirem as narrativas, recontaram-nas fazendo uso de vocabulários próprios.

Ficou evidente pela apresentação dos números, após análise quantitativa do processo fonológico de monotongação, que a maior incidência de ocorrências desse processo, dá-se no ditongo [ow], seguido pelos ditongos [ej] e [aj], tal observância também já foi exposta em outras pesquisas, como a de Silva (2004), que analisa os ditongos na fala pessoense. Talvez essas incidências ocorram, nessa sequência, especificamente em se tratando de moradores da cidade de Lavras da Mangabeira-CE, pela facilidade de articulação desses monotongos no momento da fala, principalmente do ditongo [ow], além das palavras, nos demais casos, estarem em contextos propícios para a monotongação, quando, por exemplo, o ditongo é decrescente.

Nesse contexto, a monotongação se enquadra como um processo fonológico, decorrente assim da variação fonológica, dos aspectos internos à língua. No entanto, apesar de está classificado como um dos tipos de variação fonológica, não podemos nos esquecer de que há, também, a influência de variantes sociais, fatores externos à língua, que podem interferir no momento de interação, tais como sexo, idade, escolaridade, nível econômico entre outros, os quais contribuem para a atuação do indivíduo ao fazer uso da língua.

Sendo assim, ao conversarmos com os moradores e alunos da cidade de Lavras da Mangabeira-CE, pessoas de sexos diferentes, escolaridade e faixa etária diferenciadas, pudemos comprovar essa dinamicidade da língua e a interferência desses aspectos sociais no momento da fala de cada pessoa.

Dessa forma, a maior observância de variantes com o processo fonológico de monotongação, deu-se na fala de pessoas do sexo masculino, isso tanto na fala de pessoas com mais idade quanto, em menor número, na fala de pessoas mais jovens. Sob este aspecto, o sociolinguista Labov (1972) nos revela que quanto ao aspecto do sexo, um não tende a ser mais inovador que o outro, pois a verificação parte do perfil da comunidade. Já Coelho *et al.* (2005), mostra-nos que, de acordo com pesquisas, as mulheres tendem a ser mais conservadoras quanto ao uso da língua, procurando, seja na fala ou escrita, seguir o paradigma da língua culta, o que comprova a nossa pesquisa, vejamos:

[...] alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens: em geral, elas preferem usar as variantes valorizadas socialmente. É como se as mulheres fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola. Esses resultados, no entanto, requerem cautela, afinal, os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão a todo momento, sofrendo transformações (2005, p.44).

Quando observamos esses números e os de outras pesquisas que remetem à fala feminina, é quase que unânime a observação desse aspecto: o de que as mulheres são mais cuidadosas ao falarem, que elas seguem a normatização da língua, mesmo aquelas que pouco ou nunca frequentaram a escola. Isso talvez ocorra devido à cultura de imposição de obediência que a mulher sofre dentro da sociedade patriarcal, que ainda se faz presente. Se voltarmos no tempo, perceberemos que as mulheres viviam e, ainda hoje, algumas vivem sobre as amarras de alguns estereótipos, os de que as mulheres devem ser conservadoras, falar pouco, ser contidas, bem como serem modelos de comportamento. Tudo isso, passa de geração em geração e muitas mulheres seguem esses “paradigmas”.

Talvez, por isso, elas sejam mais polidas ao se comportarem e isso interfira na maneira como falam.

Sabemos ainda da forte relação existente entre a oralidade e a escrita, e tal processo pode ocorrer nestes dois âmbitos, no entanto, nesta pesquisa estamos analisando apenas textos orais. A monotongação é um processo fonológico comum na oralidade, ainda mais em conversas espontâneas, como foi o caso das entrevistas realizadas para a coleta do *corpus*. A fala é espontânea, sem tempo para planejamentos, uma interação que ocorre de forma simultânea. Vejamos o que Fávero & Koch dizem a respeito:

Se no texto escrito temos um tempo para planejar e fazer revisões e correções, no texto falado planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação, ele é o seu próprio rascunho. (2000, p. 63)

Sendo assim, a monotongação, na modalidade que estamos analisando, faz parte dessa espontaneidade. E pode ocorrer entre pessoas de faixa etária diferentes, como é o caso dos três contadores da comunidade de Lavras da Mangabeira-CE, que têm entre 50 e 82 anos e, os alunos da turma do EJA que têm entre 15 e 30 anos, de nível de escolaridade e *status* social diferenciados, até mesmo na fala dos próprios professores de Língua portuguesa, conforme Bortoni-Ricardo:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas (2004, p. 25).

Por ser um processo tão comum, torna-se importante a sua observação, como também de outros processos fonológicos em sala de aula, na fala dos nossos alunos, pois esses são fenômenos da variação fonológica, típicos da oralidade, e devemos reconhecer que tal variação não constitui erro, e isto deve estar bem posto na formação dos professores, que devem visualizar tais processos como parte da organização fonológica da fala, não incorrendo ao erro de estigmatizar a fala do aluno.

De acordo com Mollica (1998), o apagamento da semivogal é um processo que está presente em todo o território nacional, com as especificidades de cada

comunidade de fala, mas que não oferecem qualquer estigma social quando usado oralmente, e por isso, pode ter aplicação na escrita.

Com relação a variante sexo, vimos que a ocorrência da monotongação se dá, em maior número com pessoas do sexo masculino. Quando se trata da variante idade, percebemos que nos contos o maior número de ocorrências desse processo fonológico, deu-se com o contador de idade mais avançada, ressaltando que isto ocorreu nos dois processos fonológicos aqui analisados, monotongação e alçamento das vogais médias. O mesmo ocorreu nos textos do reconto, o maior número de ocorrências deu-se na fala do aluno com mais idade. No entanto, devemos ressaltar que estes dois contadores, tanto o da comunidade quanto o da escola, foram os que narraram as histórias com mais detalhes, talvez se os demais também tivessem seguido essa linha, poderíamos ter encontrado mais ocorrências nas falas dos contadores mais jovens.

Logo, quanto ao processo fonológico de monotongação, que na comunidade de Lavras da Mangabeira-CE, tal processo ocorre, pela amostragem, em maior número entre os homens, com faixa etária maior e menor nível de escolaridade, resultado que nos remete à ideia de que o gênero feminino é mais conservador de um nível mais formal de fala do que o masculino. O homem parece falar sem maiores preocupações, sem ter o “cuidado” em seguir o nível mais formal.

Outro ponto é que o número maior de palavras monotongadas encontradas na fala das pessoas com mais idade e menor escolaridade, talvez ocorra devido a essas pessoas não terem tido um tempo maior de acesso à escola.

Sobre o alçamento da vogal, Labov (1981 e 1994) considera o um processo de mudança regular, uma vez que se trata de um processo bastante comum. Quando nos aprofundamos um pouco mais no assunto, podemos confirmar essa regularidade, pois ficamos atentos aos falares, não só dos envolvidos nesta pesquisa, mas das pessoas em geral, mesmo inconscientemente. Ficamos observando e, às vezes, monitoramos até a nossa fala, mas por ser um processo tão comum, algumas palavras soam de forma estranha ao serem ditas, sem serem através do alçamento, como a palavra *hoje*, que já nos habituamos a dizer /hoji/ e achamos estranho proferi-la /hoje/. Mas isso é usual, não é um desvio ou erro linguístico, só vindo a comprovar que a fala é diferente da escrita.

Na análise do processo de alçamento das vogais médias, percebemos que a tendência, na comunidade de Lavras da Mangabeira-CE, é a elevação das vogais

médias tanto nas pós-tônicas finais quanto as não finais, ressaltando-se que o maior número de palavras encontradas sofreu elevação nas sílabas finais, significando que esse processo ocorre devido tanto a fatores internos, como fatores que propiciaram o alçamento, quanto externos à língua, como a idade, faixa etária e escolaridade dos contadores.

Constatamos que o processo de variação da elevação das vogais médias, tanto do conto quanto dos textos do reconto, é propiciado por contextos linguísticos favorecedores, dos quais se destacaram: contexto vocálico da tônica, tipo de sílaba, contexto precedente, contexto seguinte e classe gramatical.

Conforme Bisol e Collischonn (2009, p.71) “[...] em praticamente todas as pesquisas realizadas, a variável *localização geográfica* manifesta-se como fator determinante na forma como essas vogais se manifestam”, então isso significa dizer que o processo de elevação está presente em alguns lugares de forma acentuada, enquanto em outros podem estar em fase inicial. No caso da comunidade de Lavras de Mangabeira-CE e dos alunos da EEFM Alda Férrer Augusto Dutra o processo está presente de forma bastante acentuada.

Os processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias, os quais foram analisados em eventos de oralidade, estão presentes em todos os contextos da comunidade de fala e sua ocorrência está condicionada a fatores internos e externos à língua. Comprovamos que na cidade de Lavras da Mangabeira-CE e numa escola da mesma localidade, os falantes com idades e formações diferentes fazem uso dos mesmos processos fonológicos, em menor ou maior número, conforme destacamos acima.

Confirmamos através desta pesquisa que a escola pesquisada defendia a gramática normativa e esquecia, muitas vezes, de ensinar ao aluno a pluralidade de discursos que estão a sua volta, e isto inclui o trabalho com a oralidade. Embora saibamos que muitas outras e a partir desta pesquisa, a nossa também, já passaram a trabalhar com a Sociolinguística.

Em sala de aula, o trabalho com o texto oral fica sempre em segundo plano, o ensino está mais voltado para que os alunos sejam mais proficientes na escrita, pois é o que é cobrado deles em avaliações externas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Na realização da proposta do reconto em sala de aula, proporcionamos aos alunos a interação sistematizada com o texto oral, por meio da escuta e produção oral, colocando em prática o uso real da língua e levando-os a

aprender os papéis assumidos pelos participantes daquele discurso. Num trabalho como este, percebemos as múltiplas facetas da língua e vemos que a variação linguística é um fenômeno natural e legítimo. Se todos os professores de Língua portuguesa tivessem essa visão, palavras como correção e erro passariam a ter significados diferentes dos que conhecemos no ensino tradicional atual.

Os alunos colaboradores dessa pesquisa têm pouco costume de usar a fala em sala de aula, quando a usam é para responderem exercícios ou apresentarem algum trabalho, tudo muito dissociado das suas vidas práticas, dos eventos sociais dos quais eles participam. Notamos que eles sentem-se envergonhados em falar, pois já está imbuído neles que existe um tipo de gramática, a normativa, pelo qual eles devem se basear, ou melhor, devem seguir o conjunto de regras que essa gramática possui; e por eles não terem o domínio sobre ela, acreditam que falam errado e têm medo de falar.

Aliás, nem só os alunos possuem esse “medo”, na coleta do *corpus* na comunidade, um dos contadores que pouco frequentou a escola, ao final da contação, pediu desculpas pelos erros cometidos na linguagem dele, mostrando-nos que a gramática tradicional ecoa fora dos muros da escola e quer reger até mesmo a fala dos mais humildes que nem acesso a ela tiveram. Essa, possivelmente, é uma herança latina cujas modalidades clássica e vulgar faziam esse tipo de divisão. Existia a língua falada pelos escritores, estudiosos, pessoas com maior poder aquisitivo, enfim, a classe dominante que falava a língua “correta” e, por outro lado, existia a fala dos que não tinham escolaridade e dinheiro e, por conseguinte, usavam uma forma “errada” de falar como os plebeus: nessa classe se destacavam artesãos, marinheiros, entre outros, eram pessoas do povo. Sendo assim, disseminaram a ideia de uma língua melhor do que a outra, a qual deveria ser idolatrada e símbolo de superioridade.

Com essa análise, percebemos a grandiosidade da língua, pois ela cumpre o papel de fazer com que a comunicação aconteça, seja pela fala de um iletrado, seja pela de um letrado. É na interação que entendemos e somos entendidos, e isso é muito bonito, mostra-nos o quanto somos diferentes, mas vivemos, harmoniosamente, com essas diferenças.

Então, não há motivos para ignorar a fala do outro, só porque esse outro não conhece uma das tantas gramáticas que existem. Ou mesmo porque esse outro não frequentou instituições de ensino, não leu os mesmos livros, não conheceu os

mesmos autores clássicos que alguns. Ninguém conhece tudo, pois somos seres humanos, e como tais, somos inacabados e estamos a todo instante aprendendo e ensinando algo novo. Só nos resta à satisfação de ouvir e nos fazer ouvir, isso nos mostra que estamos vivos e a vida não quer que a desperdicemos com preconceitos, com coisas que maltratam a si e ao outro. É necessário que vivamos e que a vida seja de ensino e aprendizagem mútua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*[...] O contador de histórias
É aquele que te leva
Aos lugares mais distantes
Instiga a tua curiosidade
Traz à tona teus medos
Liberta teus sonhos
Te cura as dores
Reacende teus amores...
(Patrícia Rocha)*

Viajando pelo imaginário popular, com seus ensinamentos, sentimentos, emoções e frustrações, a literatura popular, especificamente, por meio das suas narrativas populares, vem ultrapassando as barreiras do tempo e se perpetuando entre muitas gerações de contadores e ouvintes. Nessas histórias, o ser humano se encontra, suas atitudes e crenças são revistas, emoções são sentidas, pois elas transmitem ao homem, ensinamentos e modelos do bem e do mal. Essas narrativas, originalmente, eram divulgadas por meio da oralidade, de boca a boca, no meio dos terreiros, nas calçadas iluminadas pelo luar e proferidas, geralmente, por pessoas mais velhas. A língua falada por esses contadores era rica em espontaneidade, “sem preparativos”, nem seguia critérios estabelecidos para o “melhor” uso dela.

Esse tipo de narrativa por conviver com a oposição da literatura dita oficial, por muito tempo foi deixada em segundo plano, justamente por não corresponder aos paradigmas de fala propostos pela gramática normativa. Atualmente, ainda existem os estigmas sociais sobre a língua, no entanto, já percebemos outras visões, essas amparadas pela variação linguística que defende a heterogeneidade da língua e a sua importância, pois somos pessoas diferentes e a nossa forma de expressão não poderia ser igual, mas diferenciada por fatores externos e internos que mobilizam seus usos.

A pesquisa desenvolvida, a qual articulou os contos populares com a Sociolinguística, especificamente a variação fonológica dos processos de monotongação e de alçamento das vogais médias, evidenciou que, tanto os moradores quanto os alunos da comunidade de Lavras da Mangabeira-CE fazem uso, em abundância, desses processos fonológicos.

Nas análises dos contos que constituíram o *corpus* da pesquisa, os três contos: *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-CE*, *A lenda do Boqueirão* e *A imagem de São Vicente Férrer* e os 03 textos do reconto, ficou evidente, por

amostragem, que o processo fonológico de monotongação é muito comum na fala espontânea dos contadores, pois as palavras proferidas propícias ao processo, assim foram monotongadas. As ocorrências de variáveis tanto no conto quanto no reconto, ora obtiveram resultados semelhantes, ora diferentes.

Nos contos e recontos selecionados, encontramos mais variantes do processo de monotongação na sequência [ow], no conto FLLM foi 78,95% e no reconto 81,82%. No LB o índice atingiu 70,59% e seu reconto foi de 81,82%, já no ISFV encontramos 66,67% de variantes no conto e 50% no reconto. Quanto à sequência [ej], no conto FLLM foi de 18,42% e no reconto de 18,18%, no LB foram 18,18% equivalentes às palavras proferidas sem o ditongo [ej] para o reconto, já para o conto o percentual foi de 23,53%. Quanto a ISVF, o conto foi menor com 27,78% enquanto o reconto obteve 37,5%. A diferença maior é que no conto FLLM, evidenciamos variáveis na sequência [aj] 2,63 %, enquanto não foi encontrada no reconto nenhuma variável com esse ditongo. No LB, apenas no conto apresentaram-se palavras na sequência [aj], totalizando 5,88% da análise. O conto e reconto ISVF foi o único *corpus* que nos dois contextos de narrativas, conto e reconto, foram proferidas palavras na sequência [aj], no conto o percentual é de 12,5% e no reconto 5,56%.

Quanto ao segundo processo fonológico analisado, o alçamento das vogais médias, também muito comum na oralidade, na fala espontânea, constatamos que no conto FLLM e no seu reconto a análise foi inversa, enquanto no conto prevaleceu a maior incidência de casos na troca do /e/ por /i/ com 53,57%, no reconto o número foi menor com 40%, enquanto na troca de /o/ por /u/ o conto obteve 46,43% e o reconto 60%. Já no conto e reconto LB houve similaridade no resultado, a maior incidência foi na permuta do /e/ por /i/, tanto no conto quanto no reconto. Para o conto, tal ocorrência atingiu um percentual de 58,82% e no reconto 52,4%, já a alteração do /o/ por /u/ deu-se da seguinte forma: o conto foi 41,18% e o reconto 47,61%. Para finalizar, o conto e o reconto ISVF tiveram suas maiores ocorrências na permuta do /o/ por /u/, o primeiro obteve 53,49% e o segundo 62,5%, já na troca de /e/ por /i/, o conto atingiu 46,51% e o reconto 37,5%.

Após a experiência que tivemos, durante a pesquisa e suas análises, ressaltamos que podemos e devemos fazer uso da cultura local para efetuarmos um ensino produtivo em Língua portuguesa, pois os alunos participam mais, por verem

sendo colocado em prática, o que eles já conhecem como é o caso da literatura popular, especificamente do conto popular.

Quanto ao tratamento com a variação linguística que, como vimos, possui suas subdivisões, tal estudo mostra-nos a realidade da fala do aluno, do seu contexto social, explica-nos o porquê dos usos da língua. Porém, percebemos que o trato com a variação linguística em sala de aula é insuficiente, os livros didáticos ainda não mostram a verdadeira face da variação linguística e muitos professores não estão capacitados para desenvolver o trabalho com essas variações. No entanto, já temos conhecimento de que inúmeras pesquisas já foram desenvolvidas, tendo como base algum tipo de variação e muitas outras ainda estão por vir, pois acreditamos que o estudo com a Sociolinguística esteja apenas começando.

Podemos salientar, ainda, quando falamos em contos populares, que há a ligação entre o prazer e o desenvolvimento dos processos cognitivos, pois os alunos, além de se divertirem por meio das histórias, desenvolvem melhor a oralidade, superam a timidez, há um maior entrosamento entre professor/ alunos e alunos/alunos, melhorando a sociabilidade em sala de aula. Os educandos se desenvolvem cognitivamente e criticamente, ampliando o conhecimento, uma vez que, os contos são fontes de informações, sem falar que nesse processo há uma maior concentração pelo aluno. Sendo assim, ressaltamos, a cultura popular pode e deve ser aproveitada para que o professor, de qualquer área, desenvolva pesquisas em qualquer assunto. É só usar o conhecimento científico e a criatividade.

Conseguimos, por meio deste trabalho, comprovar que, na comunidade de Lavras da Mangabeira- CE e na turma do 9º ano EJA da Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra, a língua é diversificada porque advém de sujeitos diferentes, com as suas identidades, particularidades e formações diferenciadas. Assim, os objetivos gerais e específicos inicialmente propostos foram alcançados com êxito.

A Sociolinguística como ciência que surgiu há alguns poucos anos está em fase de divulgação e estudos. Daqui a pouco tempo, acreditamos que outras teorias e vertentes nessa área surgirão. Dessa forma, a pesquisa que desenvolvemos requeria outras fontes que por hora não encontramos, principalmente, quando referimo-nos à variação fonológica, particularmente aos processos fonológicos. Algumas pesquisas já foram feitas com a monotongação e o alçamento das vogais médias, mas percebemos que ainda são poucos os pesquisadores que se propõem

a esse tipo de pesquisa. Assim, como a variação possui as suas divisões, percebemos que algumas são mais pesquisadas e analisadas do que outras.

Quanto à metodologia utilizada na pesquisa, essa foi adequada para a realização dos procedimentos. Delineamos, de forma simples e objetiva, o caminho a seguir e conseguimos alcançar o desejado. Partimos do espaço no qual a pesquisa seria desenvolvida, por ser o campo de trabalho e convivência da pesquisadora; traçamos o perfil dos contadores e os momentos de interação, além de chegar ao ponto máximo, que foi a contação das histórias e suas análises. O método de coleta, por meio das entrevistas e do relato também foi adequado pela espontaneidade com que se dispuseram os colaboradores ao narrarem as narrativas.

Assim, quando nos aprofundamos sobre uma temática, temos a ideia de compreendê-la melhor, adquirir um pouco mais de conhecimento, mas nunca a pretensão de esgotá-la. Este trabalho mostrou-nos como é grande a linha que separa o antes e o depois de ampliarmos o nosso conhecimento sobre uma teoria, pois começamos com uma visão, com um enfoque e no meio da trajetória, percebemos quantos outros caminhos e possibilidades nos são mostrados.

Resta-nos a satisfação de conhecer e levar para as nossas salas de aulas à Sociolinguística, tendo como nossa obrigação dar voz ao nosso aluno, relacioná-la ao seu contexto social e, fazendo uso dela, conscientizar o aluno dos mais diversos usos da língua, com a sua gama de variações e seus contextos de usos. Isso é facilitado com base no conhecimento teórico e, ainda, a oportunidade de o alinharmos a nossa prática. Se assim não o fizermos, estaremos indo contra o nosso dever de formarmos cidadãos críticos, conscientes e sujeitos participantes da vida em sociedade.

Concluimos esta pesquisa, mas não saturamos a construção do conhecimento que a temática exige. O sentimento é de que ela pode ser revista e ampliada, pois outras descobertas poderão ser feitas, outras variações podem e devem ser analisadas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete Marques: (1981), "**Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil**", In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n.2, p.23-45.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.**- São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____.**Aula de português: encontro & interação.** - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Linguística aplicada aos falares regionais.** João Pessoa: A União, 1983.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **O PROJETO NORMA ORAL DO PORTUGUÊS POPULAR DE FORTALEZA NORPOFOR.** Cadernos do CNFL, Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. XV, n.5, t. 1.,p. 835-845, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, edição 49, 2007a.

_____.**Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007b.

_____.**A língua de Eulália: novela sociolinguística.** São Paulo: Contexto, edição 16 2008.

_____.**Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro.** Brasília: UNB, 2007c.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Trad. de LAHUD, Michel; VIEIRA, Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita [*et al.*]. **Estudos em literatura popular.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

BENJAMIN, Walter In LOPES, Amanda Cristina Teagno. **Educação Infantil e registros de práticas.** São Paulo/SP: Cortez, 2009.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica: uma regra variável.** 1981. 332 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Lingüística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____.Os constituintes prosódicos. In: BISOL, Leda. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 4. Ed, 2005.

BISOL, Leda; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (organizadoras). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 184 p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. – (Estratégias de ensino; 8).

_____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora? : sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.) *et al.* **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012. (Estratégias de ensino; 30)

BRASIL. **Constituição Federal**, 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/principal.htm> . Acesso em: 09 mai. 2016.

_____. Lei Federal n.º 9.394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Brasília. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>> Acesso em: 09 mai. 2016.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: n° 9394/96**. Brasília: 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira – 1ª. - 4ª. séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos: 2007**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003 e 2007. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/sedh/edh/pnedhpor.pdf>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica: Introdução à Teoria e à Prática: com Especial Destaque para o Modelo Fonêmico**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. (coleção idéias sobre linguagem).

CALIXTO JÚNIOR, João Tavares. **Venda Grande d’Aurora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan-mar 2012.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASCUDO, Luís Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

_____. **Literatura Oral Brasil**. 2.ed. São Paulo: Global, 2006.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015, (coleção para conhecer linguística).

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 7. ed., 1976

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001, (série educador em formação).

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Lingüística**; trad. Frederico Pessoa de Barros [*et al.*]. SP: Cultrix, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual: Introdução**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio – dicionário da língua portuguesa século XXI**. 3 ed., revista ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1999.

FIORIN, José Luiz (orgs.) *et al.* **Introdução à Linguística**. 6. ed., 4ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, José Luiz (orgs.) *et al.* **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 5. ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2014.

FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. **Revista Educação, Sociedade & Cultura**, n.16, p.45-62, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

GARCEZ, Pedro M.; OSTERMANN, Ana Cristina. **Glossário conciso de Sociolinguística Interacional**. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). São Paulo: Loyola, 2002.

GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

JESUS, Agnaldo Almeida de; SANTOS, Cristiane dos; SANTOS, Moniza de Oliveira. **O processo de monotongação na fala dos estudantes universitários-UFS/Itabaiana: Uma abordagem sociolinguística**. In: I ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LÍNGUA E LITERATURA – I ENILL, 2010. Itabaiana: DLI, 2010. p. 21-21.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 29. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____.(1972), **Sociolinguistic Patterns**, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

_____.(1981), "**Resolving the Neogrammarian Controversy**", In: Language,57. p.307-308.

_____.(1994), **Principies of Linguistic Change: intemal fación**, Oxford, Black Well.

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LERNER, Delia. Ensenñar en la diversidad; conferencia dictada en las Primeras Jornadas de Educación Intercultural de la Provincia de Buenos Aires, La Plata, 28 de junio de 2007. **Lectura y Vida**, Buenos Aires, v.26, n.4, p. 6-17, dez. 2007.

LIMA ARRAIS, Maria Nazareth de. **O fazer semiótico do conto popular nordestino: intersubjetividade e inconsciente coletivo**. 2011.417 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2011.

LIMA, Francisco Assis de Sousa; Prefácio de Antônio Candido. **Conto popular e comunidade narrativa**. 2. ed. São Paulo/Recife: Terceira Margem/Massangana, 1984

LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura popular**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros passos, 98)

MACEDO, Dimas. **Lavrenses Ilustres**. 3. ed., revista e corrigida. Fortaleza: RDS, 2012.

MARTINS, Marco Antonio. VIEIRA, Silvia Rodrigues. TAVARES, Maria Alice, (orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos; 74).

MOISÉS, Massaud. A criação literária: Prosa I. São Paulo: Cultrix, 2006, 20. ed.
MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Currículo, conhecimento e cultura. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre o currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

OLIVEIRA, Fernão de. **A gramática da linguagem portuguesa: introdução, leitura atualizada e notas por Maria Leonar Carvalho Buesco**. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1975 [1536]

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1987 (pensamento e ação no magistério).

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense (Coleção primeiros passos; 184)

PAIS, Cidmar Teodoro. **Conditions sémantico – syntaxique et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive**. Doctorat d'État ÈS-Lettre et Sciences Humaines. 3 tomes. Paris: Université de Paris – Sorbone, 1993.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. **Supressão das Semivogais nos Ditongos Decrescentes**. In: OLIVEIRA, Giselle M. de. E SCHERE, S. M. Padrões Sociolingüísticos. Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

_____. **A variação gênero/ sexo**. In: MOLLICA, M.C. BRAGA, M. L. Introdução á sociolinguística variacionista: O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

PASSOS, Claiz, PASSOS, MariaEmiliana& ARAÚJO, Sumaia S.: (1980), **"Implicações teóricas do levantamento pré-tônico do Português"**, in: Anais do V Encontro Nacional de Lingüistiea, Rio de Janeiro, PUC/RJ, VoU, p.233- 42.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: Emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

ROCHA, Patrícia. **Poema: O contador de histórias**. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/banco/contador-de-historias>> acesso em 21/04/16 às 13:37.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

SEARA, Izabel Christine *et al.* **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Fabiana de Souza. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, Dermeval da (org) **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALPB, 2004. p. 29-44.

_____. **O processo de monotongação em João Pessoa**. João Pessoa, 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba.

SILVA, Luiz Antonio (org.). **A língua que falamos: português: história, variação e discurso**. – São Paulo: Globo, 2005.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola, 2004.

SILVA, Thaïs Cristófar. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **Fonética e fonologia do português**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010

SIMONSEN, M. **O conto popular**. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. **A Monotongação do Ditongo Oral Decrescente [ej] em Porto Alegre**. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n 40, p. 134-160, 2010.

Xavier, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena. (orgs.) 1990. **Dicionário de Termos Linguísticos**, Volume I. Lisboa: Edições Cosmos.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (orgs.) *et al.* **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ANEXOS

ANEXO 01 - A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira- Ceará

Vou cumeçá por Lampião. Lampião nasceu e se criô em Serra Talhada, Pernambuco. Por causa da morte do pai dele, mataro o pai dele, ele tornô-se bandido, se desesperô e começô a matar genti. Daí ele começô a saquear as cidades, ele mandava um recado e dizia:

-- Diga a fulano que eu vô cumer um carnero cum ele.

Já sabia: ou vinha buscar dinhêro ou vinha pra desmoralizá, qui naquele tempo só tinha coronel, e ele tinha um grupo de cem homi, cento e tanto. As veiz ficava reduzido o grupo, porque o pessoal murria nos combati.

E uma certa feita, ele foi pra Mossoró, lá pro Velame. Aí quando ele chegô no Velame, que era um bairro lá em Mossoró, um bairro antigo. Mossoró nesse tempo era piquenu, hoje já tá muito grande. Aí ele chegô lá e hôte um combati [...] dele com o povo de Mossoró. Então hôte uma baixa muito grande por parti dele, o povo dele. Morreu umas trinta e cinco pessoa ou mais. Ele ficô disfalcadu de cabra, pôco cabra, ficou com uns sessenta. Ele levava mais de cem, perto de cem, e então lá ele perdeu dentre eles, ele perdeu o homi da maior confiança dele que foi o Jararaca. Jararaca é o homi da confiança dele, ele perdeu, pegaro Jararaca fizeram a maior perversidade, arrancaro unha dos pés, das mão... dize que enterrô de cabeça para baxo, ele vivo e tal, mas dize que daqui, do município, foi uma pessoa lá e colocô-se no bandu lá e ficô entre eles e esse camarada agradô muito a Lampião que Lampião botô o nome dele de, botô o nome dele de Jararaca dois, de lá, da carrera que ele levô, ele saiu um poco vexado, ele passô em Limoero, foi muito bem ricebido lá em Limoero, depois de Limoero ele partiu para Juazero, só que naquele tempo não tinha rodage, era só estrada, chamava ribêra, estrada antiga, mas a bússola dele foi a margem do Rio Salgado, então ele pegô a marge do Rio salgado e vei subindo, passô em Jaguaribe, no Icó, quando ele chegô, quando ele chegô na, na serra da Bertioga, ele subiu num pico bem altu pra vê se via a serra da varze grandi, aí de lá de cima ele disse:

-- lá está a serra, nós tamu indo certo, o rumu é esse aqui.

Quer dizer que foram duas bússolas: uma a margem do Rio salgado e a outra foi ele avistado do pico da serra da Bertioga, ele avistá a serra da varze grandi, que é esta serra aqui que passa na varze grandi, ali em Iborepi e sobi em busca de olho

d'água do melão, lá de Ipaumirim, aí então essa serra aí que nós temos aqui na nossa frente tem o nome de serra da varze grandi, ele viu a serra e disse:

-- Pronto agora eu sei pra ondi é qui eu vô.

Aí partiu só pelo rumo na estrada velha, quando chegô no sítio São Domingos, do coronel, propriedade do coronel Raimundo Augusto, ele chegô no poçu da pedra, por sinal esse poçu quando eu era rapaizim, de meus quinze ano, eu pesquei muito nesse poçu, poçu da pedra, aí ele viu muita oiticica, aí ele foi disse:

-- Aqui tá bom da gente arranchá.

Aí se arranchô, arranchou-se lá, aí tinha um cidadão por nome de Zé Veloso que era trabalhador do coronel Raimundo Augusto Lima e o Zé Veloso tava caçando, quando Zé Veloso deu fé deparô-se com o grupo de Lampião, só que se Lampião tivesse visto ele, ele tinha ficado sem vida, é porque ele viu Lampião, mas Lampião não chegô a vê-lo. Aí ele saiu escapulino por baxo das melosas, dos fedegosos, por dentru dos matus e saiu de costa, de costa até que escapuliu. Quando ele chegô na casa grande do São Domingos, aí tinha um mestre Otávio, que era um encarregado do coronel Raimundo Augusto, ele disse:

-- Otávio, o coronel Raimundo Augusto estar?

Aí disse:

-- Tá não, ele foi pra Lavra desdi manhã e num chegô ainda.

Aí ele caladinho, num disse nada ao encarregado, pegô um burro, selô e veio aqui pra Lavras, pro chalé, ali bem diferente do baratão, onde mora Luiz Carlos Augusto. Aí ele chegou aí no chalé, aí chamou o coronel Raimundo Augusto e contô toda a história, que tinha visto o bando de Lampião, o grupo, e ele só escapô porque Lampião não chegô a vê-lo, aí o coronel Raimundo Augusto perguntô:

-- Você contou quantos cabra tinha?

Ele disse:

-- Não, mas eu calculei de cinquenta a sessenta.

Aí ele foi e disse:

-- Pois você volte bem caladinho, cheguei lá, bote o animal na roça e fiquei calado, não diga nada pra ninguém.

Aí, que ele regimentô um bucadu de gente pra levar, ai levô catorze pessoas, dentre elas, levô Vicente Leandro, o pai do dotô Chico Ferreira, Cassimiro Vieira, que tinha um café, mermo ali onde hoje é a farmácia Nossa Senhora Aparecida. Ali era o café de Cassimiro Vieira. Aí levô Poló, pai de Poló, não é o Poló que trabalhô

no colégio não, é o pai de Poló, Poló velho, pai de Poló, levô o senhor Antônio Amâncio, levô um cidadão que tinha o apelido de budegá, chamava ele de budegá, levô José Binício do sítio Carnaúba, da carnaúba de cima (eu morei na carnaúba de baixo e Zé Binício morava na carnaúba de cima) mas Zé Binício tava aqui na rua nesse dia, levô Zé Binício, levô Assis Viana, pai do dotô Assis Viana que tá aí, finalmente levô catorze pessoas. Aí foram ele, o coronel João Augusto, ao todo catorze pessoas. Chegaram no São Domingo, foram azeitá as armas e Vicente Leandro, pai de Chico Ferreira, dotô Chico Ferreira foi para o curral, olhar, tinha uma maloca lá, aí ele foi olhá, chegô lá eles tavam bebendo. Aí ele chegô e disse:

-- Coronel, cadê o coronel Raimundo Augusto?

Ele tá ali pra dentro. Aí:

-- Coronel João Augusto, os homi tão bebendo ali.

-- Bebendo?

-- Sim.

-- Pois você, Vicente, Vicente Liandro, pois você vá e diga que o coronel Raimundo Augusto mandô dizer que num quer que genti brigui bebendo cachaça não, por que aí chama-se coragi-vistida, chama-se coragi-vistida. É... o homi é aquele que briga cru, sem bebê, esse que é valente.

Aí finalmente mandaram os cincú que tavam bebendo, mandaram voltar aqui pra cidade, aí ficaram nove, aí desceram nu rumo de Santa Inês. Quandu chegaro no sitio Inliado, onde tinha um carnaubal, aí eles subiram rumu ao nascente, lá na frenti tinha um passadiço, quando eles foram passando o passadiço, subindo, aí hôte um confronto do povo de Raimundo, do coronel João... Raimundo e João Augusto, hôte um confronto deles, cum esse pessoal que vinha pra lá do outro lado, era a poliça de Cajazeiras, da Paraíba, que vinha no encalço de Lampião. Aí eles se entrariaram. Eles lá pensando que o povo de Raimundo Augusto era o povu de Lampião e o povo de Raimundo Augusto pensandu que a poliça era o povo de Lampião, aí então hôte um confronto, aí hôte um tiroteio, Antonio Amâncio, Antonio Amâncio e Assis Viana inda baliaram um ou foi dois sabi, mas aí quando se deram a conhecer tal, aí fizeram as pazes.

Lampião tava a quilometro e meio mais ou menos, mais ou menos um quilômetro, ouviu os tiros, aí ele foi e correu, cum todo o povo dele, ele correu, porque ele lembrô que o Pade Ciço havia dito a ele, que ele podia assaltar em todo cantu, menus em Lavras da Mangabeira, porque ele divia um favor muito grande ao

coronel Gustavo, que o coronel Gustavo, na guerra de 1914, quando foi pra deportar o governador Franco Rabelo, na época era o governador do estado do Ceará, em 1914, o coronel Gustavo, pai de Raimundo Augusto, deu quatrocentos homens armados e municados pra deportar Franco Rabelo e tomá o Palácio da Luz e botá o governo pra correr, pra ir embora, aí... aí o Pade Ciço pidiu:

-- Lampião, você não passe em Lavras.

Mas Lampião não conhecia a região, arranchô-se na represa do açude São Domingos, mas não sabia se aquilo pertencia a Lavras. Mas teve a infelicidade de se arranchá na represa do açude do coronel Raimundo Augusto, que era filho do coronel Gustavo, a quem Pade Ciço devia tudo, a ele, muitos favores. Aí de lá ele correu, Lampião com os caba, dexaram montaria, cavalo seladu, né? Deixaro faca (gaguejo) deixaro ispada, deixaro..., perderam uma bússola, num sei se era de oro, perderam a bússola na estrada que segue pra barra, que essa estrada vai, ia pra barra, da barra Ipaumirim, já era Ipaumirim, aí eles subiram, aí quando Raimundo Augusto chegô com a turma dele, só encontraram os animais selados, as espadas, agum objetos, que eu não sei o que foi e Raimundo Augusto:

-- Os homi correro, vamos voltá.

Aí voltaram. Até um tempo desse me dissero que tem uma pessoa ali que tem uma das espadas, pegô e fez um..., uma faca, um punhal. Pois bem, e a bússola que ele perdeu, um morador do coronel Luiz Nóbrega, pai de Sebastião Nóbrega, ali do São Pedro, das Tacadas, achô a bússola, entregô ao coronel Luiz Nóbrega, o coronel Luiz Nóbrega guardou e disse:

-- Bem, eu vou guardar, quando o dono aparecer eu entrego.

Mas o dono era Lampião. Lampião não apareceu mais, essa bússola hoje quem tem é um filho do coronel Luiz Nóbrega, que tá... mora em Fortaleza.

De lá eles seguiri rumo a Ipaumirim, mas quando chegaram no Degredo, num chegaro, num chegaro , porque Barra é Ipaumirim e Degredo é Lavras, aí fica extremado Degredo com Barra. Barra é a divisa, Barra e degredo é divisa de Lavras com Ipaumirim. Quando chegaram no sítio Degredo, aí tinha uma pessoa, tirando água da cacimba pra leva pros trabalhador com as cabaça. Antigamente tinha umas cabaça bem grande, aí ele pegou, pegou a cabaça, encheu água, quando ele vai saindo, Lampião se apresentô com os caba, ai eles tavam, era na época de... de cana, tinha cana pra moer, era os caba pegando as cana,

machucando com o cano do rife ou com o coice... do rife, torcendo e chupando, tudo morrendo de fomi, chupando a garapa, aí Lampião disse:

-- Ei vêio, pondé que você vai com essa água?

Aí a pessoa disse:

-- Eu vô levandu pra uns trabalhador, dez trabalhador que eu tenho lá, lá na roça.

Aí ele disse:

-- Você não vai não, você vai trazer água pra matar nossa sede.

Aí esse cidadão dicia, subia, dicia, subia, quase que morre de cansado de descer. A cacimba era muito funda e tinha aqueles degraus, aí ele subia, descia, trazia água, sei que até que matô a sede de tudim. Aí quando terminô, ele disse:

-- Olhe, você vai deixar essa cabaça aí escondida aí dento das cana e você vai me deixar, vai nos deixar na propiedade, na propiedade de Ananias Saraiva, que fica lá na saída de Au, du Bu... Burdano vêio (Burdano vêio hoje é Santa Vitória, mas naquele tempo era Burdão de Vêio). Aí então você vai e nos deixa lá na casa de Ananias Saraiva.

Aí eles subiro, quando passaram bem pertinho da casa de Higino Gonçalves, da família Gonçalves lá da unha de gato, encontraro com Pitel Velho, que é pai desse Pitel, que ainda tem um bucado bolano por aqui, bem ali nas quatro boca, mora um fii desse vêio Pitel. Aí acharo Pitel, ai Pitel vinha com um gado.

-- Pra onde é que você vai?

-- Não tô levano, vô levano esse gado pra Umari.

-- Você num vai. Vô mandá o moreno voltar e você que tá a cavalo e ancorado...

-- Não, mas em tô encorado vou levá o gado....

-- Mas você vai encorado do jeito que tá, ai você vai nós dexá.

E mandaram o moreno voltar e Pitel foi dexar eles lá. Quando chegaram lá em Ananias Saraiva, foi aquela festa. Ananias Saraiva era amigu dele, muito amigo dele, aí fizeram aquela festa com ele e tal, aí eles:

-- Bem, aqui, daqui de Ananias Saraiva pra sair em Juazero, eu conheçu palmu a palmu, então nesse caso você, aí disse a Pitel:

- O homi que tava encorado, disse: você volte, tá a cavalo volte, vá cuidar da sua vida.

Agora ele tinha um custumi de matar o pontero, o que era o pontero, pontero é aquela pessoa que ia ensinar o caminho e ele matava a pessoa pra pessoa não dizer e nem dizer a poliça onde é que tinha deixado ele, então ele matava o pontero.

Pitel tava na mira pra morrer, mas aí como ele fez o favor deixar lá em Ananias Saraiva, com certeza Ananias saraiva pediu pra não bulir com ele, com Pitel, aí Pitel vinha, quando caminhou cinquenta braça ele gritô. Aí Pitei disse:

- Vixe eu não morri não, mas agora vou morrer.

Ai Pitei rumou pra lá, quando chegou lá, ele tirou três cédula de dez mil reis, naquele tempo era mil réis, não se falava, aí pegou três cédulas de dez mil réis e disse:

- Tá aqui, esse dinhêro é pra você comprar uma propiedade pra você criar seus filhos e os mais velhos botar pra trabalhar.

Aí ele foi, pegô o dinhêro e veio, quando chegô ali no degredo, onde hoje mora meu primo Alexandre Tele, bem pertinho lá onde eu morei quarenta e seis ano. Eu me criei ali na carnaúba, daqui pra lá são dezoito quilômetro. Aí quando ele chegou aí, tinha um irmão dele, conversou com ele:

- Não você compra.

Aí tinha um sitio lá, no município de Umari que chamava-se, chama-se Lagoa Tapada. Ele foi comprô a Lagoa Tapada por vinte e oito mil réis e ainda sobrô dois mil réis ainda. Aí comprô a Lagoa Tapada e ficô como dono da Lagoa Tapada. Aí trabalhô uns anos lá, depois os filho vieram embora aqui pra Lavras. Uma parte deles, o velho se achando lá sozinho veio embora também, comprô esse Sítio Volta que tem bem aí, que hoje é de dotô Pedro, dos Linhares, ele comprô o Sítio Volta.

O Pitel esse que foi deixar Lampião comprô o Sítio Volta, aí ficô morando aí, depois ele foi vendeu a Volta e vei morar com o filho, nas... aqui nas Melancias, lá perto [...] da família Pinto, de seu Otacílio Pinto. Depois ele saiu daqui, foi pra, agora aqui não é melancia é lá em seu Otacílio Pinto, é ... Calabaço. Aí ele foi pra Melancia, do pai do dotô Jeová Batista de Lima, Batista de Moura, aí ele foi morar.

Aí ele foi pra lá, tinha um filho dele lá, parece que é Antonio Pitel, morava lá nas Melancia, aí ele morô muito tempu. Ele morreu faltando cinco dias pra completá cem ano de idade, faltava cinco dia pra ele completar cem ano de idade, aí Pitel morreu.

Agora vamos falar agora de [...] em Lampião quando ele ficô na casa de Ananias Saraiva, almoçô, aí disse:

- Daqui eu já posso.

Aí saiu, desceu pelo Burdano véio, que hoje é Santa Vitória, naquele tempo chamava-se Burdão de velho, de lá ele passô na Ingazeira, passô em Aurora, de Aurora passô na Ingazeira, de Ingazeira Missão Velha, de Missão Velha Juazeiro, quando ele chegô em Juazeiro Padim Ciço, olhô pra ele e disse:

- Eu já sei o que foi que você fez , cê passô na propriedade de Raimundo Augusto, num foi?

Ele disse:

- É eu num sabia.

- Pois é eu le pedi que você pudia passá em todo cantu menus em Lavras da Mangabeira, aí você não merece mais mia confiança.

Aí, daí ele pediu a bênção, aí foi ele disse:

- É você num mereci bênção não, pois você me desobedeceu, aí eu num sei se abençoou ou não abençoou.

Sei que daí ele foi embora, aí saiu rumo a Bahia, da Bahia ele desceu, foi pra Alagoas, de Alagoas voltô, aí vei pra.. aquela.. aquela cidade, dexe eu ver agora, [...] ele foi pruma cidade de Alagoas, num me lembro [...] chama-se Angicos, aí ele teve lá na, nesse lugá e é fato que a puliça começô a perseguir ele, começô perseguir e sem encontrar ele. Aí ele numa certa feita ele tava lá bem discuidado a puliça chegô, aí eliminô ele cum os cabra dele cum Maria Bunita, que era mulher dele e tudo, aí feiz uma chacina matou tudinho, aí acabô-se a fama de Lampião.

Bem, è a parte que eu cunheço dele, sim... é, é Sergipe (lembrou), ele foi pra Sergipe que a capital é Aracaju, ele foi pra Sergipe, de Sergipe ele pegô esse lugá por nome de... que eu já falei aqui agora, aí ele ficô lá, seno no estado, ele foi morto no estado de Sergipe.

Aí bem, essa a parte da históra, a históra dele é muito extensa, mas eu só cunheço até aí, cunheço apesar de meus oitenta e três anos, oitenta e dois a oitenta e três, eu tenho mimorizado e muita genti se admira cumo é que eu mimorizo tanta coisa na idade que ainda istou.

José Teles da Silva, 82 anos, Lavras da Mangabeira, 2016.

ANEXO 02- A lenda do Boqueirão

[...] Contam que quando o rio salgado ficava seco no período da estiagem, por dentro da serra, onde hoje existiu o ponto turístico, a estrada que ligava Lavras aos sítios da redondeza ali, de Patos, Socorro, Pitombera, era por dentro do rio, na época do verão. E um sinhô passando por lá um belo dia - já se falava da princesa encantada - ele quando chegou de frente da fumaça, que o pessoal hoje chama de caverna. Ele viu uma moça sentada fazendo grade com almunhada amarelinha, com os fios amarelinhos, uma galinha com os pintos também dourados e um carneiro dourado pastando arredó. E ele quando passou, a moça perguntou se ele vinha pra Lavras e ele disse que vinha, e ela pediu que ele trouxesse quando voltasse de Lavras. O pedido que seria um pente, uma agulha, um tubo de linha e um espelho. Aí tinha o outro pedido que ela alertou que ele só podia levar se lembrasse de tudo, não levasse pela metade, nem faltando um dos itens, e ele nervoso, agitado veio pra cidade.

Quando chegou aqui se atrapalhou, não podia contar pra ninguém e quando voltou só levou o pente, o espelho, a linha e a agulha. O quinto pedido que ele nunca disse, porque nunca lembrou.

Ele foi chegando perto da moça, ela se, se mantia lá na mesma posição com a galinhazinha de pinto, com o carneirinho lá, e almunhada, quando ele ficou de frente dela, ela disse:

- Não vale, você não trouxe o que eu li pedi.

Ele disse:

- Mas eu trouxe. - Aí foi mostrando o que tinha levado.

Aí ela disse:

- Mas como é que você sabe que eu não trouxe.

Aí ele disse:

- Eu sei, você não trouxe, você esqueceu uma coisa do pedido.

E ele quis articular com ela, mas ela foi se afastando como um, um, uma suave brisa, foi fugindo e ele foi ficando nervoso e achando que tava se perdendo, esquecendo das coisas e ele foi mudando o comportamento dele. Se assombrou e correu, chegou em casa ficou doente.

E essa história rolou, por isso é que o povo contava como fossi um casu de verdadi, pois ele ficou doenti.

E aí pra reforçar a lenda da princesa encantada, Manel de Leôncio Fernandes, era um rapaz inteligente, que naquele hoje, ele tem um irmão doutor Mauro, é formado, é uma família de gente muito intiligenti, e Mauro, o Manoel de Leôncio disse:

- Eu vou desencantar a princesa, eu vou desencantar a princesa.

E ele vinha, toda semana ele ficava dizendo que tinha visto, que num tinha visto e tal e tal, e que perdia quando ela curria. E na passagem de uma pedra, de uma pedra pra outra, ela pulava e ele não se atrevia a pular, mas ele tava com esse, essa teimosia e todo mundo dizendo que era ilusão e que não fizesse isso.

Um belo dia ele veio e não voltô. Foi encontrado cincü dias depois, morto no pé da pedra, todo quebradu. Acreditava naquela época, que ele tentou pular, e por isso ficô forti a lenda do Boqueirão e foi se criando e falavam que de lá, da crista, eu tenho até um cordel.

É que fala de uma correnti de oro que tinha de dentro da fonte, subia e da crista da serra, do topo da serra, vinha pra igreja de São Vicente. Então, quando a gente vinha com minha vó e outros mininos com as avós, elas falavam que existia essa corrente de ouro, e a gente acreditava que existisse realmente, que o mistério na serra do Boqueirão existe, que a gente acredite e eu não duvido. Ninguém nunca entrô até o final da furna pra ver, aí ficou do Talhado, é do Boqueirão que vocês chama, que a gente chama de Talhado, porque é um corte na serra, daquele talhado pra Pitombeira.

Tem também que não é lenda isso, existe realmente a Peda do Baú, a Peda do Baú as pessoas dizem as pessoas de lá sabe onde é. Quando o rio tá com pouca água como agora, a pessoa consegue localizar a Peda do Baú. Nessa Peda do Baú, senhor Pêdo Sobeira, tii de meu pai, pescando com outras pessoas lá, de lan... de tarrafa, lá a gente costuma dizer:

- Vamu butá o talhado, vamu butá o talhado na peda, vamu descer no alpendi da peda do baú.

E ele entrou, mergulhô, e entrô.

Certamente a Peda tem uma fenda e algum lugar que sai fora d'água, ele se perdeu. Era uma noite de lua, ele se perdeu, mergulhou e ficou debaixo d'água, conseguiu debaixo da peda ele entrou, fez umas manobras lá mergulhando e

chegou num canto que ele ficou com água na cintura debaixo da pedra e conseguia respirar.

Certamente, naquele tempo o pessoal acreditava no mistério. Hoje a gente acha que era uma fenda, tinha um buraco em algum lugar que ele conseguia respirar, que ele respirava lá. Mas ele sabia que tava debaixo da pedra e num voltava pra superfície, e tudo escuro como era uma noite de lua ..., e todo mundo já dando ele por morto, os outros pescador dando ele por morto, o cara mergulhou e não voltou. Deve ser que se enganchô, que aconteceu casos de pessoas que meteu a mão na loca, enganchô e morreu afogado, isso são casos que aconteceram. Mas no caso dele, ele tava respirando e tava lá pensando como era que voltava, que ele não sabia por onde era que tinha vindo e tudo era água escuro.

Aí a lua saiu, quando a lua saiu clariô a água, aí ele mergulhou pro claro, onde a água tava mais clara, que era o reflexo da lua. Bom, contavam isso, como fosse verdade.

Entra hoje na lista das lendas, mas é possível que tenha acontecido com Pedo Sobeira, que na época todo mundo contava.

Então do Buqueirão é mais ou meno isso que a gente sabe de lenda da princesa e da lenda da Pedra do Baú, que o povo pensa que é lenda, mas a Pedra do Baú tá lá.

-- Entendeu? Pois é.

Raimundo Custódio Neto, 50 anos, Lavras da Mangabeira, 2016.

ANEXO 03 - A imagem de São Vicente Férrer

[...] Primero da igreja, ninguém sabi ao certo, é na faixa de 1750, piquena capelinha. Tem uma lenda, tem uma lenda que diz assim: a cidade de Lavras não era pra ser nesse local, a cidade de Lavras era pra ser na Mangabera. Aí um vaquero vei, vei, prucurar um gado. Aí debaxo do pé de juá, onde é hoje a sacristia da igreja, ele achô uma imagenzinha de São Vicenti. Ele pegô essa imagem e levô lá pra Mangabera.

Lá em Mangabera tinha muita casa... sitio Mangabera. Aí então dizem que a imagem desapareceu lá da Mangabera e novamente apareceu aqui debaxo do pé de juá.

Aí o vaquero vei dormir meio dia, discansar, achô novamenti a imagem...

A lenda diz isso aí. Aí ele disse:

-- Danadu, eu vô voltar com essa imagem e entregar a meu patrão.

Voltou pro situ Mangabeira e entregou.

-- A imagem tava lá de novo, de baxo do juazero, fui discansar ao meio dia, e me deitei, aí vi a imagem lá no troncu da árvore.

Aí ele disse:

-- Pois eu vou fazer uma duação da terra pra construir a igreja, mas vai ser lá no local onde você achô essa imagem, porque essa imagem tá danu um sinal de que a Igreja é bom ser construída lá.

Ou que tenha sido levada por alguém, ou que seja um milagre. A igreja começô a ser começada aí.

Isso aproximadamente em 1750. Na época em que tava iniciando a exploração de oro aqui em Lavras.

Bom, aí começô a capelinha. O primero a trabalhar na capelinha foi o filhu do dono da fazenda, era vigáriu... ele tinha três filho vigário, tinha três filho vigáro.

O mais que distacava era o Padre Joaquim Xavier Ângelo, Joaquim Xavier Ângelo Sobreira . Ele começô a capelinha, deu um cumeço, e foi o primero vigáro de Lavras, né.

A cidade tinha pouca genti. A cidade tinha pouquinhas casa, as casa de taipa, casa eram caindo, aí então começô a exploração do ouro, a exploração do ouro melhorou um pouco, o povo da Holanda nera, o povo era da Holanda, da Holanda, o povo nera daqui do Ceará não, vinham da Holanda.

Aí então avançou um pouco. A exploração do ouro não deu certo, porque?

-- Porque gastavam muito e apuravam pouco ouro, aí resolveram parar.

Quem mandava no Ceará nessa época, não era o governador do Ceará, era o da Recife, Pernambuco. Aí mandô que suspendesse, que num tava dando lucro, num tinha fins lucrativos. Então pararam de produzir o ouro, porque não dava lucro e Lavras ficou uma piquena, piquena povoação e o povo misturado. E aqui no Nordeste com gente da Holanda, eles não se retiraram mais voltando pra Holanda, uma parte ficou aqui.

Daí vem a origem de Lavras, de outras pessoas, de outros lugares né ...

Bom, a mina, aqui, aculá vem uma pessoa e explora, mais tá do mesmo jeito, nunca dá lucro, dá ouro, mais o ouro pra pagar os operários num compensa, num compensa.

E a igreja ficou sendo construída nesse local, onde a imagem foi achada, aí então, a religião católica passou, ao mesmo sistema de hoje, mudando padre, um, entra um, entra outro, entra um, sai outro.

Esses padres, cada qual trabalhava um pouco e a igreja crescia, melhorava. Até que um dia chegou um filho da terra que é o Raimundo Augusto Beserra, Padre Mundoca, chamado, ele era conhecido como Padi Mundoca, apelidado como Padi Mundoca. Ele então disse:

- Eu vou fazer a igreja de Lavras melhorar.

Ela só tinha uma torre, ele fez outra, ela não tinha embelezamento, num tinha tamanho, num tinha aquele comprimento, num tinha aquela altura, num tinha três altares. Ele fez três altares, adquiriu a imagem grande, várias imagens melhores, pintou externamente. Fez muito enfeite, muito melhoramento, botou banco, botou mosaico...

Mais ele já vivia muito doente. Ele então disse pras pessoas:

- Eu vou pra Fortaleza comprar o piso da Igreja, mais eu me sinto muito doente, eu acho que eu num volto vivo.

Aí quando chegou em cima dum caminhão, aqui em Lavras, o corpo dele num caixão, ele faleceu na metade da viagem, de Fortaleza pra Lavras. Aí colocaram, compraram o caixão em Jaguaribe e ele veio em cima da carrada do mosaico da igreja.

Aí os outros vigários, depois dele, que era o irmão dele, era vigário também de Aurora, era o Padre Vicente, essas pessoas se reuniram e terminaram o piso da Igreja.

Até poucos anos atrás ainda era o mesmo piso desde 1932, ele foi reformar essa igreja. Ela não tinha rebocu externo, era grossera, ele, ele fez o melhoramento maior da igreja, foi feito por Padre Mundoca. E ele foi prefeito um anu parece aqui em Lavras e depois dele foi na época que construiu a barragem também, a barragem. [...]

Vicente Ferrier Tomaz Férrer, 71 anos, Lavras da Mangabeira, 2016.

ANEXO 04 - PROPOSTA DE RECONTO: agora é sua vez...

O reconto é uma prática comum na vida do povo, uma vez que, como atividade oral, tem uma intenção primeira de comunicar um fato, sem a preocupação com os aspectos formais. No entanto, pode ser utilizada como prática pedagógica, capaz de atender a vários propósitos de aprendizagem. Nossa intenção é perceber, através do reconto, a variação linguística presente no falar dos alunos do 9º ano do ensino fundamental, na modalidade EJA, sendo um instrumento de pesquisa, elaborado na intenção de atender aos seguintes objetivos da pesquisa: descrever a variação empregada no reconto e comparar a variação linguística entre o conto e o reconto.

Esta proposta pretende delinear os caminhos a serem percorridos durante o reconto, desde a abordagem inicial em sala de aula até o momento da re/contagem dos três contos *corpus* que fazem parte desse projeto: *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-CE*, *A lenda do Boqueirão* e *a imagem de São Vicente Férrer*, pelos alunos.

Nesse sentido, é importante seguir passos determinados para explorar essas histórias ouvidas/contadas na infância, de modo a compreendê-las como registro de aspectos que a caracterizam como simbólicos e documentais. Tal instrumento está estruturado em três módulos:

No Primeiro Módulo, intitulado *“Reavivando a Memória”*, pretendemos construir o conceito de Conto popular, tendo como referência o conto de autoria, além de motivarmos os alunos para contarem as histórias ouvidas na infância, fazendo com que percebam que os contos fazem parte do seu dia a dia.

No segundo módulo, *“Re/descobrimo os contos populares na cultura local”*, será o momento dos alunos conhecerem os contos selecionados que fazem parte da pesquisa, conhecer os contadores e as histórias, com o objetivo de compreender as narrativas populares como manifestações da cultura de um povo.

No terceiro e último módulo, *“Como contaram o que ouviram”*, será o ponto chave da sequência, os alunos irão contar o que ouviram, não as mesmas histórias, mas versões diferentes delas, pois conto popular não tem autor, tem contador ou enunciador, a cada contar as impressões subjetivas são acrescidas as histórias, que passam a ter os elementos daquele enunciador.

MÓDULO UM

APRESENTAÇÃO

Neste primeiro momento, o do contato inicial para apresentar a proposta do reconto, pretendemos que os alunos sintam-se a vontade em interagir com o professor e os demais colegas, isso será facilitado pelo fato de que a professora não é desconhecida, ela já leciona na turma. Melhor ainda para o desenrolar da proposta.

Essa proposta está direcionada para a turma do 9º ano do ensino fundamental, na modalidade EJA, destacamos aqui que a faixa etária dos alunos nesta modalidade é variada, pois abarca alunos com idade entre 15 e 30 anos. Salientamos que através deste trabalho com o conto popular, especialmente, na modalidade oral, estaremos instigando os alunos a pensarem, a lembrarem momentos vividos nas suas infâncias ou até mesmo no momento atual e que, de acordo com a sua visão de conhecimento compartilharão com os demais integrantes do grupo o apanhado das suas memórias na intenção primeira de servir de instrumento de apoio para o professor, orientando-o a conduzir práticas de reconto.

Esta proposta deverá ser desenvolvida em dois momentos, numa aula de 50 (cinquenta minutos).

Neste caso, ela tem como objetivo geral:

- Servir de instrumento de apoio para o professor, orientando-o a desenvolver com os seus alunos uma conversa motivacional, direcionando os educandos a uma maior abertura pessoal no momento de interação em sala de aula, nesse caso específico, a contarem as narrativas populares que permeiam o seu viver.

Como objetivos específicos, elaboramos os seguintes pontos:

- Realizar reflexão sobre as histórias ouvidas/contadas na infância, esta contadas pelos pais, avós, vizinhos e amigos;
- Socializar com os colegas e o professor tais resgates da lembrança.

OBJETIVOS

Geral:



Compreender a importância dos contos populares como elemento da cultura de uma comunidade.

Específicos:



Perceber que os contos populares fazem parte do dia a dia e que registram acontecimentos da história de um povo.

Socializar em sala de aula as histórias populares que conhecem.



DIALOGANDO COM O PROFESSOR



Professor (a),

Você que também se encanta e encanta com as narrativas populares, pode e deve desenvolver em sua sala de aula, momentos de interação que intentem partilhar as suas histórias, pois todos nós, seja quando crianças, jovens ou adultos, já ouvimos alguma história contada por nossos pais ou parentes próximos, e repassamos essas histórias para outras pessoas. Desta forma, estaremos conduzindo os alunos a se espelharem e fazerem o mesmo, contarem as histórias que ouviram. Estaremos assim, desenvolvendo a habilidade oral dos nossos alunos e ressignificando seus valores culturais.

Os alunos já devem ter estudado contos. Então, você poderá orientá-los com, base no aprendido, a adentrar na nova categoria desse gênero: os contos populares, especificando as semelhanças e diferenças entre um conto visto nos livros didáticos e os escutados; ressaltando que o conto popular é oriundo, como o próprio nome sugere, das camadas populares e sua forma de divulgação é através da oralidade.

Com o seu entusiasmo e a sua experiência compartilhada, os alunos se sentirão seguros e interessados em partilharem com você e os colegas, as suas experiências como ouvintes.



REAVIVANDO A MEMÓRIA...

1º MOMENTO:

Professor, comece a sua aula, indagando aos alunos sobre o que eles conhecem, sobre o gênero conto: o que é um conto? Como o conto se caracteriza? Quais os elementos indispensáveis num conto? Quem conta o conto?

Realizadas algumas indagações sobre o gênero conto, as quais poderão ser confirmadas ou refutadas, os alunos já podem inferir que a aula será sobre conto. Relembre-os de que o conto é uma narrativa curta e que são histórias elaboradas por escritores, chamados de contistas, nesse tipo de narrativa percebemos a presença de personagens, espaço/tempo, há um conflito gerador em torno do qual a história circula. Enfim, esclareça aos alunos o que é um conto, lembrando-os até mesmo algum conto já estudado em sala.

Professor, após este primeiro passo, inicie a abordagem sobre o conto popular, perguntando aos alunos: Alguém se lembra de alguma história de quando eram crianças, ou mesmo de agora? Pedir que contem alguma história que conhece. Dizer que estas histórias são as tradicionais histórias de Trancoso ou conto popular.

Explicar aos alunos que o conto popular não possui autoria individual, uma vez que são histórias repassadas de geração a geração pela oralidade. Evidenciando que a cada história contada são acrescentadas as marcas subjetivas dos enunciadores.

Professor, neste momento compartilhe com a turma as suas experiências enquanto ouvinte do conto popular, narre algumas histórias e esclareça quem lhes contava, para assim já ir conduzindo o aluno à ideia de que são memórias coletivas.

A partir do momento em que os alunos sentem a proximidade do que está sendo dito pelo professor com o que eles já conhecem, com o que faz parte da trajetória de vida deles, certamente se sentirão mais à vontade para comungarem da mesma ideia do professor e também partilharem suas experiências com os colegas



2º MOMENTO:

Professor, agora que os alunos já sabem o que é o conto popular e lhe ouviram contar as suas experiências enquanto ouvinte das narrativas populares, que tal oportunizá-los a narrarem as histórias que ouviram na infância?

Ao narrarem as suas lembranças, os alunos compreenderão que os contos populares fazem parte do dia a dia e também da história de uma pessoa, de uma comunidade, de um povo. À medida que contam, muitos conhecimentos estão sendo ativados.

Professor, inicie o debate, perguntando se os seus alunos gostaram das histórias. Deixe-os bem à vontade para opinarem sobre cada narrativa. E vá preparando o caminho para o reconto, relatando que as histórias ouvidas podem e devem ser transmitidas por qualquer pessoa, independente da idade e *status* social, preservando-as, assim, para as gerações futuras.

MÓDULO DOIS

APRESENTAÇÃO

Neste segundo momento, rompida a barreira da timidez e já tendo sido explorado o conhecimento dos alunos sobre o conto popular, e onde cada um partilhou as suas narrativas; iremos apresentar-lhes os três contos *corpus* que fazem parte da nossa pesquisa, lembrando que são contos que retratam a comunidade em que vivem os alunos em questão: *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-CE*, *A lenda do Boqueirão* e *a imagem de São Vicente Férrer*. Desejamos promover a aproximação dos alunos com os contos elencados, mostrando-lhes como é rica a cultura que os cercam e que podemos trabalhar em sala de aula com as histórias da própria comunidade enunciadas por moradores locais.

Esta parte deverá ser desenvolvida em dois momentos, numa aula de 50 (cinquenta minutos). Tem como objetivo primeiro refletir sobre as narrativas populares que fazem parte do contexto cultural do educando, conduzindo-o a um maior aprofundamento nas narrativas.

Como objetivos específicos, elaboramos os seguintes pontos:

- Conhecer os enunciadores que se disponibilizaram e foram selecionados para a pesquisa.
- Ampliar o conhecimento adquirido sobre o conto popular, através de narrativas locais.

OBJETIVOS

Geral:



Compreender as narrativas populares como manifestações da cultura de um povo.

Específicos:



Conhecer os contadores que enunciaram cada uma das narrativas apresentadas.
Identificar as histórias contadas pelos contadores locais.

RE/DESCOBRINDO OS CONTOS POPULARES NA CULTURA LOCAL

1º MOMENTO:

Professor, nesta etapa, os alunos estarão prontos a ouvirem as narrativas selecionadas para tal feito. De início apresente-lhes os títulos dos contos populares que serão ouvidos, e posteriormente lidos. Indague-os se já conheciam tais narrativas.

Apresentar aos alunos o título dos contos. No início, incite-os à indicação da temática possível dos contos para despertar-lhes a curiosidade. Começaremos pelo conto *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira-CE*, contado pelo senhor José Teles da Silva.

Professor, neste momento, perguntaremos aos alunos, se eles conhecem o senhor José Teles da Silva, e também Lampião. Vale ressaltar que o primeiro é um renomado poeta local, agricultor aposentado, de 82 anos, nascido na zona rural e que reside na cidade há 46 anos. É também escritor, membro da Academia Lavrense de Letras. O contador se alfabetizou em algumas semanas de estudo. È estudioso da história lavrense. Podem levar a foto do enunciador para facilitar o reconhecimento pelos alunos.

Quanto ao personagem da história contada, Lampião, ele é conhecido como “Rei do cangaço” pelas aventuras no sertão nordestino, juntamente com seu bando, que tem como um dos membros Maria Bonita, a “Rainha do cangaço”.

O professor como mediador da aprendizagem deve sempre desafiar o aluno a conclusões mais profundas e bem mais interpretadas, desta feita o aluno será um leitor/observador proficiente e atento a qualquer demanda proposta.

Após este momento de predição, faça com que o aluno se deleite ao ouvir o contar do senhor José Teles da Silva. Terminado a escuta do áudio, ou mesmo pelo próprio contador, da primeira narrativa, partiremos para a segunda, *a lenda do Boqueirão*, proferida pelo senhor Raimundo Custódio Neto, em seguida a história contada pelo senhor Vicente Ferrier Tomaz Férrer, *a imagem de São Vicente Férrer*. Deixemos apenas que os alunos escutem atentamente, as três narrativas, da primeira a última, apresentando-lhes apenas dados do contador. Quando todas as histórias forem ouvidas, aí o professor poderá debater com os seus alunos a respeito de cada conto.



2º MOMENTO:

Professor, inicie o debate, perguntando se os seus alunos gostaram das histórias. Deixe-os bem à vontade para opinarem sobre cada narrativa. E vá preparando o caminho para o reconto, relatando que as histórias ouvidas podem e devem ser transmitidas por qualquer pessoa, independente da idade e *status* social, preservando-as, assim, para as gerações futuras.

MÓDULO TRÊS

APRESENTAÇÃO

Nesta última etapa, efetuiremos a culminância das aulas dadas anteriormente, por meio do reconto dos contos populares ouvidos pelos alunos, ou seja, iremos ouvir outros textos, mas variantes dos contos propostos para reconto, tendo em vista que a cada contar a história é alterada, pois se trata de enunciadores diferentes, cada um com sua história linguística e sociocultural específica. E o mais interessante dos contos é isso, a sua maleabilidade. O conto não tem autoria, vai se perpetuando através das pessoas, vai se adequando a cada geração; o mais importante é que não deixemos que eles se percam no tempo. Nós estamos revivendo a cultura do re/conto entre os jovens, principalmente no tempo atual. Então reservamos em sala um momento cultural, de ludicidade.

Este momento deverá ser desenvolvido em dois momentos, numa aula de 50 (cinquenta minutos), tendo como objetivo primeiro orientar o professor para que haja um direcionamento, uma organização e uma adequação para o momento do reconto.

Como objetivos específicos, elaboramos os seguintes pontos:

- Recontar as narrativas lidas e ouvidas em sala de aula, após momento interativo;
- Socializar com a turma o reconto de cada grupo/aluno.

OBJETIVOS

Geral:



Recontar as narrativas populares ouvidas em sala de aula.

Específicos:



Ler as transcrições dos contos populares em grupo;
Socializar as novas versões com os colegas e o professor em sala.

COMO CONTARAM O QUE OUVIRAM

1º MOMENTO:

Professor, chegou o tão esperado momento! O propósito maior desse momento é realizar o reconto com os alunos em sala de aula. Como já foi preparado o caminho na aula anterior, você poderá propor o momento do reconto.

O ato de contar ou recontar vem transcendendo as gerações. O reconto é a reconstrução oral a partir de um texto dado, as narrativas populares vão se perpetuando porque alguém contou a alguém, este alguém ouviu e passou a contar também; é um ciclo de imitação com foco em um determinado assunto, sendo acrescido a cada contar as experiências do enunciador.

Para este momento, o professor pode dividir a turma em três grupos. Cada grupo ficará responsável por um conto.

**2º MOMENTO:**

Professor, neste momento organize os grupos com a mesma quantidade de membros por equipe – ou não - e distribua as transcrições dos três textos ouvidos na aula anterior, um para cada grupo. Estabeleça um tempo para a leitura e discussão nos grupos de estudo. Oriente o tempo aproximado que cada aluno terá para contar a sua versão, estabelecendo também a ordem de apresentação para que não gere tumulto.

Depois que os alunos se sentirem bem à vontade para falar, cada um do grupo deverá socializar com os colegas e professor, a sua versão do conto lido, ao mesmo tempo em que receberá a dos demais colegas. E assim todos terão a vez de participar e contribuir para o bom andamento da pesquisa.

Após o término do reconto, poderemos levantar questionamento do tipo: como foi a sua experiência ao contar esta história? Você contará novamente a alguém?

Professor, note que o instrumento de pesquisa que aqui utilizamos, o qual poderá ser adaptado conforme a sua necessidade, nada mais é do que uma proposta simples, direta e didática. Da qual você pode extrair diferentes olhares para melhorar a sua atuação e a aprendizagem dos seus alunos.

Numa atividade simples como esta, poderemos sentir melhor a atuação/participação do aluno, que a partir daqui poderá até melhorar o desenvolvimento em sala de aula.

ANEXO 01A - A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira- Ceará

È assim: Lampião nasceu e se criô em Pernambuco, com seus quinze anos perdeu seu pai. A origi pá Lampião chega é pá ser em Juazêro, só que Padi Ciço disse que ele num era pra passá por Lavras. De primêro, aí foi passô pro Icó, Várzea Alegre. Lampião (...) de primero as estrada era feita de, num tinha, como se ligar as istrada, as istrada era tudu matu. Lampião subiu num picu pra ver se tava perto da serra de Lavra, Várzea Cumprida. Ele subiu e avistô a serra e disse que tava indu nu caminhu certo, que era, que ele suniu num picu da árvori e do Rio Salgado. Chegandu num, pertu dum açudi, ele parô pa discansar. Aí um dus intreganti do coronel Augusto, viu o Lampião e saiu de fininho para que Lampião não visse ele para, e ele foi correnu contar para o coronel.

Chegandu lá o coronel não estava em casa, quem tava um intreganti dele, só que o homi não confiava, não dissi nada. Aí foi pegô um cavalo e partiu, partiu para a cidadi, que era Lavras da Mangabêra que ele tava, pois chegandu lá, dissi que Lampião estava lá, perto do açudi, chegando lá o coronel disse:

--- oh, vá ! que eu vô juntá daqui doze homi, uma cambada e vô.

Chegandu lá, o coronel juntou doze pessoas e disse e foi, chegandu lá, perto duma ladera, avistaro uns puliciais da Paraíba, uns pensava que eles eram, os puliciais pensavam que os coronel eram Lampião e os coronel pensava que os pulicial era Lampião.

Chegandu lá começô o tiroteio, Lampião iscutô e dissi, e fugiu, dexando ispada, tudo, cavalus e tudo, correu.

Quando o coronel chegô lá não tinha nada, só tinha as coisa de Lampião. Eles correnu, cumé cansadu, pararo ondi tinha um homi, cumé, peganu água do poçu pra levar para os trabaiadó dos coronel, aí Lampião disse:

--- Me dê água.

Aí cum medo o homi deu, né, aí ele disse:

--- Agora você vai levar nois até a casa de (num sei o nome), vai levar nois até a casa de tow-tow.

Aí o homi cum medu foi. Chegandu um poquinho mais pertu, encontrô, avistarô um vaquêro de cavalu, coisanu os boi, os boi, aí o homi mandô o homi voltar e siguiu com o otro. Mais na frenti chegaro na casa de, da mulher. Foro, quando o

homi virô as costa, aí Lampião chamô ele di novo, deu dois cruzêro a ele. O homi vei, chegô, comprô uma coisa lá pertu das Palmera,lá.

Aí voltanu pra história de Lampião, foi cheganu na casa, passô a noite. Aí voltô pra, aí cumeçaro a ir pra Juazêro, Padim Ciço quandu chegô lá, já sabia que Lampião tinha passadu, disse a lampião que já sabia que ele tinha passadu em Lavras, só que Lampião disse que ele não sabia, aonde era. Aí perguntô se ele podia perduar, se o Padi Ciço podia perduá ele, e ele disse que não.

Três dia depois Lampião foi mortu e botaru a cabeça lá em Lavras pra saber que ele foi mortu. Prontu.

A1, 19 anos, Lavras da Mangabeira, 2016.

ANEXO 02A- A lenda do Boqueirão

Dizem que, é, na época das estiagem, que o Rio Salgado secava ficava a estrada de Lavras pros sítios, sítio Patus por ali. Então bem ali, onde ficava, é, onde hoje é o Buquerão, tem uma caverna, um sinhô ia passanu e viu uma princesa, uma moça muito bonita que tava bordadu com linha amarela e pertu dela tinha uma galinha com dois pintus e um carnêro pastanu ali, então ela chamô o moçu e disse:

--- Ei, você vai pra Lavras?

Então ele disse que ia, né. Aí ela fez um pedido pra ele trazer cinco objetos, que foi: um ispelho, uma linha, é agulha e um penti e outro que ela pediu no ovido dele, que ela disse que só podia trazer se fosse tudo isso, não podia trazer pela metadi, nem faltandu nenhum dos itens. Aí o sinhô foi lá na cidade, se abestalhô na hora de comprá as coisa, não podia contar pra ninguém, aí comprô somente a linha, o espelho, a agulha e o penti e a outra coisa ele esqueceu.

Aí chegô lá a moça disse:

--- Num vale ! você não troxe todas as coisa que eu pidi.

Aí ele começô, aí ela foi desapareceno, aí pulanu de uma pedra pra outra e o sinhô voltô pra casa, ficô doidu, pensando qui num sabia se era real, se era ota coisa. Aí todud dia ele voltava lá, pra vê se a mulher ainda tava lá e ela ia pulando de uma pedra pra outra e ele queria acumpanhá, mas não tinha coragi. Até que um certu dia encontaro ele lá pertu, ele mortu lá e ficaram pensadu que ele morreu tentando acompanhar a mulher.

A2, 18 anos, Lavras da Mangabeira, 2016.

ANEXO 03A – A imagem de São Vicente Férrer

Mais ou menos em 1750 foi construída a primêra capelinha de São Vicente Férrer. Lavras da Mangabêra não existia ainda, só existia Mangabêra. E um vaquêro que tava procuranu um gadu e viu, dibaxo dum, viu uma istátua de São Vicente debaxo dum pé de juá. Ele pegô a imagi e levô pra Mangabêra. Lá em Mangabêra não era uma cidadi não, era mais or meno um sítiu, lá tinha um bucadu de casa. Só que a imagem depois desapareceu e quando passava num pé de juá e quando o vaquêro passô nu pé de juá de novo, aí a imagem tava lá. Aí ele levô até o patrão em Mangabêra.

O vaquêro entregô a imagem ao patrão, aí o patrão foi e resolveu criar a capelinha de São Vicente Férrer, embaxo do pé de juá.

E assim o tempu foi passanu, Lavras foi crescenu, crescenu até ganhá o nome de Lavras da Mangabêra. E prontu, até hoji tem a igreja lá.

A3, 18 anos, Lavras da Mangabeira, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Autorização da Instituição de ensino

PROJETO DE PESQUISA

A SOCIOLINGUÍSTICA E O CONTO POPULAR: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO CONTO AO RECONTO EM SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisadores: Maria Nazareth de Lima Arrais – professora orientadora
 Maria Adriana Leite Alves – Mestranda orientanda

Objetivo Central do estudo: Nosso projeto de pesquisa tem como objetivo analisar como ocorre a variação linguística no conto coletado na comunidade de Lavras da Mangabeira – CE e no reconto em sala de aula do 9º ano do ensino fundamental – EJA.

Papel dos participantes: Pretende-se a sua colaboração no sentido de permitir a utilização do espaço escolar para o desenvolvimento dessa pesquisa, através da aplicação de uma sequência didática para os alunos do 9º ano do ensino fundamental – EJA. Os dados obtidos servirão para análise e eficácia do Projeto interventivo do Programa de Mestrado-PROFLETRAS.

Papel dos Investigadores: A pesquisadora deste projeto compromete-se em garantir a confidencialidade dos dados que forem fornecidos pelos (as) participantes neste estudo e a utilizar esses dados somente para fins de investigação, sem que haja repercussões negativas aos participantes ou àqueles que se recusarem a participar.

AUTORIZAÇÃO

Eu _____, responsável por esta Instituição de ensino, autorizo o uso do espaço da Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra para fins de pesquisa e publicação, desde que se preserve a confidencialidade dos dados de identificação dos participantes envolvidos.

Por ser verdade, firmo a presente autorização.

_____, ____ de _____ de 2015.

 (Assinatura e carimbo)

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) na pesquisa *A SOCIOLINGUÍSTICA E O CONTO POPULAR: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO CONTO AO RECONTO* coordenado pela professora Maria Adriana Leite Alves, aluna da Universidade Federal de Campina Grande, Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Esta pesquisa tem por objetivo propor uma análise de contos populares numa perspectiva sociolinguística direcionada ao Ensino Fundamental a partir de contos coletados na comunidade de Lavras da Mangabeira – CE.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimento(s): contar histórias que conhece. Os riscos envolvidos com sua participação são: **desconforto pelo tempo exigido**. Para que não haja desconforto, você pode propor o melhor dia e horário para as conversas com o pesquisador, sem que lhe cause prejuízos.

Os benefícios da pesquisa serão: socialização de seus conhecimentos, melhoria da autoestima, registro de histórias caracterizadas como contos populares e contribuição para a educação básica de seu município, uma vez que suas histórias poderão ser trabalhadas nas escolas.

As informações obtidas poderão ser publicadas com sua identificação, caso aceite, assinando este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Isto porque a contação de histórias populares é uma prática artística que beneficia o ouvinte, além de não constituir uma propriedade do contador que apenas está repassando o que lhe passaram algum dia.

Você não terá gasto decorrente de sua participação na pesquisa. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada à Prof^ª. Maria Adriana Leite Alves, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Maria Adriana Leite Alves

Instituição: PROFLETRAS/Universidade Federal de Campina Grande – CFP

Endereço: Avenida Dicinella Maria de Oliveira, 592, Novo Horizonte, Lavras da Mangabeira - CE

Telefone: (88) 99228-2962

E-mail: adriana_lavras@outlook.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente desta pesquisa.

Lavras da Mangabeira - Ceará, ____ de _____ 2015.

Assinatura ou impressão datiloscópica

Maria Adriana Leite Alves